

UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO II



ENTERRADOS

BLAKE PIERCE



ENTERRADOS

(UUM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE—LIVRO 11)

BLAKE PIERCE

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Copyright© 2017 Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto como permitido sob o Copyright Act dos Estados Unidos de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou meios, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação sem a autorização prévia do autor. Este ebook está licenciado apenas para seu usufruto pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou dado a outras pessoas. Se gostava de partilhar este ebook com outra pessoa, por favor compre uma cópia para cada recipiente. Se está a ler este livro e não o comprou ou não foi comprado apenas para seu uso, por favor devolva-o e compre a sua cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes ou são o produto da imaginação do autor ou usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é uma coincidência. Jacket image Copyright anuruk perai, usado sob licença de Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)

UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)

UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)

ÍNDICE

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZASSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZASSETTE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZANOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE

PRÓLOGO

Courtney Wallace sentiu um calor familiar nos pulmões e nas coxas. Abrandou o ritmo até parar, curvou-se com as mãos nos joelhos e tentou recuperar o fôlego.

Era uma boa sensação – uma forma de acordar muito melhor do que através de uma chávena quente de café, apesar de dali a nada ir beber café com o pequeno-almoço. Ainda tinha tempo suficiente para tomar banho e comer antes de ir para o trabalho.

Courtney adorava o brilho da primeira luz da manhã entre as árvores e a humidade que pairava no ar. Em breve seria um dia quente de Maio, mas agora a temperatura estava perfeita, sobretudo ali na incrível Belle Terre Nature Preserve.

Também gostava da solidão. Quase não encontrara outra pessoa a correr naquele trilho – e nunca naquele momento do dia.

Apesar da sua satisfação em relação ao que a rodeava, começou a apoderar-se dela uma sensação de desilusão ao recuperar o controlo da respiração.

O seu namorado, Duncan, tinha mais uma vez prometido ir correr com ela – e mais uma vez recusara acordar. Provavelmente só acordaria muito depois dela ir trabalhar, talvez só à tarde.

Será que alguma vez vai acordar para a realidade? Interrogou-se.

E quando é que arranjará outro trabalho?

Começou a caminhar lentamente, esperando sacudir aqueles pensamentos negativos. Dali a nada começou a correr e aquele calor revigorante nos pulmões e nas pernas fez desaparecer a preocupação e a desilusão.

Depois o chão cedeu debaixo dela.

Estava a cair – um momento estranho e suspenso que parecia agonizantemente lento.

Caiu de forma brutal.

A luz do sol desapareceu e os seus olhos tinham que se ajustar à nova luminosidade.

Onde estou? Interrogou-se.

Viu que estava no fundo de uma vala estreita.

Mas como fora ali parar?

Sentiu uma dor horrível na sua perna direita.

Olhou para baixo e viu que o tornozelo estava dobrado num ângulo pouco natural.

Tentou mexer a perna. A dor agudizou-se e ela gritou. Tentou manter-se em pé, mas a perna colapsou. Consequia sentir os ossos partidos a embaterem uns nos outros. Um assomo de náusea subiu-lhe à garganta e quase desmaiou.

Ela sabia que precisava de ajuda e tentou alcançar o bolso para pegar no telemóvel.

Mas não estava lá!

Devia ter caído.

Devia estar algures por ali. Tentou encontrá-lo.

Mas estava parcialmente entrelaçada numa espécie de cobertor áspero e pesado juntamente com terra e folhas. Não conseguia encontrar o telefone.

Começou a ocorrer-lhe que tinha caído numa armadilha – um buraco com um pano bem disfarçado para o esconder.

Seria aquilo uma piada?

Se fosse o caso, não tinha piada nenhuma.

E como é que ela ia sair dali?

As paredes do buraco eram direitas, sem apoios para pés ou para mãos. Incapaz de se colocar em pé, nunca conseguiria sair dali sozinha.

E não era provável que alguém passasse por aquele trilho nas próximas horas.

Então ouviu uma voz vinda de cima.

“Ei! Teve um acidente?”

Respirou mais facilmente ao ouvir o som.

Olhou para cima e viu um homem de pé por cima dela. A sua figura estava contra a luz por isso não lhe via o rosto.

Ainda assim, mal acreditava na sua sorte. Depois de tantas manhãs sem ver ninguém naquele trilho, naquela manhã alguém passara por ali precisamente quando ela precisava de ajuda.

“Acho que tenho o tornozelo partido,” Disse ela ao homem. “E perdi o meu telemóvel.”

“Isso parece mau,” Disse o homem. “Como é que aconteceu?”

Que raio de pergunta é essa? Questionou-se.

Apesar de haver um sorriso na sua voz, Courtney desejava ver o seu rosto.

Ela disse, “Estava a correr e... estava aqui este buraco e...”
“E o quê?”
Courtney já se estava a sentir impaciente.
Disse, “Bem, obviamente que caí.”
O homem ficou imóvel durante alguns instantes. Depois disse, “É um grande buraco. Não o viu?”
Courtney libertou um urro de exasperação.
“Ouça, só preciso de ajuda para sair daqui, OK?”
O homem abanou a cabeça.
“Não devia vir correr para lugares que não conhece bem.”
“Mas eu conheço este lugar!” Fritou Courtney.
“Então como é que caiu neste buraco?”
Courtney estava perplexa. Ou o homem era um idiota ou estava a brincar com ela.
“É o idiota que escavou este buraco?” Disse ela. “Se é, não tem graça nenhuma raios. Tire-me daqui!”
Ficou chocada ao perceber que estava a choramingar.
“Como?” Perguntou o homem.
Courtney esticou o braço o máximo que conseguia.
“Aqui,” Disse ela. “Agarre na minha mão e puxe-me.”
“Não tenho a certeza se consigo ir tão fundo.”
“É claro que consegue.”
O homem riu-se. Era um riso agradável e amigável. Ainda assim, Courtney ainda gostava de poder ver o seu rosto.
“Eu trato de tudo,” Disse ele.
Afastou-se e desapareceu.
Depois ouviu sons metálicos a surgirem atrás de si.
Quando se apercebeu, sentiu um enorme peso a cair em cima de si.
Demorou alguns instantes a perceber que o homem acabara de largar uma carga de terra em cima dela.
Sentiu as mãos e as pernas a esfriarem – sinais de pânico, percebeu.
Não entres em pânico, Disse a si própria.
O que quer que se estivesse a passar, ela tinha que se manter calma.
Viu que o homem segurava num carrinho de mão. Mais alguns pedaços de terra caíram na sua cabeça.
“O que é que está a fazer?” Gritou ela.
“Descontraia,” Disse o homem. “Tal como eu disse, vou tratar de tudo.”

Ele afastou o carrinho de mão. Depois ela ouviu um tamborilar de terra contra metal outra vez.

Era o som do homem a carregar o carrinho de mão com mais terra.

Ela fechou os olhos, respirou fundo, abriu a boca e soltou um longo e penetrante grito.

“Socorro!”

Depois sentiu um pedaço de terra a atingi-la no rosto. Alguma da terra entrou na boca e ela engasgou-se e cuspiu-a.

Com uma voz ainda amigável, o homem disse...

“Receio que vá ter que gritar muito mais alto do que isso.”

Depois acrescentou com uma risada...

“Eu mal a ouço.”

Ela soltou outro grito, chocada com a amplitude da sua voz.

Então o homem largou o conteúdo do carrinho de mão em cima dela.

Não conseguia gritar outra vez. A sua garganta estava coberta de terra.

Sentiu-se avassalada por uma assustadora sensação de déjà vu. Já experimentara algo assim – aquela incapacidade de fugir do perigo ou até de gritar.

Mas essas experiências haviam sido pesadelos. E ela sempre acordara deles.

Com certeza que se tratava de outro pesadelo.

Acorda, Disse a si própria vezes sem conta. *Acorda, acorda, acorda...*

Mas não conseguia acordar.

Não era um sonho.

Era a realidade.

CAPÍTULO UM

A Agente Especial Riley Paige estava a trabalhar na sua secretária no edifício da UAC em Quantico quando foi avassalada por uma memória desconfortável...

*Um homem de pele negra olhava para ela com olhos vidrados.
Tinha uma ferida de bala no ombro e uma outra ferida muito mais grave no abdómen.*

Numa voz fraca e amarga, disse a Riley...

“Ordeno-lhe que me mate.”

A mão de Riley estava pousada na arma.

Ela devia matá-lo.

Tinha todas as razões do mundo para o fazer.

Ainda assim, não sabia o que fazer...

A voz de uma mulher despertou Riley.

“Parece que estás a pensar em alguma coisa.”

Riley olhou e viu uma jovem mulher Afro-Americana com cabelo curto à porta do seu gabinete.

Era Jenn Roston que fora a nova parceira de Riley no mais recente caso.

Riley sacudiu-se ligeiramente.

“Não é nada,” Disse ela.

Os olhos castanho escuros de Jenn demonstravam preocupação.

Ela disse, “Oh, tenho a certeza de que não é nada.”

Quando Riley não respondeu, Jenn disse, “Estás a pensar no Shane Hatcher, não estás?”

Riley anuiu em silêncio. As memórias não a largavam por aqueles dias – memórias do seu terrível confronto com o homem ferido na cabana do pai.

A relação de Riley com o foragido tinha como base um estranho laço de lealdade. Ele estava a monte há cinco meses e ela nem sequer tentara restringir a sua liberdade – não até ele começar a assassinar pessoas inocentes.

Agora era-lhe difícil acreditar que o deixara em liberdade durante tanto tempo.

Aquela relação fora perturbadora, ilegal e muito, muito obscura. De todas as pessoas que Riley conhecia, aquela que melhor tinha conhecimento do quão obscura fora, era Jenn.

Por fim, Riley disse, “Não consigo parar de pensar – devia tê-lo morto.”

Jenn disse, “Ele estava ferido, Riley. Não era uma ameaça para ti.”

“Eu sei,” Disse Riley. “Mas não consigo parar de pensar que deixei a minha lealdade interferir no eu julgamento.”

Jenn abanou a cabeça.

“Riley, já falámos sobre isto. Tu já sabes o que eu penso sobre o assunto. Fizeste a coisa certa. Aqui todos têm a mesma opinião.”

Riley sabia que era verdade. Os seus colegas e superiores tinham-lhe dado os parabéns por trazer Hatcher vivo. A sua boa vontade era uma mudança bem-vinda. Desde que Riley estava no encalço de Hatcher que todos estavam justificadamente suspeitosos dela. Agora que a nuvem de suspeita se dissipara, os rostos dos colegas estavam novamente amigáveis e era cumprimentada com renovado respeito.

Riley sentiu-se outra vez verdadeiramente em casa.

Então Jenn sorriu e acrescentou, “Raios, até fizeste as coisas segundo as regras uma vez na vida.”

Riley riu-se. Era certo que tinha seguido os procedimentos corretos na prisão de Hatcher – o que era muito mais do que podia dizer em muitas das suas ações durante o caso que ela e Jenn tinham resolvido juntas.

Riley disse, “Pois, parece que tiveste um curso intensivo dos meus... métodos pouco convencionais.”

“Podes crer que sim.”

Riley riu-se desconfortavelmente. Tinha ignorado ainda mais regras do que o habitual. A Jenn tinha-a apoiado lealmente – mesmo quando ela entrara na casa de um suspeito sem mandado. A Jenn podia ter reportado as suas ações. Podia fazer com que Riley fosse despedida.

“Jenn, estou-te muito agradecida...”

“Não tens que agradecer,” Disse Jenn. “É passado. O que vem a seguir é que importa.”

O sorriso de Jenn aumentou ao acrescentar, “E não estou à espera que ajas como uma escuteira. E também não esperes isso de mim.”

Riley riu-se novamente, de modo mais confortável desta vez.

Custava-lhe acreditar que há pouco tempo ainda não confiava em Jenn e até a considerava uma inimiga.

No final de contas, Jenn fizera muito mais por Riley do que apenas ser discreta quanto às suas ações.

“Já te agradei por teres salvo a minha vida?” Perguntou Riley.

Jenn sorriu.

“Acho que já perdi a noção do número de vezes,” Disse ela.

“Bem, obrigada outra vez.”

Jenn não disse nada. O seu sorriso desvaneceu-se e deu lugar a um olhar distante.

“Querias alguma coisa, Jenn?” Perguntou Riley. “Quero dizer, porque é que passaste por cá?”

Jenn ficou a olhar para o corredor durante alguns instantes.

Por fim disse, “Riley, não sei se te devia dizer...” Não concluiu o que ia dizer.

Riley percebeu que algo a incomodava. Queria tranquiliza-la, dizer-lhe qualquer coisa como...

“Podes dizer-me qualquer coisa.”

Mas podia ser pretensioso da parte dela.

Por fim Jenn pareceu tremer ligeiramente.

“Esquece,” Disse ela. “Não é nada com que te devas preocupar.”

“Tens a certeza?”

“Sim.”

Sem dizer mais uma palavra, Jenn desapareceu no fundo do corredor, deixando Riley com uma sensação de desconforto. Há muito que tinha a noção que Jenn tinha os seus próprios segredos – talvez bem obscuros.

Porque é que ela não confia e mim? Perguntou-se Riley.

Parecia que uma ou outra sempre estava um pouco desconfiada. Isso não era bo se quisessem trabalhar juntas como parceiras.

Mas não havia nada que Riley pudesse fazer – pelo menos não para já.

Olhou para o relógio. Estava quase atrasada para uma reunião com o seu parceiro de longa data, Bill Jeffreys.

O pobre Bill estava de licença por aqueles dias, a sofrer de SPT depois do terrível incidente no seu último caso juntos. Riley sentiu uma pontada de tristeza ao lembrá-lo.

Ela e Bill trabalhavam juntos com uma jovem agente promissora chamada Lucy Vargas.

Mas Lucy fora morta em serviço.

Riley sentia falta de Lucy todos os dias.

Mas pelo menos não se sentia culpada pela sua morte.

Bill sentia-se.

Naquela manhã, Bill ligara a Riley e pedira-lhe para se encontrarem na base da Marinha que ocupava grande parte das instalações de Quantico.

Não lhe dissera porquê, o que a preocupava. Esperava não ser nada sério.

Riley levantou-se ansiosamente da sua secretária e saiu do edifício da UAC.

CAPÍTULO DOIS

Bill sentia-se um pouco preocupado ao conduzir Riley até à carreira de tiro da Marinha.

Estarei preparado para isto? Perguntou-se.

Quase parecia uma pergunta estúpida. Afinal de contas, tratava-se apenas de tiro ao alvo.

Mas este não era um treino qualquer.

Tal como ele, Riley usava um uniforme camuflado e pegava numa espingarda M16-A4 carregada com munições reais.

Mas ao contrário de Bill, Riley não fazia ideia do que iriam fazer.

“Gostava que me dissesse o que é que se passa,” Disse Riley.

“Vai ser uma nova experiência para nós os dois,” Disse ele.

Bill nunca experimentara aquele tipo de carreira de tiro. Mas Mike Nevins, o psiquiatra que o acompanhava, recomendara-a para ele.

“Será uma boa terapia,” Dissera Mike.

Bill esperava que Mike tivesse razão. E também esperava descontrair mais estando Riley presente.

Bill e Riley posicionaram-se um ao lado do outro, encarando um campo relvado que se espraiava por área pavimentada. No chão encontravam-se barreiras verticais marcadas com buracos de bala. Há alguns momentos atrás, Bill tinha falado com um tipo numa cabina de controlo e tudo já devia estar pronto.

Agora falava ao mesmo tipo através de um pequeno microfone à frente da sua boca.

“Alvos aleatórios. Vai.”

De repente, figuras de tamanho humano surgiram de trás das barreiras, todas movendo-se na área pavimentada. Usavam uniformes ao estilo de combatentes do ISIS e pareciam estar armados.

“Hostis!” Disse Bill a Riley. “Dispara!”

Riley estava demasiado alarmada para disparar, mas Bill disparou um tiro e falhou. Depois disparou outro tiro e atingiu uma das figuras. A figura curvou-se completamente e parou de se mexer. As outras viraram-se para evitar o tiroteio, algumas movimentando-se mais rapidamente, outras escondendo-se atrás das barreiras.

Riley disse, “Que raio!”

Ela ainda não tinha disparado um único tiro.

Bill riu-se.

“Para,” Disse ele para o microfone.

De repente, todas as figuras pararam.

“Hoje estamos a disparar contra bonecos com rodas?” Perguntou Riley a rir.

Bill explicou, “São robôs autónomos montados em Segways. Aquele tipo com quem falei há pouco na cabina, despoleta programas para eles seguirem. Mas não controla cada movimento que fazem. Na verdade, não os controla minimamente. Eles ‘sabem’ o que fazer. Têm *scanners* a laser e algoritmos de navegação para que se possam evitar uns aos outros e às barreiras.”

Os olhos de Riley arregalaram-se de espanto.

“Pois,” Disse ela. “E eles sabem o que fazer quando se inicia o tiroteio – correm ou escondem-se ou ambos.”

“Queres experimentar outra vez?” Perguntou Bill.

Riley anuiu, começando a parecer entusiasmada.

Mais uma vez Bill falou para o microfone, “Alvos aleatórios. Vai.”

As figuras começaram a movimentar-se como anteriormente, e Riley e Bill dispararam contra eles. Bill atingiu um dos robôs e Riley também. Ambos esses robôs pararam e curvaram-se. Os outros robôs dispersaram-se, alguns deslizando caprichosamente, outros escondendo-se atrás das barreiras.

Riley e Bill continuaram a disparar, mas o tiroteio endureceu. Os robôs que se movimentavam, faziam-no de forma imprevisível e a velocidades que variavam. Os que se escondiam atrás das barreiras estavam sempre à espreita, desafiando Riley e Bill a disparar. Era impossível saber de que lado da barreira podiam aparecer. Então, ou corriam em círculos ou abrigavam-se novamente.

Apesar de todo aquele caos aparente, apenas levou cerca de meio minuto para que Riley e Bill abatessem os oito robôs. Estavam todos curvados e parados entre as barreiras.

Riley e Bill baixaram as armas.

“Foi estranho,” Disse Riley.

“Queres parar?” Perguntou Bill.

Riley deu uma risada.

“Estás a brincar? Nem pensar. O que vem a seguir?”

Bill engoliu em seco, subitamente sentindo-se nervoso.

“Devemos abater os hostis sem matar civis,” Disse ele.

Riley olhou para ele. Ela compreendia a sua preocupação. Ela sabia perfeitamente bem por que é que aquele novo exercício o fazia sentir-se desconfortável. Lembrava-lhe do jovem inocente contra quem disparara recentemente. O jovem tinha recuperado do ferimento, mas Bill ainda não conseguia lidar bem com aquela culpa.

Bill também se sentia desconfortável porque naquele mesmo incidente, uma jovem e brilhante agente chamada Lucy Vargas fora morta.

Se ao menos tivesse conseguido salvá-la, Pensou mais uma vez.

Bill estava de licença desde então, pensando se alguma vez conseguiria regressar ao trabalho. Fora-se completamente abaixo, refugiando-se no álcool e até colocando a hipótese de suicídio.

Riley ajudara-o a ultrapassar aquela fase – na verdade, talvez lhe tivesse salvo a vida.

E Bill sentia-se melhor.

Mas estaria preparado para aquilo?

Riley não parava de o observar com preocupação.

“Tens a certeza de que é uma boa ideia?” Perguntou ela.

Mais uma vez, Bill lembrou-se do que Mike Nevins dissera.

“Vai ser uma boa terapia.”

Bill assentiu para Riley.

“Penso que sim,” Disse ele.

Retomaram as suas posições e ergueram as armas. Bill falou para o microfone. “Hostis e civil.”

As mesmas ações decorreram – só que desta vez, uma das figuras era uma mulher coberta por um hijab azul. Não era difícil distingui-la dos hostis vestidos de castanho. Mas ela movimentava-se entre eles de forma aparentemente aleatória.

Riley e Bill começaram a agir como anteriormente – algumas das figuras masculinas esquivavam-se das balas, outras escondiam-se atrás das barreiras para em momentos imprevisíveis se mostrarem.

A figura feminina também se movia como se estivesse assustada pelo tiroteio, correndo de um lado para o outro freneticamente, mas nunca se escondendo atrás das barreiras. O seu pânico simulado apenas tornava mais difícil não a atingir acidentalmente.

Bill sentiu suor frio a formar-se na sua testa enquanto disparava um tiro após outro.

Dali a nada, ele e Riley tinham atingido todos os hostis e a mulher de hijab permanecia sozinha incólume.

Bill libertou um suspiro de alívio e baixou a sua arma.

“Como é que estás?” Perguntou Riley com uma nota de preocupação na voz.

“Acho que bem,” Disse Bill.

Mas tinhas as palmas das mãos húmidas e tremia ligeiramente.

“Talvez já chegue por agora,” Disse Riley.

Bill abanou a cabeça.

“Não,” Disse ele. “Temos que tentar o próximo programa.”

“E é o quê?”

Bill engoliu em seco.

“É uma situação de reféns. O civil será morto a não ser que nós abatamos dois hostis em simultâneo.”

Riley disse-lhe, “Bill, não sei...”

“Anda,” Disse Bill. “É apenas um jogo. Vamos experimentar.”

Riley encolheu os ombros e ergueu a sua arma.

Bill falou para o microfone, “Situação de reféns. Vai.”

Os robôs ganharam vida novamente. A figura feminina ficou à vista enquanto os hostis desapareceram atrás das barreiras.

Então dois hostis surgiram de trás das barreiras, movimentando-se de forma ameaçadora em torno da figura feminina que se esquivava para trás e para a frente com aparente ansiedade.

Bill sabia que o truque era ele e Riley dispararem contra os hostis mal tivessem a possibilidade de acertarem certamente.

Dependia dele discernir qual o melhor momento.

Quando ele e Riley apontaram as suas armas cuidadosamente, Bill disse...

“Eu fico com o que está à esquerda, tu com o da direita. Dispara quando eu disser ‘Vai’”.

“Tudo bem,” Disse Riley calmamente.

Bill monitorizou cuidadosamente os movimentos e posições dos dois hostis. Apercebeu-se de que iria ser difícil – muito mais difícil do que esperava.

Mal um dos hostis se afastou, o outro colocou-se perigosamente próximo da refém.

Será que vamos conseguir um tiro certo? Perguntou-se.

Então, por um momento breve, os dois hostis afastaram-se ligeiramente em direções opostas da refém.

“Vai!” Gritou Bill.

Mas antes que conseguisse premir o gatilho, foi dominado por uma catadupa de imagens...

Dirigia-se ao edifício abandonado quando ouviu um tiro.

Sacou da arma e correu para o interior do edifício onde viu Lucy deitada no chão.

Viu um jovem a mover-se na sua direção.

Instintivamente, Bill disparou e atingiu o jovem.

O homem girou antes de cair – e só nessa altura Bill viu que as suas mãos estavam vazias.

Estava desarmado.

O homem apenas tentava ajudar Lucy.

Mortalmente ferida, Lucy ergueu-se pelo cotovelo e disparou seis tiros na direção do seu atacante...

... o homem que Bill devia ter morto.

Um tiro foi disparado da espingarda de Riley, despertando Bill das suas recordações.

As imagens haviam chegado numa fração de segundos.

Um dos hostis curvou-se, morto pelo tiro de Riley.

Mas Bill permanecia inerte. Não conseguia disparar o gatilho.

O hostil sobrevivente virou-se ameaçadoramente na direção da mulher e um tiro gravado ribombou num altifalante.

A mulher curvou-se e parou de se mexer.

Bill finalmente disparou a sua arma e atingiu o hostil sobrevivente – mas tarde demais para a refém que já se encontrava morta.

Durante um instante, a situação pareceu horrivelmente real.

“Meu Deus,” Disse ele. “Oh, meu Deus, o que é que eu permiti que acontecesse?”

Bill deu um passo em frente, quase como se quisesse socorrer a mulher.

Riley colocou-se à sua frente para o parar.

“Bill, está tudo bem! É apenas um jogo! Não é real!”

Bill parou tremendo e tentando acalmar-se.

“Riley, peço desculpa, é que... tudo regressou durante um segundo e...”

“Eu sei,” Disse Riley. “Eu compreendo.”

Bill deixou-se cair e abanou a cabeça.

“Talvez não esteja pronto para isto,” Disse ele. “Talvez seja melhor pararmos por hoje.”

Riley deu-lhe uma palmadinha no ombro.

“Não,” Disse ela. “Acho melhor repetirmos.”

Bill respirou profundamente algumas vezes. Ele sabia que Riley tinha razão.

Ele e Riley retomaram as suas posições, e Bill mais uma vez disse ao microfone...

“Situação de refém. Vai.”

A mesma ação foi retomada com dois hostis a rondarem perigosamente uma refém.

Bill respirou calmamente, inspirou e expirou, ao olhar pela mira.

É apenas um jogo, Disse a si próprio. *É apenas um jogo.*

Por fim, chegou o momento por que esperava. Ambos os hostis tinham-se afastado ligeiramente da refém. Ainda era um tiro perigoso, mas Bill e Riley tinham que arriscar.

“Vai!” Disse ele.

Desta vez, ele disparou de imediato e ouviu o som do tiro de Riley uma fração de segundo mais tarde.

Ambos os hostis se curvaram e pararam de se mexer.

Bill baixou a arma.

Riley deu-lhe uma palmadinha nas costas.

“Conseguiste, Bill,” Disse ela a sorrir. “Estou a gostar disto. Que mais conseguimos fazer com estes robôs?”

Bill disse, “Há um programa onde podemos avançar na sua direção ao mesmo tempo que disparamos.”

“Vamos experimentar.”

Bill falou para o microfone.

“Aproximação.”

Os oito robôs começaram a mexer-se e Bill e Riley avançaram na sua direção passo a passo, disparando. Alguns robôs caíram e outros andavam à voltas tornando mais difícil atingi-los.

Enquanto Bill disparava, apercebeu-se de que algo faltava naquela simulação.

Eles não ripostam, Pensou ele.

Também o seu alívio por salvar a refém assumia agora contornos estranhos. No final de contas, ele e Riley apenas tinham salvo a vida de robô.

Não alterou a realidade do que tinha acontecido recentemente.

E mais importante de tudo, não tinha trazido Lucy de volta.

A sua culpa ainda o assombrava. Alguma vez conseguiria libertar-se dela?

E alguma vez conseguiria regressar ao trabalho?

CAPÍTULO TRÊS

Depois do treino, Riley ainda estava preocupada com Bill. É verdade que tinha recuperado rapidamente da inação. E até parecia ter-se divertido quando iniciaram o tiro de aproximação.

Ele até parecia contente quando deixara Quantico para regressar ao seu apartamento. Ainda assim, aquele não era o velho Bill que fora seu parceiro durante tantos anos – e que se tornara no seu melhor amigo.

Ela sabia o que o preocupava mais.

Bill receava não conseguir regressar ao trabalho.

Ela queria poder consolá-lo com palavras simples – qualquer coisa como...

“Estás só a passar por uma fase menos boa. Acontece a todos. Vais ultrapassar isso mais rapidamente do que pensas.”

Mas consolos loquazes não eram aquilo de que Bill precisava naquele momento. E a verdade era que Riley nem sabia se aquilo era verdade.

Ela própria sofrera de SPT e sabia quão difícil era a recuperação. Teria apenas que ajudar Bill naquele terrível processo.

Apesar de Riley ter voltado para o seu gabinete, não tinha muito mais a fazer na UAC naquele dia. Não tinha nenhum caso com que se ocupar e aqueles dias mais calmos eram bem-vindos depois da intensidade do último caso no Iowa. Terminou o que tinha a terminar e foi-se embora.

Ao dirigir-se para casa, sentia-se satisfeita ao pensar em jantar com a família. Estava especialmente agradada com o facto de ter convidado Blaine Hildreth e a filha para jantarem com eles naquela noite.

Riley estava feliz por Blaine fazer parte da sua vida. Ele era um homem bonito e encantador. E tal como ela, tinha-se divorciado há relativamente pouco tempo.

Também constataria que era incrivelmente corajoso.

Fora Blaine quem atingira e ferira Shane Hatcher quando ele ameaçara a família de Riley.

Riley ficar-lhe-ia eternamente grata por isso.

Até àquele momento, passara uma noite com Blaine em sua casa. Tinham sido bastante discretos quanto a isso – a sua filha, Crystal, estava fora a visitar os primos nas férias. Riley sorriu ao lembrar-se daquela noite.

Iria esta noite terminar da mesma forma?

*

A empregada de Riley, Gabriela, tinha cozinhado uma deliciosa refeição de *chiles rellenos* a partir de uma receita de família que trouxera da Guatemala. Toda a gente estava a adorar os pimentos recheados.

Riley sentia-se satisfeita com o maravilhoso jantar e magnífica companhia.

“Não está demasiado *picante*?” Perguntou Gabriela.

Não estava demasiado condimentado e picante para as papilas gustativas Americanas e Riley tinha a certeza de que Gabriela o sabia. Gabriela sempre tinha cuidado ao preparar aquelas receitas originais. Era óbvio que procurava elogios, e não demoraram muito a surgir.

“Não, está perfeito,” Disse April, a filha de quinze anos de Riley.

“O melhor de sempre,” Disse Jilly, a menina de treze anos que Riley estava a tentar adotar.

“Simplesmente maravilhoso,” Disse Crystal, a melhor amiga de April.

O pai de Crystal, Blaine Hildreth, não disse nada de imediato. Mas Riley percebeu pela sua expressão que estava encantando com o prato. Ela também sabia que a opinião de Blaine era em parte profissional. Blaine era dono de um restaurante ali em Fredericksburg.

“Como é que o faz Gabriela?” Perguntou Blaine depois de algumas dentadas.

“*Es un secreto*,” Disse Gabriela com um sorriso malicioso.

“Com que então um segredo?” Disse Blaine. “Que tipo de queijo utiliza? Não consigo perceber. Sei que não é Monterey Jack ou Chihuahua. Talvez Manchego?”

Gabriela abanou a cabeça.

“Nunca o direi,” Disse ela com uma risada.

Enquanto Blaine e Gabriela continuaram a discutir sobre a receita, parte em Inglês e parte em Espanhol, Riley deu por si a pensar se ela e Blaine poderiam...

Corou ao ocorrer-lhe a ideia.

Não, não vai acontecer esta noite.

Não poderia haver escapatória graciosa ou discreta com toda a gente ali.

Não que as coisas não estivessem bem como estavam.

Estar rodeada de gente que amava era um enorme prazer. Mas ao observar a sua família e amigos a divertirem-se, uma nova preocupação começou a surgir na mente de Riley.

Havia uma pessoa que mal tinha dito uma palavra à mesa. Era Liam, o mais recente hóspede na casa de Riley. Liam tinha a idade de April e os dois adolescentes tinham namorado a dada altura. Riley tinha salvo o miúdo de um pai agressivo e bêbedo. Ele precisava de um lugar para viver e naquele momento dormia num sofá-cama em casa de Riley.

Geralmente, Liam era falador e sociável. Mas algo parecia estar a incomodá-lo naquela noite.

Riley perguntou, “Passa-se alguma coisa, Liam?”

O rapaz parecia nem sequer a ouvir.

Riley falou um pouco mais alto.

“Liam.”

Liam levantou os olhos da refeição em que mal tinha tocado até ao momento.

“Huh?” Disse ele.

“Passa-se alguma coisa?”

“Não. Porquê?”

Riley não tinha dúvida de que algo estava errado. Liam nunca era parco em palavras como estava a ser.

“Ocorreu-me que se poderia passar algo,” Disse ela.

Tentou não se esquecer que teria que falar com Liam mais tarde.

*

Gabriela terminou a refeição com um delicioso pudim flan. Riley e Blaine tomaram bebidas enquanto os quatro miúdos se entretinham na sala. Por fim, Blaine e a filha foram embora.

Riley esperou até April e Jilly irem dormir. Depois foi sozinha até à sala familiar onde Liam estava sentado no sofá ainda fechado a olhar para o vazio.

“Liam, eu sei que se passa alguma coisa. Gostava que me disseses o que é.”

“Não se passa nada,” Disse Liam.

Riley cruzou os braços e não disse nada. Ela sabia por experiência própria que às vezes o melhor era esperar.

Então Liam disse, “Não quero falar sobre o assunto.”

Riley ficou alarmada. Estava habituada a alterações de humor adolescente da April e da Jilly, pelo menos de vez em quando. Mas aquilo não era típico de Liam. Ele era sempre agradável e afetuoso. Também era um estudante dedicado e Riley apreciava a influência que ele exercia em April.

Riley continuou à espera em silêncio.

Por fim, Liam disse, “Recebi hoje uma chamada do meu pai.”

Riley sentiu um buraco no estômago.

Não conseguia evitar lembrar-se daquele dia terrível quando fora a casa de Liam para o salvar de ser espancado pelo pai.

Ela sabia que não devia estar surpreendida, mas não sabia o que dizer.

Liam disse, “Ele diz que está arrependido de tudo. Diz que tem saudades minhas.”

A preocupação de Riley aumentou. Ela não tinha qualquer custódia legal sobre Liam. Naquele momento, ela era uma espécie de mãe adotiva improvisada e não fazia ideia de qual seria o seu papel na sua vida futura.

“Ele quer que voltes para casa?” Perguntou Riley.

Liam anuiu.

Riley não conseguia colocar a pergunta mais óbvia...

“O que é que tu queres?”

O que é que ela faria – o que poderia ela fazer – se Liam dissesse que queria regressar a casa?

Riley sabia que Liam era um rapaz carinhoso e com capacidade de perdoar. Tal como muitas vítimas de abusos, também era propenso à negação.

Riley sentou-se a seu lado.

Perguntou, “Tens sido feliz aqui?”

Liam emitiu um som sufocado. Pela primeira vez, Riley apercebeu-se de que ele estava à beira de chorar.

“Oh, sim,” Disse ele. “Tem sido... Eu tenho estado... tão feliz.”

Riley sentiu um nó na garganta. Ela queria dizer-lhe que ele podia ficar o tempo que quisesse. Mas o que poderia ela fazer se o pai exigisse o seu regresso? Ela nada poderia fazer para o impedir.

Uma lágrima correu pelo rosto de Liam.

“É só que... desde que a mãe se foi embora... sou tudo o que o pai tem. Ou pelo menos era até me ir embora. Agora está completamente sozinho. Ele diz que parou de beber. Diz que não me vai magoar nunca mais.”

Riley quase disse...

“Não acredites nele. Nunca acredites nele quando disser isso.”

Mas em vez disso, Riley disse, “Liam, o teu pai está muito doente.”

“Eu sei,” Disse Liam.

“Depende dele obter a ajuda de que precisa. Mas até a obter... bem, será muito difícil ele mudar.”

Riley não disse mais nada durante alguns momentos.

Depois acrescentou, “Lembra-te sempre que a culpa não é tua. Sabes disso, não sabes?”

Liam engoliu um soluço e anuiu.

“Voltaste a vê-lo?” Perguntou Riley.

Liam abanou a cabeça em silêncio.

Riley deu-lhe uma palmadinha na mão.

“Só quero que me prometas uma coisa. Se fores vê-lo. Não vás sozinho. Quero estar lá contigo. Prometes?”

“Prometo,” Disse Liam.

Riley pegou numa caixa de lenços e deu um a Liam que limpou os olhos e assoou o nariz. Depois os dois ficaram sentados em silêncio durante algum tempo.

Por fim, Riley disse, “Precisas de mim para mais alguma coisa?”

“Não. Agora estou bem. Obrigado por... bem, você sabe.”

E sorriu-lhe muito ligeiramente.

“Por tudo,” Acrescentou ele.

“Não tens de quê,” Disse Riley, devolvendo-lhe o sorriso.

Ela saiu da sala familiar, caminhou até à sala de estar e sentou-se sozinha no sofá.

De repente, foi acometida por uma emoção tão grande que não conseguiu evitar chorar. Ficou alarmada por perceber como ficara abalada com a conversa que acabara de ter com Liam.

Mas quando pensou nisso, foi fácil perceber porquê.

Estou tão desnorteada, Pensou.

No final de contas, ainda estava a tratar da adoção de Jilly. Salvava a pobre rapariga de horrores inomináveis. Quando Riley a encontrou, Jilly estava a tentar vender o corpo por puro desespero.

Então em que é que Riley estava a pensar ao trazer outro adolescente para casa?

De repente desejou que Blaine ainda ali estivesse para conversarem.

O Blaine parecia sempre saber o que dizer.

Ela apreciara a calma entre casos durante algum tempo, mas aos poucos, as preocupações começavam a insinuar-se – preocupações relacionadas com a sua família e hoje com Bill.

Não pareciam umas férias.

Riley não conseguia evitar pensar...

Passa-se algo de errado comigo?

Seria ela simplesmente incapaz de gozar uma vida pacífica?

De qualquer das formas, podia ter a certeza de uma coisa.

Aquela trégua não duraria. Algures, algum monstro estava a cometer algum feito hediondo – e teria que ser ela a pará-lo.

CAPÍTULO QUATRO

Riley foi acordada na manhã seguinte pelo som do seu telemóvel a vibrar.

A trégua terminou, Pensou.

Olhou para o telemóvel e viu que tinha razão. Era um SMS do seu chefe de equipa na UAC, Brent Meredith. Deveria encontrar-se com ele e a mensagem estava escrita no seu típico estilo conciso...

UAC 8:00

Riley olhou para as horas e apercebeu-se que tinha que se despachar para chegar a tempo à reunião tão apressadamente marcada. Quantico ficava apenas a meia-hora de carro de casa, mas ela precisava de se apressar.

Riley demorou apenas alguns minutos a escovar os dentes, pentear o cabelo, vestir-se e descer as escadas.

Gabriela já fazia o pequeno-almoço na cozinha.

“O café está pronto?” Perguntou-lhe Riley.

“*Sí,*” Disse Gabriela e serviu-a.

Riley bebeu um gole de café sofregamente.

“Vai-se embora sem tomar o pequeno-almoço? Perguntou-lhe Gabriela.

“Temo que sim.”

Gabriela deu-lhe uma *bagel*.

“Então leve isto consigo. Tem que ter alguma coisa no estômago.”

Riley agradeceu a Gabriela, bebeu um pouco mais de café e correu para o carro.

Durante a curta viagem até Quantico, foi arrebatada por uma sensação peculiar.

Começou realmente a sentir-se melhor do que nos últimos dias, até ligeiramente eufórica.

Era em parte um aumento de adrenalina, é claro, já que a sua mente e corpo se preparavam para mergulhar num novo caso.

Mas era também algo perturbador – uma sensação de que as coisas estavam de alguma forma a voltar ao normal.

Riley suspirou perante essa tomada de consciência.

Interrogou-se – perseguir monstros era algo mais normal do que passar tempo com aqueles que amava?

Não pode ser... bem, normal, Pensou.

Pior, lembrava-lhe de algo que o pai, um Marine aposentado amargo e brutal, lhe tinha dito antes de morrer.

“És uma caçadora. Aquilo que é normal para as pessoas – para ti seria o fim.”

Riley queria muito que tal não fosse verdade.

Mas em momentos como aquele, não podia deixar de se preocupar – seriam os papéis de esposa, mãe e amiga impossíveis de alcançar?

Seria inútil sequer tentar?

Seria “a caça” a única coisa que ela realmente tinha na vida?

Não, não era a única coisa.

Claramente nem sequer era a coisa mais importante na sua vida.

Firmemente, colocou aquela pergunta desagradável de lado.

Quando chegou ao edifício da UAC, estacionou e apressou-se diretamente para o gabinete de Brent Meredith.

Viu que Jenn já lá se encontrava, parecendo mais desperta do que Riley. Ela sabia que Jenn, tal como Bill, tinha um apartamento da cidade de Quantico, por isso levava menos tempo a ali chegar. Mas Riley também atribuía alguma daquela frescura matinal de Jenn à sua juventude.

Riley já fora como Jenn quando era mais nova – pronta e ansiosa para entrar em ação a qualquer momento do dia ou da noite, e capaz de se privar de descanso por longos períodos quando o trabalho assim o exigia.

Estariam esses dias a desaparecer?

Não era um pensamento agradável e não ajudava a melhorar a disposição já sorumbática de Riley.

Sentado na sua secretária, Brent Meredith estava formidável como sempre, com os seus traços negros angulares e a sua permanente atitude de frontalidade.

Riley sentou-se e Meredith não perdeu tempo a ir direto ao assunto.

“Ocorreu um homicídio esta manhã. Sucedeu numa praia pública na Belle Terre Nature Preserve. Conhecem este lugar?”

Jenn disse, “Estive lá algumas vezes. É um local fantástico para caminhar.”

“Eu também já lá estive,” Disse Riley.

Riley lembrava-se da reserva natural muito bem. Ficava na Baía de Chesapeake, a apenas duas horas de distância de Quantico. Tinha uma zona densamente arborizada e uma ampla praia pública na baía. Era uma área popular para pessoas que gostavam de atividades ao ar livre.

Meredith tamborilou os dedos na secretária.

“A vítima era Todd Brier, um pastor Luterano em Sattler. Foi enterrado vivo na praia.”

Riley estremeceu.

Enterrado vivo!

Já tivera pesadelos com aquilo, mas nunca trabalhara num caso que envolvesse este tipo particular de crime.

Meredith continuou, “Brier foi encontrado às sete desta manhã e parece que estava morto há apenas uma hora.”

Jenn perguntou, “O que faz disto um caso para nós?”

Meredith disse, “Brier não é a primeira vítima. Ontem foi encontrado outro corpo não muito longe – uma jovem chamada Courtney Wallace.”

Riley conteve um suspiro.

“Não me diga nada,” Disse ela. “Também foi enterrada viva.”

“Sim,” Disse Meredith. “Foi morta num dos trilhos de caminhada na mesma reserva natural, aparentemente também de manhã. Foi descoberta mais tarde nesse mesmo dia quando uma pessoa que caminhava encontrou a terra remexida e ligou para os serviços do parque.”

Meredith reclinou-se na sua cadeira e girou-a para trás e para a frente.

Disse, “Até agora, a polícia local não tem quaisquer suspeitos ou testemunhas. Para além dos locais e do MO, não têm muito mais. Ambas as vítimas eram jovens e saudáveis. Ainda não houve tempo para estabelecer qualquer relação entre eles, a não ser que ambos ali estavam de manhã cedo.”

Riley tentou compreender o que acabara de ouvir. Até ao momento, era muito pouco o que tinha para chegar a conclusões.

Perguntou, “A polícia local delimitou a área?”

Meredith anuiu.

“Delimitaram a área arborizada junto ao trilho e metade da praia. Disse-lhes para não mexerem no corpo até ao meu pessoal lá chegar.”

“E o corpo da mulher?” Perguntou Jenn.

“Está na morgue em Sattler, a cidade mais próxima. O Médico-legista do Tidewater District está na praia neste momento. Quero que vocês as

duas vão para lá o mais rapidamente possível. Levem um carro do FBI, qualquer coisa que vos dê visibilidade. Tenho a esperança de que se o FBI estiver visível na cena, pode dissuadir o assassino. Acredito que ainda não tenha terminado a sua missão.”

Meredith olhou para Riley e Jenn.

“Alguma pergunta?” Questionou.

Riley tinha uma pergunta, mas não sabia se a devia colocar.

Por fim disse, “Senhor, gostava de fazer um pedido.”

“Então?” Disse Meredith, recostando-se novamente na sua cadeira.

“Queria que o Agente Especial Jeffreys fosse designado para este caso.”

Os olhos de Meredith estreitaram-se.

“O Jeffreys está de licença,” Disse ele. “Tenho a certeza de que você e a Agente Roston conseguem lidar com este caso.”

“Eu sei que conseguimos,” Disse Riley. “Mas...”

Ela hesitou.

“Mas o quê?” Perguntou Meredith.

Riley engoliu em seco. Ela sabia que Meredith não gostava quando lhe pediam favores pessoais.

Ela disse, “Penso que ele precisa de voltar ao trabalho. Penso que lhe faria bem.”

Meredith olhou com desconfiança e não disse nada durante alguns instantes.

Depois disse, “Não o vou convocar oficialmente para o caso. Mas se quer que ele trabalhe consigo numa base informal, não tenho qualquer objeção.”

Riley agradeceu-lhe, tentando não ser demasiado efusiva com receio que mudasse de ideias. Então ela e Jenn requisitaram um SUV oficial do FBI.

Quando Jenn começou a conduzir para sul, Riley pegou no telemóvel e enviou uma mensagem a Bill.

Estou a trabalhar num novo caso com a Roston. O chefe diz que te podes juntar a nós. Eu quero que estejas connosco.

Riley esperou alguns instantes. O seu coração bateu descompassadamente quando viu que a mensagem tinha sido lida.

Então escreveu...

Podemos contar contigo?

Mais uma vez, a mensagem havia sido lida, mas não surgiu uma resposta.

Riley ficou desanimada.

Talvez não seja uma boa ideia, Pensou. Talvez ainda seja demasiado cedo.

Gostava que Bill respondesse, mesmo que para lhe dar uma resposta negativa.

CAPÍTULO CINCO

Jenn conduzia o SUV para sul rumo ao seu destino e Riley continuava a olhar para as mensagens que enviara.

Os minutos passavam e Bill teimava em não responder.

Por fim, Riley decidiu ligar-lhe.

Para sua frustração, a chamada foi para o voice mail.

Ao som do beep, Riley limitou-se a dizer, “Bill, liga-me. Agora.”

Quando Riley pousou o telemóvel no colo, Jenn olhou para ela.

“Passa-se alguma coisa?” Perguntou Jenn.

“Não sei,” Disse Riley. “Espero que não.”

Durante a viagem, a sua preocupação foi crescendo. Ela lembrava-se de uma mensagem que recebera de Bill quando estava a trabalhar no último caso no Iowa...

Só para saberes. Estou aqui sentado com uma arma apontada à boca.

Riley estremeceu perante a memória do telefonema desesperado que se seguiu quando conseguiu convencê-lo a não se suicidar.

Estaria a acontecer novamente?

Se fosse esse o caso, o que poderia fazer Riley para ajudar?

Um súbito ruído estridente sobrepôs-se a estes pensamentos. Demorou alguns segundos a perceber que Jenn ligara a sirene devido a um troço de trânsito lento com que se haviam deparado.

Para Riley, a sirene era uma forma de se lembrar...

Tenho que limpar a minha cabeça.

*

Eram dez e meia quando Riley e Jenn chegaram à Belle Terre Nature Preserve. Seguiram uma estrada para a praia até encontrarem alguns carros de polícia estacionados e a carrinha do médico-legista. Atrás dos veículos encontrava-se a barreira policial delimitada por fitas para manter o público afastado da praia.

Quando Riley e Jenn saíram da carrinha, não vislumbraram a praia de imediato. Mas Riley viu gaivotas a sobrevoarem a zona, sentiu a brisa no

rosto e o odor do sal no ar, e ouviu o som do surf.

Riley estava desapontada, mas não surpreendida com o facto de um pequeno grupo de jornalistas já se começar a juntar na área de estacionamento atrás da cena do crime. Rodearam Riley e Jenn, fazendo perguntas.

“Ocorreram dois homicídios em dois dias. É obra de um assassino em série?”

“Anunciaram o nome da vítima de ontem. Já identificaram esta nova vítima?”

“Já entraram em contacto com a família da vítima?”

“É verdade que ambas as vítimas foram enterradas vivas?”

Riley ficou irritada com aquela última pergunta. É claro que não estava surpreendida que se tivesse sabido como as vítimas tinham morrido. Os jornalistas podiam ter sabido através da polícia local. Mas não tinha dúvidas de que a comunicação social iria empolar ao máximo aqueles homicídios.

Riley e Jenn passaram pelos jornalistas sem emitir qualquer comentário. Depois foram cumprimentadas por dois polícias locais que as conduziram para lá da fita delimitadora até à praia. Riley sentiu a areia a entrar nos sapatos enquanto caminhava.

Dali a nada, a cena do crime tornou-se visível.

Vários homens rodeavam um buraco escavado na areia onde o corpo ainda permanecia. Dois deles dirigiram-se a Riley e a Jenn quando elas se aproximaram. Um dos homens era robusto, ruivo e vestia uniforme. O outro, era um homem esguio com cabelo negro encaracolado e vestia uma camisa branca.

“Ainda bem que chegaram tão cedo,” Disse o homem ruivo quando Riley e Jenn se apresentaram. “Eu chamo-me Parker Belt e sou o chefe da polícia de Sattler. Este é Zane Terzis, o médico-legista do Tidewater District.”

O chefe Belt conduziu Riley e Jenn até ao buraco e elas observaram o corpo meio coberto.

Riley estava mais do que habituada a ver cadáveres em vários estados de mutilação e decomposição. Ainda assim, este impactou-a com um tipo de horror diferente.

Tratava-se de um homem louro com cerca de trinta anos, usava um fato de corrida adequado para uma corrida de verão matinal fresca pela praia.

Os seus braços estavam numa posição de estátua em rigor mortis devido às tentativas desesperadas de se desenterrar. Os seus olhos estavam fechados e a boca aberta estava coberta de areia.

O chefe Belt estava ao lado de Riley e Jenn.

Belt disse, “Tinha uma carteira com a sua identificação – não que precisássemos. Reconheci-o mal o Terzis e a sua equipa lhe descobriram o rosto. Chamava-se Todd Brier e era pastor Luterano em Sattler. Eu não frequentava a sua igreja – sou Metodista. Mas conhecia-o. Éramos bons amigos. De vez em quando íamos pescar juntos.”

A voz de Belt estava embargada pela dor e pelo choque.

“Como é que o corpo foi encontrado?” Perguntou Riley.

“Um homem a passear um cão passou por aqui,” Disse Belt. “O cão parou aqui, cheirando e ladrando, depois começou a escavar e de imediato apareceu uma mão.”

“A pessoa que encontrou o corpo ainda está por aqui?” Perguntou Riley.

Belt abanou a cabeça.

“Mandámo-lo para casa. Estava muito abalado. Mas dissemos-lhe que deveria estar disponível para perguntas. Posso dar-lhe o contacto.”

Riley olhou do corpo para a água que se encontrava a cerca de quinze metros de distância. As águas da Baía de Chesapeake eram de um azul profundo que formavam pequenas ondas de espuma branca que vinham morrer na areia molhada da praia. Riley apercebeu-se que a maré estava a vazar.

Riley perguntou, “Este foi o segundo homicídio?”

“Foi,” Respondeu Belt sombriamente.

“Alguma coisa semelhante aconteceu por aqui antes destas duas ocorrências?”

“Aqui em Belle Terre?” Perguntou Belt. “Não, nada do género. Isto é uma reserva pacífica de pássaros e vida selvagem. Os locais usufruem da praia, sobretudo famílias. De tempos a tempos temos que prender algum potencial caçador furtivo e pouco mais. De vez em quando também temos que afastar algumas pessoas. Mas nunca passa disto.”

Riley rodeou o buraco para observar o cadáver de um ângulo diferente. Ela viu uma mancha de sangue atrás da cabeça da vítima.

“O que lhe parece esta ferida?” Perguntou a Terzis.

“Parece que foi atingido por algum objeto pesado,” Disse o médico-legista. “Vou observá-lo melhor quando levarmos o corpo para a morgue.

Mas pelo aspeto, diria que foi suficiente para o atordoar, o suficiente para não resistir enquanto o assassino o enterrava. Duvido que tenha estado completamente inconsciente. É bastante óbvio que resistiu até ao limite.”

Riley estremeceu.

Sim, isso era óbvio.

Disse a Jenn, “Tira algumas fotos e envia-as para mim.”

Jenn pegou de imediato no telemóvel e começou a tirar fotos ao buraco e ao corpo. Entretanto, Riley caminhou lentamente à volta do buraco, observando a praia em todas as direções. O assassino não deixara muitas pistas. A areia em torno do buraco fora obviamente remexida pelo assassino quando escavara, e havia um ligeiro trilho de pegadas por onde a vítima se tinha aproximado.

Ligeiras eram também quaisquer pegadas deixadas pelo assassino. A terra seca não permitia discernir a forma de um sapato. Mas Riley conseguia ver onde é que a erva por onde viera fora pisada por alguém que não fazia parte da equipa de investigação.

Apontou e disse a Belt, “Os seus homens esquadrinharam aquela erva cuidadosamente para ver se encontravam fibras?”

O chefe anuiu.

E então uma sensação começou a insinuar-se em Riley – uma sensação familiar que ela às vezes tinha em cenas de crime.

Não a sentira com frequência nos seus casos mais recentes, mas era uma sensação bem-vinda porque a ajudaria.

Era um sentido estranho do próprio assassino.

Se ela permitisse que aquela sensação se apoderasse dela, era provável obter algumas luzes quanto ao que ali tinha sucedido.

Riley afastou-se alguns passos do grupo reunido na cena. Olhou para Jenn e viu que a sua parceira a observava. Riley sabia que Jenn conhecia a sua reputação de entrar nas mentes dos assassinos. Riley assentiu e viu Jenn entrar em ação, fazendo perguntas, distraindo os outros na cena e dando a Riley alguns instantes para se concentrar nas suas habilidades.

Riley fechou os olhos e tentou imaginar a cena no momento do crime.

Imagens e sons sobrevieram-lhe com extrema facilidade.

Estava escuro lá fora e a praia era um aglomerado de sombras, mas havia traços de luz no céu que se refletiam na água, no ponto em que o sol mais tarde nasceria, e não era demasiado escuro para ver.

A maré estava alta e a água não estaria longe porque o som era forte.

Tão forte que ele mal se conseguia ouvir a escavar, Percebeu Riley.
Naquele momento, Riley não teve qualquer dificuldade em entrar numa mente estranha...

Sim, ele estava a escavar e ela conseguia sentir os seus músculos retesarem-se ao atirar areia para longe, sentir a mistura do suor e da brisa marítima no seu rosto.

Escavar não fora fácil. Na verdade, fora algo frustrante.

Não era fácil escavar um buraco em areia de praia como aquela.

A areia parecia preencher o espaço onde ele tinha escavado.

Ele pensava...

Não será muito fundo. Mas não tem que ser fundo.

Todo aquele tempo não parava de olhar para a praia, à procura da sua presa. E pouco depois apareceu a correr.

E no momento ideal também – o buraco já estava suficientemente fundo.

O assassino atirou a pá para a areia, ergueu as mãos e acenou.

“Venha cá!” Gritou ao homem que corria.

Não que importasse o que tinha gritado – com o som das ondas, o homem não conseguiria perceber as palavras exatas, apenas um grito abafado.

O homem parou de correr e olhou na sua direção.

Então encaminhou-se para o assassino.

O homem sorria ao aproximar-se e o assassino retribuía-lhe o sorriso.

Dali a nada estavam perto um do outro.

“O que é que se passa?” Perguntou o homem.

“Venha até aqui e eu mostro-lhe,” Disse o assassino.

O homem caminhou para o local onde se encontrava o assassino.

“Olhe ali para baixo,” Disse o assassino. “Olhe com muita atenção.”

O homem debruçou-se e com um movimento rápido e hábil, o assassino pegou na pá e atingiu-o na cabeça, empurrando-o para o buraco...

Riley despertou da sua divagação com o som da voz do chefe Belt.

“Agente Paige?”

Riley abriu os olhos e viu que Belt olhava para ela com uma expressão curiosa. Jenn não o conseguira distrair por muito tempo.

Ele disse, “Pareceu ter-nos deixado durante alguns instantes.”

Riley ouviu Jenn a dar uma risada.

“Às vezes ela faz isso,” Disse Jenn ao chefe. “Não se preocupe, é muito séria a trabalhar.”

Riley rapidamente reviu as impressões que acabara de receber – tudo muito hipotético, é claro, e não uma sensação concreta do que tinha realmente acontecido.

Mas teve a certeza de um pormenor – que o homem que corria se tinha aproximado a convite do assassino – e tinha-se abeirado dele sem medo.

Isto dava-lhe uma perspetiva crucial.

Riley disse ao chefe da polícia, “O assassino é encantador, simpático. As pessoas confiam nele.”

Os olhos do chefe arregalaram-se.

“Como sabe isso?” Perguntou.

Riley ouviu um riso vindo de alguém que se aproximava atrás de si.

“Acredite em mim, ela sabe o que está a fazer.”

Riley virou-se ao som da voz.

E ficou muito mais animada com aquilo que viu.

CAPÍTULO SEIS

O chefe Belt encaminhou-se para o homem que se aproximava.

Disse, “Ouça, esta área está fechada. Não viu a barreira?”

“Está tudo bem,” Disse Riley. “Este é o Agente Especial Bill Jeffreys. Ele está connosco.”

Riley foi ter com Bill e falou de forma a não serem ouvidos pelos outros.

“O que é que aconteceu?” Perguntou ela. “Porque é que não respondeste às minhas mensagens?”

Bill sorriu envergonhado.

“Estava só a ser idiota. Eu... “ Não conseguiu prosseguir e desviou o olhar.

Riley esperou pela sua resposta.

Então ele finalmente disse, “Quando recebi as tuas mensagens, não sabia se estava pronto. Liguei ao Meredith para saber mais pormenores, mas mesmo assim fiquei sem saber se estava pronto. Raios, eu nem sabia se estava pronto quando já estava a vir para cá. Só soube que já estava pronto quando vi...”

Apontou para o corpo.

Acrescentou, “Agora sei. Estou pronto para regressar ao trabalho. Contem comigo.”

A sua voz era firme e a sua expressão era assertiva. Riley suspirou de alívio.

Conduziu Bill até ao pessoal reunido à volta do buraco onde se encontrava o corpo. Apresentou-o ao chefe e ao médico-legista.

Jenn já conhecia Bill e parecia contente por vê-lo, o que agradou a Riley. A última coisa de que Riley precisava era que Jenn se sentisse marginalizada ou ressentida.

Riley e os outros disseram a Bill o pouco que sabiam até ao momento. Ele ouviu com um olhar que demonstrava grande interesse.

Por fim, Bill disse ao médico-legista, “Penso que já pode levar o corpo. Isto é, se a Agente Paige não se importar.”

“Por mim, tudo bem,” Concordou Riley. Ela estava feliz por ver o velho Bill em ação novamente.

Enquanto a equipa do médico-legista começou a retirar o corpo do buraco, Bill analisou a área durante uns instantes.

Perguntou a Riley, “Foram ao local do primeiro homicídio?”

“Ainda não,” Respondeu.

“Então temos que lá ir,” Disse ele.

Riley disse ao chefe Belt, “Vamos até à outra cena de crime.”

O chefe concordou. “Não fica muito longe daqui,” Acrescentou.

Todos conseguiram passar pelos jornalistas mais uma vez sem tecer quaisquer comentários. Riley, Bill e Jenn entraram no SUV do FBI, e o chefe Belt e o médico-legista seguiram noutro carro. O chefe guiou-os pela praia ao longo de uma estrada de terra até uma área arborizada. Quando a estrada terminou, estacionaram os carros. Riley e os seus colegas seguiram dois polícias a pé ao longo de um trilho no meio das árvores.

O chefe manteve o grupo num dos lados do trilho, apontando para algumas pegadas nítidas ali em solo mais firme.

“Ténis normais,” Comentou Bill.

Riley anuiu. Conseguiu ver aquelas pegadas em ambas as direções, mas tinha a certeza de que não dariam muitas informações, tirando o tamanho que o assassino calçava.

Contudo, algumas marcas interessantes estavam intercaladas com as pegadas. Duas linhas instáveis estavam marcadas na terra.

“O que te parecem estas linhas?” Perguntou Riley a Bill.

“Marcas de um carrinho de mão, a ir e a vir,” Disse Bill. Olhou por cima do ombro na direção da estrada e acrescentou, “Penso que o assassino estacionou onde nós estacionámos agora e trouxe as suas ferramentas por este caminho.”

“Foi a conclusão a que também chegámos,” Concordou Belt. “E foi-se embora também por este caminho.”

Dali a pouco chegaram a um ponto onde o caminho se intercetava com outro mais estreito. No meio do caminho mais pequeno encontrava-se um buraco longo e fundo. Devia ter a largura do caminho.

O chefe Belt apontou para onde o novo caminho surgia das árvores circundantes. “A outra vítima parece ter vindo a correr daquela direção,” Disse ele. “O buraco estava camuflado e ela caiu dentro dele.”

Terzis acrescentou, “Ficou com o tornozelo partido, provavelmente da queda. E por isso ficou indefesa quando o assassino começou a atirar-lhe

terra.”

Riley estremeceu novamente ao pensar naquela forma horrível de se morrer.

Jenn disse, “E tudo isto aconteceu ontem.”

Terzis anuiu e disse, “Tenho quase a certeza que a hora da morte foi a mesma do homicídio na praia – provavelmente por volta das seis da manhã.”

“Antes do nascer do sol,” Acrescentou Belt. “Ainda estaria bastante escuro. Alguém que corria por aqui depois do amanhecer viu a terra remexida e ligou-nos.”

Enquanto Jenn tirava mais fotos, Riley observou a área com atenção. O seu olhar pousou numas ervas pisadas pelo carrinho de mão. Viu que o assassino colocara a terra a cerca de cinco metros de distância do trilho. Havia grande densidade de árvores por ali, por isso alguém que corresse não teria visto nem o assassino, nem a terra ao aproximar-se a correr naquela direção.

Agora o buraco tinha sido novamente escavado pela polícia que empilhara a terra ao lado dele.

Riley lembrou-se que Meredith tinha referido o nome da vítima em Quantico, mas não se conseguia lembrar.

Riley disse ao chefe Belt, “Presumo que conseguiram identificar a vítima.”

“Sim,” Disse Belt. “Tinha identificação, tal como o Todd Brier. Chamava-se Courtney Wallace. Vivia em Sattler, mas eu não a conhecia pessoalmente por isso não lhe consigo adiantar muito sobre ela neste momento, tirando o facto de que era jovem, andaria pelos vinte e poucos anos.”

Riley ajoelhou-se junto ao buraco e olhou lá para dentro. Conseguiu ver de imediato como é que o assassino tinha montado a sua armadilha. No fundo do buraco via-se um cobertor pesado com folhas e destroços agarrados. Fora colocado por cima do buraco, invisível para um corredor desavisado, ainda para mais na escuridão que precedia o amanhecer.

Tentou não se esquecer que teria chamar uma equipa forense da UAC para passar a pente fino ambos os locais. Talvez conseguissem chegar à origem do cobertor.

Entretanto, Riley começava a ter a mesma sensação que a arrebatara na praia, a sensação de entrar na mente do assassino. Mas desta vez não era

tão vivida. Consequia, no entanto, imaginá-lo empoleirado exatamente onde ela se encontrava ajoelhada naquele momento, olhando para baixo para a sua presa indefesa.

Então, o que é que ele fizera naqueles instantes antes de começar a enterra-la viva?

Riley lembrou-se da sua impressão anterior – ele era encantador e simpático.

De início deve ter demonstrado surpresa por encontrar a mulher no buraco. Até lhe pode ter dado a entender que ia ajudá-la a sair dali.

Ela confiou nele, Pensou Riley. Nem que fosse por um momento.

Depois ele começou a importuná-la.

E pouco depois, começou a despejar o carrinho de mão cheio de terra em cima dela.

Ela deve ter gritado quando se apercebeu do que estava a acontecer.

Então como é que ele reagiu aos seus gritos?

Riley teve a sensação de que o seu sadismo veio completamente ao de cima. Parou a sua tarefa para atirar uma pá repleta de terra para o seu rosto – não tanto para a impedir de gritar, mas para a atormentar.

Riley tremeu.

E sentiu-se aliviada quando aquela sensação de ligações começou a desaparecer.

Agora podia voltar a observar a cena do crime com um olhar mais objetivo.

A forma do buraco parecia-lhe estranha. A ponta onde se encontrava estava escavada numa forma de cunha pontiaguda. A outra ponta refletia a mesma forma só que invertida.

Parecia que o assassino se tinha empenhado naquilo.

Mas porquê? Interrogou-se Riley. *O que poderia significar?*

Naquele momento, ouviu a voz de Bill algures atrás dela.

“Encontrei alguma coisa. Venham cá todos ver.”

CAPÍTULO SETE

Riley voltou-se ao som da voz de Bill. A sua voz vinha detrás das árvores de um dos lados do caminho.

“O que é?” Perguntou o chefe Belt.

“O que é que encontrou?” Questionou também Terzis.

“Venham até aqui,” Disse Bill novamente.

Riley levantou-se e foi na sua direção. Viu arbustos pisados no local onde ele estivera.

“Vêm?” Perguntou Bill, começando a parecer um pouco impaciente.

Riley percebeu pelo seu tom de voz que era sério.

Seguida por Belt e Terzis, Riley percorreu o matagal até chegarem a uma pequena clareira onde se encontrava Bill que olhava para o chão.

Ele tinha mesmo encontrado alguma coisa.

Outro cobertor estava esticado no chão, preso por pequenas cavilhas nos cantos.

“Meu Deus,” Murmurou Terzis.

“Não outro corpo,” Disse Belt.

Mas Riley sabia que tinha que ser algo diferente. Para começar, o buraco era muito mais pequeno do que o outro e de forma quadrada.

Bill estava a colocar luvas de plástico para evitar deixar impressões digitais no que quer que encontrasse. Depois ajoelhou-se e puxou o cobertor cuidadosamente.

Riley só conseguia ver um pedaço escuro e circular e madeira polida.

Bill pegou com cuidado no círculo de madeira com ambas as mãos e puxou-o para cima.

Todos exceto Bill ficaram surpresos com aquilo que ele retirou lentamente do buraco.

“Uma ampulheta!” Disse o chefe Belt.

“A maior que eu já vi,” Acrescentou Terzis.

E de facto, o objeto tinha mais de sessenta centímetros de altura.

“Tens a certeza de que não se trata de algum tipo de armadilha?”

Perguntou Riley.

Bill levantou-se com o objeto, mantendo-o na perpendicular, manuseando-o de forma tão delicada como se tratasse de um dispositivo explosivo. Colocou-o de pé no chão ao lado do buraco.

Riley ajoelhou-se e examinou-o com atenção. A coisa parecia não ter fios ou molas. Mas estaria alguma coisa escondida debaixo daquela areia? Inclinou o objeto e não viu nada de estranho.

“É apenas uma grande ampulheta,” Murmurou. “E escondida tal como a armadilha no trilho.”

“Não é bem uma ampulheta,” Disse Bill. “Tenho a certeza de que mede um período de tempo superior a uma hora. É aquilo que se chama de relógio de areia.”

O objeto era muito belo. Os dois globos de vidro eram requintados e estavam ligados por uma abertura estreita. As peças redondas de madeira do topo e fundo estavam ligadas por três hastes de madeira, esculpidas com padrões decorativos.

Riley já tinha visto relógios de areia antes – versões muito mais pequenas para cozinhar que contavam três ou cinco ou vinte minutos. Este era muito maior.

O globo da base estava parcialmente coberto com areia escura.

No globo de cima não havia areia.

O chefe Belt perguntou a Bill, “Como é que sabia que estava aqui alguma coisa?”

Bill estava agachado ao lado do relógio de areia, examinando-o atentamente. Perguntou, “Mais alguém notou algo de estranho na forma do buraco do trilho?”

“Eu notei,” Disse Riley. “As extremidades do buraco foram escavadas em forma de cunha.”

Bill anuiu.

“Mais ou menos a forma de uma seta. A seta apontava para onde o caminho se afastava e alguns dos arbustos estavam pisados. Limitei-me a ir para onde estava a apontar.”

O chefe Belt ainda olhava para o relógio de areia com espanto.

“Bem, temos sorte em tê-lo descoberto,” Disse ele.

“O assassino queria que o encontrássemos,” Murmurou Riley. “Ele queria que déssemos com ele.”

Riley olhou para Bill, depois para Jenn. Ela sabia que eles estavam a pensar exatamente no que ela estava a pensar.

A areia no relógio tinha-se escoado.

De alguma forma, ainda incompreensível para eles, isso significava que não estavam com sorte nenhuma.

Riley olhou para Belt e perguntou, “Algum dos seus homens encontrou um relógio destes na praia?”

Belt abanou a cabeça e disse, “Não.”

Riley foi arrebatada por uma intuição soturna.

“Então é porque não procuraram suficientemente bem,” Disse ela.

Nem Belt, nem Terzis falaram naquele momento. Parecia que não acreditavam no que estavam a ouvir.

Então Belt disse, “Ouçam, algo como isto ter-se-ia certamente destacado. Tenho a certeza de que não se encontrava nada de semelhante na área próxima.”

Riley não gostou do que ouviu. Esta coisa que tinha sido ali colocada tão cuidadosamente tinha que ser importante. Ela tinha a certeza que os polícias tinham negligenciado outro relógio de areia.

Seguindo essa lógica, também tinham ela, Bill e Jenn quando tinham estado na praia. Onde estaria esse outro relógio?

“Temos que regressar e procurar,” Disse Riley.

Bill carregou o enorme relógio para o SUV. Jenn abriu a mala e ela e Bill colocaram o objeto lá dentro, certificando-se de que estava seguro e fixo contra qualquer movimento repentino. Cobriram-no com um cobertor que se encontrava no SUV.

Riley, Bill e Jenn entraram no SUV e seguiram o carro do chefe da polícia em direção à praia.

O número de jornalistas reunidos na área de estacionamento aumentara e pareciam estar mais agressivos. Quando Riley e os seus colegas passaram por eles e pela fita amarela, ela interrogou-se quanto mais tempo seriam eles capazes de ignorar as suas perguntas.

Quando chegaram à praia, o corpo já não estava no buraco. A equipa do médico-legista já o tinha colocado na sua carrinha. Os polícias locais ainda procuravam pistas na área.

Belt chamou os seus homens que se reuniram à sua volta.

“Alguém viu um relógio de areia por aqui?” Perguntou ele. “Teria o aspeto de uma grande ampulheta, com pelo menos sessenta centímetros de altura.”

Os polícias pareceram espantados com a pergunta. Abanaram as cabeças em sinal negativo.

Riley começava a sentir-se impaciente.

Deve estar algures por aqui, Pensou ela. Riley foi até uma pequena colina relvada e olhou à sua volta. Mas não viu nenhuma ampulheta, nem sequer terra remexida que indicasse que algo ali teria sido enterrado há pouco tempo.

Ou estaria a sua intuição a pregar-lhe partidas? Às vezes acontecia.

Não desta vez, Pensou.

O seu instinto dava-lhe garantias.

Voltou para trás e ficou a olhar para o buraco. Era muito diferente daquele que tinham acabado de observar na zona arborizada. Era mais superficial, sem grande forma. O assassino não teria conseguido moldar a areia seca da praia em forma de seta.

Olhou em seu redor e perscrutou todas as direções.

Tudo o que viu foi areia e mar.

A maré agora estava baixa. É claro que o assassino poderia ter feito uma espécie de escultura com areia húmida em forma de seta, mas teria sido visto de imediato. Se não tivesse sido destruído, ainda estaria visível.

Riley perguntou aos outros, “Viram mais alguém próximo daqui – para além do homem com o cão que descobriu o corpo?”

Os polícias encolheram os ombros e olharam uns para os outros.

Um deles disse, “Ninguém a não ser o Rags Tucker.”

Os olhos de Riley dilataram-se.

“Quem é ele?” Perguntou.

“É só um excêntrico,” Disse o chefe Belt. “Vive numa pequena barraca ali.”

Belt apontou para um ponto na praia onde a linha de água fazia um cotovelo.

Riley agora estava a ficar um pouco zangada.

“Porque é que ninguém o tinha mencionado antes?” Explodiu.

“Não havia grande necessidade,” Disse Belt. “Falámos com ele quando cá chegámos. Ele não viu nada relacionado com o homicídio. Disse que estava a dormir quando os acontecimentos ocorreram.”

Riley soltou um grunhido de irritação.

“Vamos ter com este tipo,” Disse ela.

Seguida por Bill, Jenn e o chefe Belt, começou a caminhar pela areia.

Enquanto caminhavam, Riley disse a Belt, “Pensei que tivessem encerrado a praia.”

“E encerrámos,” Disse Belt.

“Então o que é que alguém estava aqui a fazer?” Perguntou Riley.

“Bem, como eu disse, o Rags praticamente vive aqui,” Disse Belt. “Não parecia lógico expulsá-lo daqui. Para além disso, não tem mais para onde ir.”

Depois de contornarem a curva, Belt conduziu-os até uma colina relvada. O grupo percorreu com alguma dificuldade a areia fofa e erva alta até ao topo da colina. Dali Riley viu uma pequena barraca improvisada a cerca de noventa metros de distância.

“É a casa do velho Rags,” Disse Belt.

Ao aproximarem-se, Riley viu que estava coberta com sacos de plástico e cobertores. Atrás da colina, estava a salvo do mar quando a maré enchesse. A barraca estava rodeada de cobertores cobertos com o que pareciam ser todo o tipo de objetos.

Riley disse a Belt, “Fale-me deste Rags Tucker. Belle Terre não tem leis contra a vagabundagem?”

Belt deu uma risada.

Disse, “Bem, sim, mas o Rags não é exatamente um vagabundo típico. Ele é pitoresco e as pessoas gostam dele, sobretudo os visitantes. E acredite em mim quando lhe digo que não é um suspeito. Ele é o tipo mais inofensivo do mundo.”

Belt apontou para as coisas no cobertor.

“Ele montou uma espécie de negócio com todas as coisas que tem. Apanha lixo da praia e as pessoas vêm até cá comprar coisas ou trocar coisas que já não querem. A maior parte das vezes é apenas uma desculpa para as pessoas virem até cá e falarem com ele. Faz isto todo o verão enquanto o tempo aqui estiver bom. Consegue juntar dinheiro suficiente para alugar um pequeno apartamento barato em Sattler no inverno. Então, quando o tempo fica bom outra vez, ele regressa.”

Ao aproximarem-se, Riley conseguiu ver os objetos com mais clareza. Era realmente uma coleção bizarra que incluía troncos, conchas e outros objetos naturais, mas também velhas torradeiras, televisões arruinadas, velhos candeeiros e outros itens que os visitantes lhe haviam trazido.

Quando chegaram à extremidade dos cobertores esticados, Belt chamou, “Ei, Rags. Será que podemos conversar contigo mais um bocado?”

Uma voz áspera respondeu do interior da barraca.

“Já vos disse, não vi ninguém. Ainda não apanharam o sacana? Não gosto nada da ideia de ter um assassino à solta na minha praia. Se soubesse alguma coisa, já vos tinha dito.”

Riley avançou na direção da barraca e disse, “Rags, preciso de falar consigo.”

“Quem é você?”

“FBI. Será que encontrou um grande relógio de areia? Sabe, algo semelhante a uma ampulheta.”

Durante alguns instantes não se ouviu qualquer resposta. Então, uma mão no interior da barraca afastou um lençol que cobria a entrada.

Lá dentro estava um homem esquelético sentando de pernas cruzadas com os seus olhos grandes a fixá-la.

E mesmo à sua frente estava um enorme relógio de areia.

CAPÍTULO OITO

O homem na barraca olhou para Riley com os seus grandes olhos cinzentos. A atenção de Riley dividia-se entre o vagabundo e o grande relógio de areia à sua frente. Era-lhe difícil decidir qual deles era mais surpreendente.

Rags Tucker tinha cabelo comprido grisalho e uma barba que lhe chegava à cintura. As suas roupas esfarrapadas condiziam com o seu nome.

É claro que ela se interrogou...

É um suspeito?

Parecia-lhe difícil de acreditar. Os seus membros eram magros e não parecia ser suficientemente robusto para ter concretizado qualquer daqueles homicídios. Dele emanava um quê de inofensivo.

Riley também suspeitava que a sua aparência desalinhada era mais uma representação. Ele não cheirava mal, pelo menos de onde ela se encontrava e as suas roupas pareciam limpas apesar de coçadas e rasgadas.

Quanto ao relógio de areia, era muito parecido com aquele que tinha encontrado junto ao caminho. Tinha mais de sessenta centímetros de altura, rebordos ondulados no topo e três hastes esculpidas com habilidade a segurar a estrutura.

Contudo, não era igual ao outro. Por um lado, o da zona arborizada não era tão escuro – era mais de um castanho avermelhado. Apesar dos padrões esculpidos serem semelhantes, não pareciam réplicas exatas dos desenhos que tinham visto no primeiro relógio de areia.

Mas essas pequenas variações não eram as diferenças mais significativas entre os dois.

O maior contraste estava na areia que assinalava a passagem do tempo. NO relógio que Bill encontrara entre as árvores, toda a areia se encontrava no globo inferior. Mas neste relógio, a maior parte da areia ainda se encontrava no globo superior.

Esta areia estava em movimento, caindo lentamente para o globo inferior.

Riley tinha a certeza de uma coisa – que o assassino queria que aquele relógio fosse encontrado, tal como quisera que o outro também fosse descoberto.

Finalmente Tucker falou, “Como sabia que o tinha?” Perguntou a Riley. Riley mostrou o seu distintivo.

“Eu faço as perguntas, se não se importar,” Disse ela numa voz calma. “Como é que o obteve?”

Tucker encolheu os ombros.

“Foi um presente,” Disse ele.

“De quem?” Perguntou Riley.

“Dos deuses, talvez. Caiu do céu. Quando olhei para o exterior esta manhã, vi-o logo, ali nos cobertores com as minhas outras coisas. Trouxe-o para dentro e voltei a dormir. Depois acordei novamente e sentei-me aqui a observá-lo.”

Olhou com muita atenção para o relógio de areia.

“Nunca tinha observado o tempo a passar,” Disse ele. “É uma experiência única. Parece que passa rápido e lentamente ao mesmo tempo. E passa uma sensação de inevitabilidade. O tempo não pode voltar atrás, como se costuma dizer.”

Riley perguntou a Tucker, “A areia estava a mover-se assim quando o encontrou ou virou-o?”

“Mantive-o como estava,” Disse Tucker. “Acha que me atreveria a alterar o fluxo do tempo? Não interfiro com questões cósmicas como essa. Não sou tão estúpido.”

Não, ele não é mesmo nada estúpido, Pensou Riley.

Sentiu que começava a compreender Rags Tucker melhor à medida que a conversa avançava. Esta figura vestida de trapos era cuidadosamente cultivada para o divertimento dos visitantes. Tinha-se transformado numa atração local ali em Belle Terre. E pelo que o chefe Belt dissera sobre ele, Riley sabia que levava uma vida modesta. Estabelecera-se como um acessório local e adquiriu autorização tácita para viver onde e como queria.

Rags Tucker estava ali para divertir e para o divertirem.

Ocorreu a Riley que se tratava de uma situação delicada.

Ela precisava de afastar aquele relógio de areia dele. Queria fazê-lo rapidamente e sem dar muito nas vistas.

Mas estaria ele disposto a dar-lho?

Apesar de ela conhecer muito bem as leis sobre buscas e apreensões, não sabia muito bem como é que se aplicavam a um vagabundo a viver numa barraca em propriedade pública.

Era muito melhor tratar daquilo sem precisar de um mandado, mas tinha que proceder com cuidado.

Disse a Tucker, “Pensamos que tenha sido aqui deixado por quem cometeu os dois crimes.”

Os olhos de Tucker dilataram-se.

Então Riley disse, “Temos que levar este relógio connosco. Pode ser uma prova importante.”

Tucker abanou a cabeça lentamente.

Disse, “Está a esquecer-se da lei da praia.”

“E que lei é essa?” Perguntou Riley.

“‘Achado não é roubado’. Para além disso, se isto é mesmo um presente dos deuses, não me devo separar dele. Não quero ir contra a vontade do cosmos.”

Riley estudou a sua expressão. Ela sabia que ele não era doido ou idiota – apesar de às vezes agir nesse sentido. Mas isso era apenas parte do espetáculo.

Não, este vagabundo específico sabia exatamente o que estava a fazer e a dizer.

Está a fazer negócios, Pensou Riley.

Riley abriu a sua carteira, tirou uma nota de vinte solares e entregou-lha.

Disse, “Talvez isto ajude a resolver as coisas com o cosmos.”

Tucker sorriu muito levemente.

“Não sei,” Disse ele. “O universo está com uns preços bem caros.”

Riley sentiu que entrava no jogo do homem e que jogava em concordância.

Ela disse, “Está sempre em expansão, não é?”

“Pois, desde o Big Bang,” Disse Tucker. Esfregou os dedos e acrescentou, “E parece que está a passar por uma nova fase de inflação.”

Riley não conseguiu evitar admirar a astúcia do homem – e a sua criatividade. Ela calculou que seria melhor fazer negócio com ele antes da conversa se aprofundar.

Tirou outra nota de vinte dólares da carteira.

Tucker surripou as duas notas da sua mão.

“É seu,” Disse ele. “Tome bem conta dele. Tenho a sensação de que esta coisa é poderosa.”

Riley deu por si a pensar que ele tinha razão – provavelmente mais razão do que poderia saber.

Com um sorriso, Rags Tucker acrescentou, “Penso que consegue lidar com isso.”

Bill colocou novamente as luvas e aproximou-se do relógio para o pegar.

Riley disse-lhe, “Tem cuidado, mantém-no o mais imóvel possível. Não queremos interferir com a velocidade a que avança.”

Quando Bill pegou no relógio, Riley disse a Tucker, “Obrigada pela ajuda. Podemos voltar para fazer mais perguntas. Espero que esteja disponível.”

Tucker encolheu os ombros e disse, “Estarei aqui.”

Ao virarem-se para irem embora, o chefe Belt perguntou a Riley, “Quanto tempo pensa que vai decorrer até toda a areia cair no fundo?”

Riley lembrou-se que o médico-legista dissera que ambos os homicídios tinham ocorrido por volta das seis horas da manhã. Riley olhou para o seu relógio. Eram quase onze. Fez algumas contas de cabeça.

Riley disse a Belt, “A areia estará toda no fundo daqui a cerca de dezanove horas.”

“E o que acontece então?” Perguntou Belt.

“Alguém morre,” Disse Riley.

CAPÍTULO NOVE

Riley não conseguia esquecer as palavras de Rags Tucker.

“Passa uma sensação de inevitabilidade.”

Ela e os seus colegas regressavam pela praia à cena do crime. Bill carregava o relógio de areia e Jenn e o chefe Belt ladeavam-no para o ajudar a manter o relógio o mais estável possível. Tentavam evitar afetar o fluxo de areia do relógio. E é claro que Rags estivera a falar da areia a cair.

Inevitabilidade.

Apesar de estremecer perante essa ideia, percebeu que esse era exatamente o efeito pretendido pelo assassino.

Ele queria que eles sentissem essa inevitabilidade em relação ao próximo homicídio.

Era a sua forma de comunicar com eles.

Riley sabia que não se deviam agitar em demasia, mas estava preocupada com o facto de prever dificuldades.

Enquanto percorria a areia, pegou no telemóvel e ligou a Brent Meredith.

Quando ele atendeu, ela disse, “Senhor, temos uma situação muito séria em mãos.”

“O que é?” Perguntou Meredith.

“O nosso assassino vai atacar de vinte e quatro em vinte e quatro horas.”

“Meu Deus,” Disse Meredith. “Como é que sabe?”

Riley estava prestes a explicar-lhe tudo mas pensou melhor. Seria melhor se ele pudesse ver ambos os relógios.

“Estamos a caminho do SUV,” Disse Riley. “Quando lá chegarmos, ligo-lhe para uma vídeo-conferência.”

Riley terminou a chamada assim que chegaram ao local do crime. Os polícias de Belt ainda andavam à procura de pistas e ficaram espantados ao ver Bill a carregar um enorme relógio de areia.

“Que raio é isso?” Perguntou um dos polícias.

“Uma prova,” Disse Belt.

Ocorreu a Riley que a última coisa que queria naquele momento era que os jornalistas avistassem o relógio. Se tal acontecesse, os rumores iam começar, tornando a situação pior do que já era. E sem dúvida que ainda

haveria jornalistas à espreita na área de estacionamento. Eles já sabiam que duas pessoas tinham sido enterradas vivas. Não iam desistir dessa história.

Virou-se para o chefe Belt e perguntou, “Pode emprestar-me o seu casaco?”

Belt tirou-o e entregou-o a Riley que nele enrolou cuidadosamente o relógio de areia, cobrindo-o completamente.

“Venham,” Disse Riley a Bill e Jenn. “Vamos tentar levar isto para o nosso veículo sem atrair muitas atenções.”

No entanto, quando ela e os dois colegas ultrapassaram a barreira de fita, Riley viu que mais jornalistas tinham chegado. Juntaram-se à volta de Bill, exigindo saber o que é que ele carregava.

Riley ficou alarmada quando se encostaram demasiado a Bill que tentava manter o relógio de areia o mais ereto possível. O simples facto de empurrarem era suficiente para interferir com o fluxo da areia. Pior do que tudo, alguém podia derrubar o relógio das mãos de Bill.

Riley disse a Jenn, “Temos que os afastar de Bill.”

Ela e Jenn passaram pelo grupo, advertindo-os para se afastarem.

Os jornalistas, surpreendentemente, obedeceram com facilidade e ficaram por ali a olhá-los fixamente.

Riley rapidamente percebeu...

Provavelmente pensam que é uma bomba.

Afinal de contas, essa possibilidade tinha-lhe ocorrido a ela e aos colegas quando Bill descobrira o primeiro relógio de areia.

Riley receou pensar nas manchetes que apareceriam e no pânico que se poderia seguir.

Disse rispidamente aos jornalistas, “Não é um dispositivo explosivo. É apenas uma prova. E é delicada.”

É claro que um coro de vozes lhe perguntou de que se tratava.

Riley abanou a cabeça e afastou-se deles. Bill tinha conseguido chegar ao SUV por isso, ela e Jenn foram de imediato ao seu encontro. Entraram e cuidadosamente colocaram o novo relógio de areia ao lado do outro que estava preso e coberto com um cobertor.

Os jornalistas rapidamente se reorganizaram e rodearam a carrinha, gritando perguntas mais uma vez.

Riley libertou um suspiro de frustração. Nunca conseguiriam fazer nada com pessoas a importuná-los.

Riley dirigiu-se ao lugar do condutor e começou a conduzir lentamente. Um jornalista especialmente determinado tentou bloquear-lhe o caminho, colocando-se mesmo à frente do SUV. Riley acionou a sirene do veículo que assustou o jornalista mais atrevido, afastando-o. Então começou a conduzir, deixando a multidão de jornalistas para trás.

Depois de conduzir cerca de meio quilómetro, Riley encontrou um lugar suficientemente isolado onde estacionar o SUV.

Depois disse a Jenn e a Bill, “Vamos ao que interessa. Precisamos de procurar impressões digitais nos relógios de areia imediatamente.”

Bill assentiu e disse, “Temos um kit no porta-luvas.”

Assim que Jenn e Bill começaram a trabalhar, Riley pegou no seu tablet e fez a chamada de vídeo a Brent Meredith.

Para sua surpresa, o rosto de Meredith não era o único a surgir no monitor. Havia oito rostos ao todo, incluindo um rosto sardento que Riley não ficou nada contente por ver.

Era o Agente Especial Responsável Carl Walder., superior de Meredith na UAC.

Riley conteve um suspiro de desilusão. Estivera de candeias às avessas com Carl Walder muitas vezes. Na verdade, ele já a suspendera e até a despedira várias vezes.

Mas porque é que ele estava presente nesta chamada?

Meredith disse, “Agente Paige, o chefe Walder teve a gentileza de se juntar a nós para esta conversa. E reuniu uma equipa para nos ajudar neste caso.”

Quando Riley viu a expressão de aborrecimento no rosto de Meredith, compreendeu a situação perfeitamente.

Carl Walder estivera a monitorizar o caso toda a manhã. Assim que descobriu que Riley tinha solicitado uma vídeo-conferência com Meredith, juntou o seu próprio grupo de agentes para entrar em cena. Naquele momento, estavam todos sentados nos seus gabinetes e cubículos da UAC com os computadores em modo de conferência.

Riley estava desolada. O pobre do Brent Meredith deve ter-se sentido vítima de uma emboscada. Riley tinha a certeza de que Walder era o mentor de tudo aquilo, como habitualmente. E ao juntar uma equipa sua, estava a demonstrar de forma descarada a sua falta de confiança no profissionalismo de Riley.

Felizmente, algumas das pessoas que Walder reunira, eram pessoas com quem Riley já trabalhara e em quem confiava. Viu Sam Flores, o brilhante técnico de laboratório e Craig Huang, um promissor jovem agente que ajudara a formar.

Ainda assim, a última coisa de que precisava naquele momento era uma equipa de pessoas para gerir e organizar. Ela sabia que funcionaria melhor trabalhando apenas com Bill e Jenn.

Parecendo muito satisfeito consigo próprio, Carl Walder falou.

“Ouvi dizer que tem algumas informações para nós, Agente Paige. Espero que sejam boas notícias.”

Riley engoliu a sua raiva. Ela tinha a certeza que ele sabia que não era bem assim.

“Lamento, mas não, senhor,” Disse ela.

Riley segurou o tablet de forma a que o grupo visse os relógios de areia em que Bill e Jenn trabalhavam para descobrir alguma impressão digital.

Riley disse, “Como podem ver, os Agentes Jeffreys e Roston estão aqui a trabalhar comigo. Encontrámos um relógio de areia em cada uma das cenas de crime. O que se encontra vazio estava escondido junto ao primeiro corpo. Encontrámos aquele que ainda corre não muito longe do local onde a segunda vítima foi enterrada. Calculamos que o tempo se vá esgotar às seis da manhã de amanhã.”

Riley ouviu comentários e viu o choque nos rostos – com exceção de Walder.

“O que pensa que significa?” Perguntou Walder suavemente.

Riley conseguiu não demonstrar desprezo. Walder era obviamente a única pessoa no grupo que ainda não tinha captado as implicações.

Riley disse, “Significa, senhor, que mais alguém vai morrer quando a areia estiver toda no fundo. E quem quer que seja, será enterrado vivo, tal como as duas primeiras vítimas.”

Os olhos de Walder dilataram-se.

“Isso não pode acontecer,” Disse ele. “Ordeno que não permita que isso aconteça.”

A exasperação de Riley crescia. Como habitualmente, Walder dava ordens perfeitamente inúteis – como se alguém precisasse de saber que um terceiro homicídio tinha que ser evitado.

Walder disse, “É agora uma hora. Não vamos deixar o relógio esgotar o tempo. E não vamos dar aos meios de comunicação tempo suficiente para

provocar o pânico. Eles já estão de olho nesta história. Espero que detenha o assassino antes das seis horas desta noite. E agora deixo-a a trabalhar.”

Carl Walder desapareceu do monitor abruptamente. Riley viu alívio em todos os outros rostos. Ela também sabia que eles estavam a pensar o mesmo que ela. Walder tinha aparecido simplesmente para marcar posição. Assumir real responsabilidade de liderança não era o seu estilo.

E o seu prazo das seis horas?

Bem, obviamente que queria que o caso estivesse resolvido antes de ir para casa jantar. Dessa forma, podia garantir os louros pela resolução sem grande incómodo.

De qualquer das formas, agora podiam passar ao que realmente interessava.

Riley perguntou, “Antes de mais nada, alguém tem alguma pergunta a colocar?”

“Já têm um perfil do assassino?” Perguntou Craig Huang.

“Ainda não,” Disse Riley. “Só tenho algumas impressões a respeito dele. Suspeito que seja alguém encantador e alguém em quem as pessoas confiam quando o conhecem.”

Riley virou-se para Bill e Jenn que ainda estavam a trabalhar nos relógios ao mesmo tempo que ouviam a conversa.

“Algum de vocês tem alguma coisa a acrescentar?” Perguntou-lhes Riley.

Jenn disse, “O assassino tem que ser fisicamente robusto.”

“É verdade,” Disse Bill. “Estas mortes envolvem escavar muito, carregar e uma das vítimas foi agredida fisicamente. Ele pode não ser particularmente grande, mas tem que estar em boa forma.”

Sam Flores, o técnico, falou.

“Vejo que os Agentes Jeffreys e Roston estão à procura de impressões digitais. Já encontraram alguma coisa?”

Bill e Jenn já estavam a terminar o trabalho no primeiro relógio.

“Até agora nada,” Disse Bill. “Parece que o assassino limpou-o cuidadosamente antes de o deixar.”

Riley sentiu uma pontada de desânimo. Se o assassino tinha tido tanto cuidado com o primeiro relógio, certamente que teria feito o mesmo com o segundo. As únicas impressões digitais que encontrariam seriam as de Rags Tucker.

Sam disse, “Será possível ver os relógios mais de perto?”

Riley moveu o tablet em torno dos relógios para que Sam pudesse observá-los com mais atenção.

Sam disse, “Essas marcas são muito distintivas. Ambos os relógios estão marcados com o mesmo estilo, mas há algumas variações interessantes. Poderão ser uma espécie de código?”

“É uma ideia a considerar,” Disse Riley. Vamos tirar fotos mais detalhadas e enviamos-te. Podes fazer alguma pesquisa, ver se as marcas têm algum significado. Mas quero que faças outra coisa antes disso. Vê se consegues localizar fabricantes de ampulhetas nesta área.”

“Vou fazer isso,” Disse Sam.

Riley conseguia ouvir os seus dedos a percorrerem o teclado.

Riley pensou rapidamente, tentando decidir como lidar com os outros.

Disse, “Agente Engel, quero que entre em contacto com Parker Belt, o chefe da polícia de Sattler. Obtenha o máximo de informação possível sobre as vítimas e as suas famílias, assim como das pessoas que descobriram os corpos. Partilhe o que descobrir com os outros aqui.”

Todas as pessoas no monitor estavam naquele momento a tirar notas.

Riley prosseguiu, “Agente Whittington, visite a família da primeira vítima. Agente Craft, faça o mesmo com a família da segunda vítima. Agente Geraty, tente entrevistar as pessoas que encontraram os corpos. Agente Ridge, entre em contacto com o médico-legista do distrito e veja se há novas informações sobre a forma como as vítimas morreram.”

Riley pensou por um instante.

Então disse, “Agente Huang, fique em contacto com todos e mantenha-nos a par dos seus progressos. Averigue também como lidar com os meios de comunicação social. Tudo isto pode ficar fora de controlo se não tivermos cuidado.”

Huang perguntou, “Não devíamos encerrar o parque a visitantes, sobretudo na hora em questão?”

“Boa ideia,” Disse Riley. “Ligue ao chefe Belt e comunique-lhe isso. Ajude-o também a transmitir um aviso geral à comunidade.”

Riley respirou com mais facilidade agora que tinha distribuído tarefas a todos.

Entretanto, Sam Flores terminara a sua busca.

Disse, “Encontrei um fabricante de ampulhetas com uma fábrica perto de Colonial Williamsburg. Chama-se Ellery Kuhl. Envio-te a morada por e-mail.”

“Bom trabalho,” Disse Riley. “Flores, também preciso que procures crimes semelhantes que tenham sido cometidos recentemente noutros locais. Agora, mãos à obra. O tempo está a esgotar-se. Literalmente.”

Terminou a reunião e disse a Bill e Jenn, “Parem de procurar impressões digitais e tirem fotos detalhadas para enviarmos ao Sam Flores. Eu conduzo até Colonial Williamsburg.”

Quando começou a conduzir, lembrou-se de algo que Rags Tucker dissera.

“O tempo não pode voltar atrás, como se costuma dizer.”

Ela olhou para o seu relógio e viu que a reunião tinha durado cerca de meia hora.

Ela esperava que não tivesse sido um desperdício de tempo. Eram trinta minutos que não iriam recuperar.

E podia fazer toda a diferença entre a vida e a morte.

CAPÍTULO DEZ

Riley sentia a sua ansiedade a crescer enquanto conduzia até Williamsburg. No decorrer da viagem de uma hora, deu por si obcecada com cada segundo que passava.

Ainda se estava no início da tarde do primeiro dia de investigação. Apesar de ela trabalhar sempre o mais rapidamente possível para parar um assassino, a pressão do tempo nunca fora tão implacável.

Talvez, não parava ela de pensar para si própria, este assassino fosse contrariado pelas ações que tinham levado a cabo até ao momento. Em breve, toda a Belle Terre seria encerrada. Em breve o público à volta de Sattler seria avisado de que um assassino estava à solta.

Não seria isso suficiente para o obrigar a abrandar, pelo menos por enquanto?

Talvez, mas Riley sabia que não podia contar com isso. E de certa forma, a incerteza apenas contribuía para se sentir mais ansiosa.

O pior de tudo era que não podia fazer mais nada naquele momento a não ser conduzir. Sentiu uma necessidade desesperada de estar ativamente envolvida no caso – à procura de pistas, entrevistando suspeitos e testemunhas, tudo o que pudesse contribuir para por um fim nestes crimes. Conduzir parecia angustiantemente fútil.

Mas ela atribuíra aquelas tarefas a outros agentes da UAC. Estariam naquele momento a caminho de as executar.

Felizmente, Bill e Jenn conseguiam continuar a trabalhar enquanto ela conduzia. Tiraram fotos detalhadas das ampolhetas e enviaram-nas a Sam Flores para análise, depois comunicaram com o resto da equipa para os manter a par dos desenvolvimentos.

Todos estavam a fazer o que podiam,

Ainda assim, a ansiedade de Riley não parava de crescer.

Começava a pensar se aquela viagem a Colonial Williamsburg não passava de um desvio – talvez até uma perda de tempo fatal. Afinal de contas, o que esperava encontrar?

Não ligara ao fabricante de ampolhetas avisando que iam a caminho. Não queria que soubesse da sua visita.

Mas será que pensava que poderia tratar-se do assassino?

Seria incrivelmente conveniente, Pensou. Mas era a única coisa que se assemelhava a uma pista até ao momento.

Os seus pensamentos foram interrompidos pelo som da voz de Bill. Ele mudara-se das traseiras do SUV para o lugar ao lado de Riley. Olhava para o telemóvel.

“Raios,” Disse ele.

“O que é que se passa?” Perguntou Riley.

“Acabei de ver as notícias,” Disse Bill. “Sabem da descoberta dos relógios de areia nas cenas de crime. O público sabe.”

Riley desanimou. Aquela era a última coisa que ela queria ouvir.

Jenn disse, “Como é que isso pode ter acontecido?”

“Uma de duas formas,” Disse Riley. “Ou um polícia local disse a um jornalista ou um jornalista soube-o através de Rags Tucker.”

Bill disse, “Não tem grande importância como é que aconteceu. O que importa é que agora temos uma trapalhada maior em mãos do que tínhamos antes.”

Riley concordou em silêncio. Também não conseguia deixar de se culpar. Não devia ter confiado no bom senso dos polícias do chefe Belt. Devia tê-los advertido para se manterem calados. Talvez também devesse ter feito algo para manter Rags Tucker em silêncio.

Tentou afastar esses pensamentos da sua cabeça. Culpar-se a si própria só a distrairia da tarefa que tinha em mãos.

Ao entrar na cidade de Williamsburg, Riley seguiu as indicações de GPS até à morada que Sam Flores lhe tinha dado. Ela sabia que o famoso Distrito Histórico de Colonial Williamsburg estava rodeado de muito comércio e áreas residenciais. A morada que procuravam revelou ser uma pequena loja com um sinal indicando “Sands of Time”.

Riley estacionou o carro na rua e ela, Bill e Jenn caminharam em direção à loja. A janela estava repleta de belas ampulhetas elaboradas de vários tamanhos, apesar de Riley não ver nenhuma tão grande como aquelas que tinham encontrado nas cenas de crime.

Ao entrarem na loja, uma pequena campainha tocou. Para além das inúmeras ampulhetas em exibição, o espaço estava obstruído com ferramentas e equipamento de carpintaria. O chão estava coberto de aparas de madeira e serradura. Ninguém apareceu ao som da campainha, embora estivesse abafado pelo som de uma máquina a funcionar.

Riley viu que uma mulher pequena com fato de macaco e óculos de proteção estava a trabalhar num torno no fundo do compartimento. Parecia ter mais dez anos do que Riley – talvez rondasse os cinquenta e tal anos.

Após um momento, a mulher olhou para cima e viu os visitantes. Desligou o torno e levantou os óculos.

“Oh, peço desculpa,” Disse ela numa voz agradável. “Não os ouvi entrar. Posso ajudá-los?”

Riley mostrou o seu distintivo e apresentou-se, bem como aos seus colegas.

Então ela disse, “Estamos à procura do dono deste negócio – Ellery Kuhl.”

A mulher sorriu.

“Sou eu,” Disse ela.

Riley ficou um pouco surpreendida, mas percebeu que não devia estar. Porque é que não lhe ocorreu que Ellery poderia ser um nome de mulher? Se soubesse desse simples facto, teria arrastado os companheiros até ali?

Qual era a probabilidade do assassino ser uma mulher?

Não é impossível, Lembrou a si própria.

No final de contas, o último assassino que ela e Jenn tinham apanhado era uma mulher.

Ainda assim, esta mulher era muito mais pequena do que se projetava para o assassino. Não parecia frágil, de forma alguma. Riley sabia que tinha que estar em razoável boa forma para fazer aquele tipo de trabalho. Mesmo assim, Riley não conseguia imaginá-la a concretizar as árduas tarefas que envolviam os dois crimes.

Ellery Kruhl levantou-se da sua cadeira e dirigiu-se a eles com o sorriso a desvanecer.

Ela disse, “Algo deve estar errado para o FBI me bater à porta. O que se passa?”

Riley disse, “Houve dois homicídios na Belle Terre Nature Preserve. Um hoje de manhã e o outro ontem de manhã. Ambas as vítimas foram enterradas vivas.”

Os olhos da mulher dilataram-se.

“Oh, meu Deus!” Disse ela.

Riley estudou a sua reação. O seu choque parecia perfeitamente sincero. Mas Riley sabia por experiência própria que os psicopatas eram brilhantes a fingir sinceridade.

Riley decidiu desafiá-la diretamente.

“Senhora Kuhl, pode confirmar-nos o seu paradeiro por volta das seis da manhã das duas manhãs em questão?”

A mulher pareceu ligeiramente alarmada.

“Não compreendo,” Disse ela. “Sou... um suspeito? Porque é que pensariam...?”

Riley disse, “Em cada cena de crime foram encontrados dois enormes relógios de areia – relógios de vinte e quatro horas. Um deles ainda estava a correr quando o encontrámos. Pensamos que o assassino atacará novamente quando a areia se esgotar.”

A mulher parecia tentar compreender as palavras de Riley.

“E porque eu faço ampulhetas, pensam que talvez eu...?”

Agora a voz da mulher tremia.

“Estava lá em cima no meu apartamento a dormir. Não sei como o posso provar. Vivo sozinha. Nunca estive em Belle Terre. Raramente vou a algum lado. Na verdade, sou um pouco agorafóbica. Fico por aqui na minha loja. Até encomendo as compras. Nem sequer tenho carro.”

Riley não parava de fixar o olhar desconfortável da mulher. Lembrou-se mais uma vez que o tempo era fundamental.

Tinha que decidir alguma coisa em relação a esta mulher rapidamente.

Imaginava o que os vizinhos de Ellery Kuhl poderiam dizer a Riley e aos seus parceiros se tivessem tempo de os entrevistar.

Tinha uma forte sensação de que a descreveriam como uma mulher bondosa e reservada, alguém cuja vida se centrava na sua loja. O mais provável é que raramente com outras pessoas que não ali.

Todavia, Riley sabia que os assassinos em série por vezes impressionavam os seus vizinhos, mostrando ser pessoas perfeitamente normais e inofensivas.

Rikey disse, “Senhora Kuhl, não se importa de vir connosco lá fora para ver uma coisa?”

“Claro,” Disse a mulher.

Riley, Bill e Jenn levaram-na ao SUV e abriram a mala, revelando dois enormes relógios de areia.

Um olhar de surpresa encantada atravessou o rosto da mulher. Subiu o SUV para ver com mais atenção.

“Oh, estes são impressionantes,” Disse ela. “Muito impressionantes mesmo.”

Tirou uma pequena lupa do bolso e começou a examinar os objetos em detalhe.

Quaisquer dúvidas que ainda restassem sobre a inocência da mulher, desapareceram. Ela tinha a certeza que até o mais empedernido psicopata não conseguia fingir o prazer que a mulher exibia ao observar aqueles relógios de areia.

Riley disse, “Presumo que não sejam trabalho seu.”

“Não, mas não me importava que fossem. É um trabalho muito bom. Disse-me que são relógios de vinte e quatro horas?”

Jenn disse, “Não consegue perceber olhando para eles?”

Riley detetou uma persistente nota de suspeita na voz de Jenn. Talvez Bill também ainda não estivesse convencido da inocência de Ellery. Mas Riley agora tinha a certeza.

Ellery disse, “Bem, acredito na sua palavra. Não é uma ciência exata, sabem. Não há uma fórmula para a quantidade de areia necessária para medir uma certa quantidade de tempo. Quando se faz um destes, tem que ir tentando diferentes quantidades até acertar e selá-lo.”

Ellery riu um pouco e acrescentou, “Imaginem como era difícil antes dos relógios serem inventados!”

Por um breve instante, Riley sentiu-se desiludida por não terem encontrado o seu assassino. Mas esse sentimento rapidamente passou. Talvez aquela mulher pudesse ajudar de outra forma.

“O que é nos pode dizer sobre estas ampulhetas?” Perguntou Riley.

“Bem, para começar, as estruturas são feitas de excelente madeira. O vazio parece nogueira preta. O que ainda está a correr é provavelmente mogno. E estão habilmente esculpidos.”

“E o vidro?” Perguntou Riley.

“Bem, não sou perita nisso. Apenas faço as estruturas, tal como a maioria das pessoas que faz ampulhetas deste tipo. Eu encomendo o vidro que uso da China. Não há nada de especial no que diz respeito ao vidro. É o mesmo que pode utilizar para fazer recipientes e jarros.”

Debruçou-se sobre a ampulheta novamente e observou-a.

“Esta areia, contudo – é muito pouco comum.”

“Como assim?” Perguntou Riley.

Ellery estava a examinar a areia com a sua lupa.

“Bem, porque é mesmo areia. A maior parte das pessoas utiliza outros materiais – poeira de mármore, óxido de chumbo e outros. Materiais com

melhores propriedades de fluxo. Quando a areia é utilizada, geralmente é areia de rio porque o granulado é redondo e suave. Isto parece areia de quartz normal – do tipo que se encontra numa praia. Isso é invulgar, porque o granulado é angular e não flui tão suavemente.”

Bill perguntou, “Isso quer dizer que estas duas ampulhetas não marcam bem o tempo?”

“Não, não diria isso – nem pensar. Quem quer que fez estas ampulhetas peneirou a areia muito cuidadosamente, removeu grãos maiores para uniformizar o conjunto. Quem se deu a esse trabalho, provavelmente testou-as vezes sem conta para ter a certeza que marcavam o tempo perfeitamente.”

Ellery parou e coçou o queixo.

“Não é inédito o uso de areia normal. Às vezes as pessoas usam areia de áreas específicas por razões sentimentais.”

Encolheu os ombros, “Talvez a areia tivesse algum significado para o fabricante. Não sei.”

Ela começou a observar as ampulhetas novamente.

“O que realmente me impressiona é o trabalho na madeira – os botões decorativos e frondes com aspeto de erva nos eixos, os rebordos ondulantes em cima e em baixo. Tão distinto, um trabalho artesanal de excelência.”

Bill perguntou, “Faz ideia de quem os possa ter feito?”

A mulher riu novamente.

“Alguém que trabalha e vive nesta área, quer dizer? Quantos fabricantes de ampulhetas é que pensa existirem por aqui? E no entanto...”

Ela tateou a madeira com admiração.

“Este trabalho de carpintaria é tão impressionante. E lembra-me...”

Um olhar sombrio atravessou-lhe o rosto.

Estremeceu.

Disse, “Penso que conheço alguém com quem deviam falar.”

CAPÍTULO ONZE

Riley ficou impressionada com a expressão de extrema aversão da mulher – e talvez de algo pior.

Ainda acariciando a madeira, Ellery disse, “Isto podia ser um trabalho de Otis Redlich. Ele também vive e trabalha em Williamsburg. Na verdade, muito perto daqui.”

Riley observou a reação da mulher e disse, “Presumo que não goste muito da pessoa em questão.”

Ellery estremeceu novamente. Falou num tom claramente sombrio.

“Eu gostava dele. Já fomos bons amigos. Rivals, mas amigos. Ele também é carpinteiro, percebem. É especializado em restauro de mobília. Também faz ampulhetas.”

Ellery calou-se durante alguns instantes.

“Ele era um homem bom quando a mulher ainda era viva. Encantador, divertido, inteligente, um fantástico conversador. Como podem constatar, eu não saio muito, mas gostava de estar com Otis e Peyton, a sua mulher. Juntávamo-nos para jantar de vez em quando. Mas a Peyton morreu de cancro nos ovários há cerca de dez anos e...”

Elley abanou a cabeça lentamente.

“O Otis mudou. Mudou completamente. Tornou-se amargo... e mau.”

Ellery tremeu. Riley pressentiu que se lembrava de algo pessoal que a tivesse prejudicado.

Ela perguntou, “Aconteceu alguma coisa entre vocês?”

Ellery parecia tentar sacudir a memória.

“Nada de que me apeteça falar,” Disse ela. “Não foi nada importante, só uma futilidade – e prejudicial. Foi assim que ele se tornou – numa pessoa manipuladora que prejudica os outros.”

“E violento?” Perguntou Riley.

Ellery ficou a pensar.

“Não – pelo menos que eu tenha conhecimento. A verdade é que talvez eu não devesse... bem, odeio falar mal das pessoas, mas...”

O interesse de Riley fora espicaçado.

“Gostava que me desse a sua morada,” Disse ela.

Alguns instantes mais tarde, Riley, Bill e Jenn já atravessavam Williamsburg no SUV a caminho da casa de Otis Redlich.

Jen perguntou a Riley e a Bill, “Acham que pode ser o nosso homem?”

“Não sei,” Disse Bill. “Grande parte deste trabalho consiste em seguir más pistas até becos sem saída, mas temos que o fazer. O que achas Riley?”

Riley não respondeu. Mas não parava de pensar na expressão de Ellery quando falou de Otis Redlich.

Também pensava na forma como Ellery o tinha descrito antes da morte da mulher.

“Encantador, divertido, inteligente, um fantástico conversador.”

Riley lembrou-se das suas próprias impressões nas duas cenas de crime – a sensação de que o assassino era encantador e simpático.

Também se lembrou das palavras de Ellery a respeito de Otis Redlich após a morte da mulher.

“... amargo... mau... mesquinho... nocivo... manipulador....”

Riley não podia ter a certeza, mas começava a parecer possível.

Ou era só um pensamento ilusório? Mas é claro que Bill tinha razão. Tinham que seguir todas as pistas.

Riley não conseguia ver as ampulhetas do lugar do condutor. Mas conseguia vê-los claramente na sua mente – sobretudo aquele que ainda corria, o fino escoar da areia com cada grânulo a fazer a diferença entre a vida e a morte.

Ao conduzir pela cidade, passou por duas mulheres com saias compridas e chapéus elegantes. Sem dúvida que eram trabalhadores equipados para o seu trabalho na área colonial restaurada. Pelo menos aqui, pensou Riley, podiam criar uma aparência de tempo passado. Ela e os seus companheiros nem se podiam dar ao luxo de ter essa ilusão.

Quando chegaram à morada que Ellery Kuhl lhes dera, repararam que era bem diferente da pequena loja que tinham acabado de visitar. Deparam-se com uma casa de tijolo de dois andares com persianas decorativas ao lado de cada janela ao estilo clássico de Williamsburg. Era uma propriedade bem conservada numa área residencial razoavelmente próspera. Parecia que Otis Redlich se saía claramente melhor do que Ellery Kuhl.

Riley estacionou o carro, e ela e os colegas dirigiram-se à entrada e tocaram à campainha. O homem que abriu a porta era alto e imponente, tinha braços grandes e um queixo saliente. Aparentava ter cinquenta e tal anos.

“Posso ajudar-vos?” Perguntou.

“É Otis Redlich?” Perguntou Riley.

Os seus lábios finos torceram ligeiramente à pergunta de Riley.

“Sou. Não estava à espera de clientes. Com certeza que sabem que apenas recebo clientes por marcação.”

Riley mostrou o seu distintivo e apresentou-se a si e aos colegas.

A boca do homem expandiu-se num sorriso.

“O FBI!” Disse ele. “Que agradável surpresa! Entrem!”

Riley foi apanhada de surpresa. Não se lembrava de fazer uma visita oficial inesperada a alguém e essa pessoa ficar contente com a sua presença. Mas no seu último caso, dois assassinos tinham fingido satisfação com a presença do FBI. O entusiasmo daquele homem fê-la suspeitar.

Riley olhou para Bill e Jenn, e percebeu que tinham a mesma sensação.

Seguiram o homem até uma sala de estar decorada com mobília elegante.

Otis Redlich tateou com orgulho um canapé escuro.

“Este é um Chippendale original. A mesa demilune que podem ver ali é uma Sheraton genuína. A mesa de mogno é Vitoriana. Garanto-vos que tudo aqui tem qualidade de museu – apesar de fazer reproduções. De grande qualidade, se estiverem interessados. Os leigos não os conseguem distinguir dos originais. Mas é claro que parto do princípio que estão aqui por outros motivos.”

Riley reparou numa ampulheta na cornija da lareira. Apesar de ser muito mais pequena do que as que tinham encontrado nas cenas de crime, parecia algo semelhante.

Redlich disse, “Oh, vejo que está interessada na minha ampulheta. Não, não é uma antiguidade, é minha criação. Gosto muito de ampulhetas. Faço-as como hobby. Gostariam de ver a minha oficina?”

Sem esperar por uma resposta, Redlich saiu por uma porta no fundo da sala. Riley e os colegas seguiram-no por um corredor até uma oficina cheia de ferramentas e peças de mobiliário em diferentes estados de restauro ou construção. Numa prateleira estava uma fila de ampulhetas de

vários tamanhos. Vários globos de vidro estavam alinhados noutra prateleira, prontos para serem colocados em estruturas de madeira. Aqui e ali, brilhavam luzinhas nas superfícies suaves.

Ao contrário da oficina de Ellery Kuhl, esta era quase dolorosamente limpa e arrumada – à semelhança do próprio Redlich. Se não fossem as suas mãos calosas e grandes, Riley dificilmente acreditaria que ele trabalhava em carpintaria ali ou noutro lugar qualquer. O homem pareceu-lhe estranhamente obsessivo.

Redlich disse, “Agora – em que vos posso ajudar?”

Riley disse, “Sr. Redlich, pode dizer-nos onde estava por volta das seis da manhã de hoje e de ontem?”

O sorriso do homem transformou-se num ligeiro esgar.

“Por volta da hora dos homicídios, quer dizer?” Perguntou ele. “Os que ocorreram em Belle Terre?”

Riley foi surpreendida.

Como é que ele sabe que é por isso que aqui estamos? Interrogou-se Riley.

CAPÍTULO DOZE

As palavras de Redlich deixaram Riley sem reação. Este homem estava um passo à sua frente.

Mas se Otis Redlich notou a sua surpresa, não o demonstrou. Continuou a falar.

“É por isso que aqui estão, não é?” Disse ele. “Afim de contas, não foram encontradas ampolhetas em ambas as cenas de crime? E quantos artesãos da área são conhecidos por fazer ampolhetas daquele tipo? Oh, há a Ellery Kuhl, é claro, mas tenho a certeza de que já a eliminaram como suspeita. Uma pequena mulher inofensiva, obviamente.”

Redlich riu-se.

“Onde é que eu estava a essas horas? Bem, podia dizer-vos que estava aqui em casa na cama. Mas acreditariam em mim? Não o posso provar.”

O cérebro de Riley tentava perceber o que se estava a passar. Redlich podia facilmente ter sabido dos crimes através dos meios de comunicação – das ampolhetas também. Mas ele parecia determinado em fazer perguntas, para além de dar respostas. Ela sabia que as pessoas culpadas às vezes se comportavam daquela forma quando se sentiam excessivamente confiantes.

Este homem era obviamente muito autoconfiante. Mas seria culpado?

E que raio pensava ele estar a fazer?

Sem qualquer alteração no seu sorriso condescendente, Redlich sentou-se no único lugar disponível na sala, deixando Riley e os colegas em pé.

Ele disse, “Digam-me – considerando o vosso trabalho, este tipo de crime é normal? Um assassino obcecado com o tempo, quero dizer? Eu diria que deve acontecer de vez em quando. Afim de contas, a obsessão com o tempo é algo muito antigo.”

Riley teve que se conter. De facto, ela e Bill tinham encontrado um assassino com essa obsessão em Outubro último – o assassino do relógio no Delaware que dispunha os braços das vítimas de forma a representar horas num relógio.

Será que Redlich sabia disso?

Com certeza que não. Ele estava apenas a desfrutar a exposição que fazia. E provavelmente percebeu que estava a tocar em questões sensíveis.

Aparentemente, Bill também considerava o homem irritante. Disse rispidamente, “Penso que o melhor é responder à pergunta da Agente Paige.”

Redlich levantou as sobrancelhas.

“Ainda não respondi? Pensava que sim. Sim, tenho a certeza que respondi. Estava aqui em casa na cama. É um facto.”

Cruzou os braços e olhou presunçosamente para Riley e os seus colegas.

Acrescentou, “Então é melhor apressarem-se, não é? Afinal de contas, o tempo é fundamental. A esgotar-se literalmente, como areia entre os dedos.”

Riley olhou para Jenn. Reparou que a agente mais nova não parecia nada perturbada pela torrente de palavras do homem. Parecia estar a ouvir com grande interesse.

Ignorando a exigência de Bill, Redlich recostou-se e olhou para o teto.

Disse, “Deve ter havido um momento mágico na história – queria lá ter estado – em que alguém se apercebeu que vivia no tempo. Que havia um passado atrás de si que podiam ou não recordar, e um futuro à sua frente que não podiam prever.”

Apontou para as ampolhetas na prateleira.

“Na verdade, pode-se dizer que a humanidade tem estado em guerra com o tempo desde sempre, tentando conquistá-lo com invenções umas a seguir às outras – relógios solares, relógios de vela, relógios de lamparinas de azeite, relógios de água – *clepsydra*, penso que era assim que se chamavam. E agora temos relógios atómicos extraordinariamente precisos. Mas mesmo assim, o tempo ganha sempre a batalha. Nenhum relógio nos pode dizer o que vai acontecer amanhã ou daqui a uma hora ou daqui a um minuto...”

Debruçou-se para a frente e sussurrou...

“Ou daqui a um segundo! Estamos nas mãos do futuro. É uma causa perdida. Mas há algo heroico nas causas perdidas, não é? E de uma beleza trágica.”

Riley reconheceu a raiva por detrás das palavras do homem. A sua fria determinação em controlar a situação tinha como base uma fúria subjacente contra o mundo.

Ela sentia que também a sua disposição se alterava.

Riley apercebeu-se que provavelmente Redlich não tinha sido sempre assim. Tal como Ellery Kuhl lhes dissera, ele tinha mudado para pior depois da morte da mulher.

Mas teria sido convertido num assassino pela sua raiva?

Riley olhou para o seu relógio. Quase estremeceu ao ver a quantidade de minutos preciosos que já tinham perdido ali. Se Otis Redlich não era o assassino, já estavam atrasados em excluí-lo.

O que quer que se estivesse a passar, Riley não o podia deixar levar a melhor. E se ele quisesse entrar em joguinhos, ela também os podia jogar.

Pegou no telemóvel onde tinha as fotos dos dois relógios de areia.

Disse, “Diga-me Sr. Redlich – o que pensa destas duas ampulhetas?”

Redlich observou as fotos com atenção.

Disse, “Refere-se em termos de trabalho artesanal? Muito bom, devo dizer. Não muito diferente do meu próprio trabalho. Pode reparar em alguns padrões semelhantes nas minhas ampulhetas – imagens similares baseadas em plantas.”

Olhou para as fotos.

“É claro que se o fabricante estava a tentar fazer dois relógios idênticos – bem, isso é outra história. Nesse caso, consideraria o trabalho desleixado. Quando opto por fazer peças compatíveis, são indistinguíveis. Se era isso o que o fabricante pretendia, falhou.”

Riley sabia que a sua próxima tática tinha que resultar.

Ela apontou para as imagens no telemóvel.

Disse, “O que me impressiona é a delicadeza dos detalhes. É-me difícil imaginar a pessoa que fez isto, a produzir alguma coisa vulgar e deselegante – muito menos brutal e cruel. Por exemplo, partir todos os membros das vítimas antes de as enterrar vivas – antebraços, canelas, coxas. Parece-me – inconsistente.”

“Sim,” Disse Redlich. “Isso parece bastante dissonante.”

Riley não viu qualquer alteração na sua expressão perante aqueles detalhes falsos e inventados – nada.

E isso dizia-lhe tudo o que precisava de saber.

Ele não sabia nada dos homicídios a não ser o que tinha ouvido nos meios de comunicação social.

Riley sentiu um nó de raiva preso na garganta. Desde que haviam chegado que ele desempenhara um papel destinado apenas ao seu doentio entretenimento.

Mal conseguia acreditar que a manipulara por tanto tempo. Devia tê-lo topado mal olhara para ele. No final de contas, ele não se enquadrava no seu perfil instintivo do assassino.

Este homem reptiliano nunca seria capaz de encantar as suas vítimas a ponto de confiarem nele.

Riley disse, “Não gosto que façam de mim parva, Sr. Redlich. E não gostei da forma como nos fez perder o nosso tempo.”

O rosto de Redlich mostrou uma expressão de dor fingida.

“Não sei a que se refere, Agente Paige.”

“Oh, tenho a certeza de que sabe,” Disse Riley com a voz a tremer ligeiramente de raiva. “Também sabe que outra vida está em jogo se não encontrarmos o assassino a tempo. Saiu-se muito bem, não foi?”

Redlich encolheu os ombros.

“Lamento qualquer mal-entendido,” Disse ele. “Pensei que estivéssemos a ter uma conversa agradável. Na verdade, eu...”

Riley não esperou que ele terminasse a frase. Regressou à casa com Bill e Jenn logo atrás dela. Quando saíram, Riley estavam praticamente a hiperventilar com a fúria e frustração.

Bill disse, “Ele brincou connosco. O tempo todo.”

“Sem dúvida,” Disse Riley. “E aqui estamos, a perder o nosso tempo em Williamsburg. Que raio de filho da mãe se compraz em brincar daquela forma com questões de vida ou de morte? Merecia ser detido por obstrução à justiça.”

“Não temos hipótese,” Disse Bill. “Como é que o provávamos? Seria apenas a nossa palavra contra a dele.”

Tinham acabado de chegar ao SUV. Jenn agora sorria.

“Eu não teria tanta certeza,” Disse Jenn.

Riley ficou curiosa. Ela lembrava-se da postura de Jenn durante a entrevista – como se ela soubesse de algo que mais ninguém sabia.

“O que é que queres dizer?” Perguntou Riley.

Jenn colocou a mão no bolso e tirou de lá um gravador.

Premiu um botão e Riley ouviu a voz de Redlich...

“O tempo é fundamental. A esgotar-se literalmente, como areia entre os dedos.”

“Raios!” Disse Bill. “Isso é prova que chegue! Vamos voltar e detê-lo.”

Riley abanou a cabeça.

“Não temos tempo. Não agora. Ele não é o nosso homem.”

“Ok,” Disse Bill. “Mas vamos apanhá-lo quando tudo isto acabar.”

Riley disse, “Jenn, envia-me essa gravação para referência futura.”

“Vou tratar disso,” Disse Jenn.

Quando ela e os colegas entraram no carro, Riley não conseguiu evitar lembrar-se de algo que Redlich tinha dito.

“O tempo ganha sempre a batalha.”

Ao dar à chave só esperava que Redlich estivesse enganado.

CAPITULO TREZE

Quando regressaram ao SUV, Riley olhou novamente para o relógio. Foi arrebatada pelo desespero quando viu que já passava das três horas. Não conseguiu evitar fazer as contas de cabeça. Tinham menos de quinze horas antes de o assassino atacar novamente. E não estavam a ir a lado nenhum. Tinham-se limitado a desperdiçar tempo precioso.

Dali a Belle Terre tinham perdido uma hora de viagem e tinham desperdiçado quase mais duas horas a entrevistar duas pessoas irrelevantes em Williamsburg.

Demorariam mais uma hora a regressar a Belle Terre.

Mas deveriam voltar a Belle Terre? Haveria algo mais a fazer que outras pessoas não estivessem já a fazer?

A verdade é que Riley não fazia ideia do que fazer se seguida.

Do lugar do passageiro, Bill perguntou, “Estás bem Riley?”

Riley viu que ele a observava com uma expressão preocupada.

Pareço assim tão mal? Interrogou-se.

“Estou só bloqueada,” Disse ela. “Não sei para onde ir agora. Estou aberta a ideias.”

“Penso que devíamos ir comer,” Disse Bill.

Riley olhou para ele, surpreendida.

Bill encolheu os ombros e disse, “Parece que é alguma ideia maluca.”

“Bem, de certa forma é,” Disse Riley. “O tempo está a esgotar-se.”

Bill disse, “E é por isso mesmo que temos que nos manter alerta. Eu não como nada desde o pequeno-almoço. Comeste alguma coisa hoje?”

Riley não respondeu. Mas lembrava-se de como saíra à pressa de casa naquela manhã com uma bagel na mão depois de beber uns goles de café. Isso já tinha sido há muitas horas. Ela estava com fome e atordoada. Bill tinha razão. Não conseguiria fazer o seu trabalho bem feito sem comer.

“Eu dou as boas-vindas à comida,” Disse Jenn do banco de trás.

Com um suspiro, Riley ligou a ignição e seguiu a estrada principal até encontrar um restaurante de fast food. Ao entrarem, ela disse, “Preciso de falar com o Huang para ver o que se passa.”

Deixou os outros à espera do seu hambúrguer e café, pegou no telemóvel. Ela sabia que Craig Huang estava naquele momento na

esquadra de polícia de Sattler a gerir as atividades da equipa da UAC.

Quando Huang ateneu, perguntou a Riley se ela e os colegas tinham tido alguma sorte em Williamsburg.

Riley suspirou.

“Demos com dois becos sem saída,” Disse ela. “Diz-me por favor que tens boas notícias.”

Riley ouviu Huang a aclarar a garganta. De imediato percebeu que a resposta à sua pergunta era não.

Huang disse, “O Agente Ridge falou com o médico-legista que tem a certeza de que ambas as vítimas morreram de asfixia por terem sido enterradas vivas.”

Riley tamborilou os dedos na mesa.

“Isso não é novidade,” Disse ela. “Que mais?”

“O Agente Geraty ainda está a falar com as pessoas que encontraram os corpos. O Agente Whittington entrevistou a família de Courtney Wallace e também o namorado. O Agente Craft entrevistou os pais de Todd Brier. Ambos já regressaram e vou ver os seus relatórios. Mas não me parece que tenham descoberto muita coisa.”

Enquanto ouvia Huang, Bill e Jenn chegaram com o tabuleiro de comida. Quando lhe deram o seu hambúrguer, Riley percebeu que estava com muita fome. E até o café cheirava bem.

Bill e Jenn sentaram-se em frente a Riley. Riley reparou que pareciam estar a discutir imagens do telemóvel de Jenn. Ficou satisfeita por vê-los a trabalhar juntos.

Riley perguntou a Huang, “Alguma ligação entre as duas vítimas?”

“Nenhuma que tivéssemos detetado. Todd Brier era pastor na Redeemer Lutheran Church em Sattler. Mas não me parece que Courtney Wallace fosse do género de frequentar a igreja. Ela trabalhava como gerente numa empresa de contabilidade, mas Brier tinha um contabilista diferente. Ainda não sabemos se se conheciam de outra forma.”

Riley não conseguiu esconder o desânimo.

Ela disse, “Continue, Agente Huang. Você e toda a equipa.”

“É o que faremos,” Disse Huang.

“Não se esqueça,” Disse Riley. “O tempo está a esgotar-se.”

Riley terminou a chamada e desembulhou o hambúrguer. Deu uma dentada e depois bebeu um gole de café. Bill e Jenn estavam a olhar para alguma coisa no telemóvel.

Riley perguntou, “Descobriram, alguma coisa?”

“Talvez não seja nada,” Disse Jenn.

“Ou talvez seja algo,” Acrescentou Bill. Empurrou o telemóvel de Jenn na direção de Riley. As fotos do telemóvel eram zooms que tinham tirado do topo dos relógios de areia. Ele apontou para as linhas ondulantes esculpidas na madeira.

Bill disse, “A Agente Roston lembrou-se de algo que Otis Redlich tinha dito sobre os padrões.”

Jenn assentiu e acrescentou, “Ele falou sobre basear os seus padrões em imagens de plantas. Mas estas linhas ondulantes não me parecem plantas. Parecem mais... bem, já reparou no aspeto da areia numa praia quando a maré está vazia? Fica assim ondulada.”

Riley olhou para a imagem atentamente. Lembrou-se do aspeto da praia em Belle Terre quando estavam a falar sobre o corpo. Jenn tinha razão, ficara ondulada daquela forma.

“Então o que é que significa?” Perguntou Riley.

Jenn encolheu os ombros e disse, “Bem, parece cada vez mais que o nosso assassino tem algum tipo de obsessão relacionada com areia. Ele utilizou areia normal de praia nas ampulhetas, o que Ellery Kuhl considerou fora do normal. Ela disse que ela a poderia ter utilizado por ‘razões sentimentais’. Uma das vítimas foi enterrada em areia e a outra num solo muito arenoso.”

Riley não sabia o que dizer.

Num caso normal, isto pareceria uma pequena mas importante perspetiva e valeria a pena seguir a ideia. Mas como seguiriam a possibilidade der alguém se interessar por areia?

E tempo era o que não tinham em abundância naquele momento.

Riley disse, “Jenn, não sei...”

Jenn limitou-se a anuir. De forma algo abrupta, levantou-se e foi à casa de banho.

Riley suspirou ao vê-la afastar-se. Era óbvio que Jenn não tinha apreciado a sua falta de entusiasmo.

Riley disse a Bill, “O que é que te parece?”

“Referes-te à Agente Roston?” Perguntou Bill.

“Bem, ela insiste que a trate por Jenn e agora trata-me por Riley.”

Bill disse, “Não há dúvida de que é esperta. Foi uma atitude astuta gravar a nossa conversa com Otis Redlich. Também tem olho para os

detalhes como provou ainda agora. Mas...”

“Mas o quê?” Perguntou Riley.

“Bem, a sua concentração parece ir e vir. É como se estivesse a pensar noutra coisa. Ela é sempre assim?”

Riley abanou a cabeça.

“Não,” Disse ela. “No nosso último caso juntas, ela manteve-se perfeitamente concentrada.”

“Talvez não a esteja a avaliar corretamente,” Disse Bill.

Riley não respondeu. Mas a verdade era que sentira o mesmo em relação a Jenn naquele dia. Às vezes parecia divagar com um olhar distante.

Riley lembrou-se da visita algo estranha de Jenn no dia anterior no seu gabinete, quando ficou à porta e disse...

“Riley, não sei se te devia dizer...”

Mas Jenn não lhe dissera nada.

“Não é nada com que te devas preocupar,” Dissera.

Agora Riley interrogava-se – talvez fosse algo com que se devesse preocupar.

No pouco tempo desde que conhecia Jenn, tivera a sensação que a sua nova parceira escondia segredos sombrios. O mais provável era esses segredos não serem da conta de Riley.

Mas será que começariam a afetar adversamente o trabalho de Jenn?

Outras coisas começavam também a preocupar Riley.

Ela sabia que Bill e Jenn nunca tinham trabalhado juntos e mal se conheciam. Apesar de parecerem dar-se minimamente bem, algo parecia não resultar em absoluto.

Bill estava a recompor-se e estava obviamente ansioso por voltar ao trabalho. Não seria bom se ele e Jenn acabassem às turras um com o outro.

Num caso tão urgente como aquele, uma distração dessas seria um desastre.

Enquanto Bill terminava a sua sanduíche, Riley imaginou se ele se estaria a sentir a mais por ela e Jenn já terem um bom relacionamento.

O que poderia Riley fazer para resolver isso?

Após anos de amizade, há muito que aprendera que devia falar com ele sobre tudo.

Talvez lhe devesse perguntar como é que ele se sente com as coisas como estão, Pensou.

Mas antes de pensar no que dizer, Jenn voltou da casa de banho. Parecia estar novamente bem.

Mal se juntou a eles, Jenn disse, “Estou a pensar se não será uma perda de tempo procurar ligações entre as vítimas. Não será possível que ele escolha as vítimas aleatoriamente? Isso já aconteceu?”

Riley olhou para Bill. Ela sabia que ele estava a pensar no mesmo caso que ela.

Bill disse, “Em novembro último apanhámos um assassino chamado Orin Rhodes. Era um sádico – atirava nas vítimas repetidamente, assegurando-se de que sofriam antes de morrerem. Mas não havia nenhuma razão específica na forma como escolhia as vítimas. Limitava-se a matar quem estava à mão.”

Riley estremeceu ao lembrar-se.

“Estás a esquecer-te de uma coisa Bill,” Disse ela. “Orin Rhodes tinha uma vítima específica em mente. Eu. Eu era o seu alvo principal. Ele queria vingar-se por eu ter morto a sua namorada num tiroteio dezasseis anos antes. Os seus crimes destinavam-se a atrair-me e fazer-me sofrer antes de me matar a mim e à minha família.”

Jenn olhou para Riley compassivamente.

“Li sobre esse caso,” Disse ela. “Deve ter sido difícil para ti.”

Riley engoliu em seco ao lembrar-se do horror do caso. Orin Rhodes estivera perto de matar April e o seu ex-marido Ryan.

Nem fazes ideia, Pensou.

Então Jenn disse, “Ainda assim, Orin Rhodes também escolheu vítimas aleatoriamente, por isso não é nada de inédito. Para alguns assassinos o que realmente interessa é um objetivo dominante ou motivo ou obsessão. Na verdade, isso é algo que todos os assassinos em série têm em comum, mesmo quando está focado em tipos de vítimas específicos.”

“Então o nosso assassino está obcecado com areia?” Perguntou Bill.

“Definitivamente,” Respondeu Jenn. “Mas provavelmente, acima de tudo, em enterrar pessoas vivas.”

Tanto Bill como Jenn olharam para Riley de forma expetante.

Mais uma vez, Riley não sabia o que dizer. Era uma boa perspetiva, não o podia negar.

Mas como iam utilizar aquela ideia com o pouco tempo que lhes restava? Como poderiam pesquisar registos de alguém traumatizado com ligação a areia? Ou que tivesse uma razão para estar obcecado em enterrar

pessoas vivas? O mais certo era esse tipo de coisa nem estar em nenhum registo.

Riley não estava preocupada no ridículo prazo das 18:00 de Walder. Mas estava a ficar muito preocupada com o homicídio que se adivinhava para as 6 da manhã seguinte.

Antes de Riley refletir sobre estas questões, o telemóvel tocou. O seu coração saltou quando viu que a chamada era do chefe Belt.

Quando atendeu, colocou a chamada em alta voz para que Bill e Jenn pudessem ouvir.

“O que tem?” Perguntou Riley.

“Espero que algo consistente,” Disse Belt, parecendo bastante entusiasmado. “Uma mulher da cidade, Hope Reitman, acabou de vir à esquadra. Ela diz que estava a correr na praia mais ou menos à hora do crime. Ela pensava não ter visto nada, por isso não nos contactou mais cedo. Na verdade, ela não se apercebera de quão perto estivera da cena do crime. Ela pensava que tivesse ocorrido noutro local.”

“E?” Perguntou Riley.

“Bem, quando estava a correr viu um homem a colocar um grande relógio de areia no meio das coisas de Rags Tucker. Não pensou muito nisso na altura. Muitas pessoas levam coisas estranhas à barraca de Tucker, incluindo ela. Mas quando ouviu as notícias sobre um assassino que deixara relógios de areia nos locais dos crimes, veio logo à esquadra relatar-nos o que viu.”

Riley ficou entusiasmada com o que ouviu.

“Onde é que ela está agora?” Perguntou.

“Aqui na esquadra a trabalhar com um artista para tentarem obter um esboço do homem que viu. Devemos ter uma imagem concreta muito em breve.”

Riley olhou para Jenn e Bill e pressentiu que estavam tão entusiasmados como ela.

Riley disse ao chefe Belt, “Vamos agora para aí. Devemos estar aí dentro de uma hora.”

Assim que Riley terminou a chamada, ela, Jenn e Bill levantaram-se e dirigiram-se ao SUV. Nenhum deles falou, mas Riley sabia que a esperança crescera.

Como o poderiam evitar?

Finalmente estavam a avançar neste caso.

CAPÍTULO CATORZE

Pairava uma sensação de entusiasmo no ar abafado da pequena sala de conferências quando Riley e os colegas chegaram. O chefe Belt reunira na esquadra de Sattler os seus polícias e outros membros da equipa do FBI. A reunião estava prestes a começar.

O chefe Belt levantou-se da cadeira no topo da mesa.

Disse, “Agentes Paige, Jeffreys, Roston – chegaram mesmo a tempo! Penso que temos algo.”

Projetado num ecrã atrás de Belt estava um esboço de um homem jovem. Riley calculou que era o desenho conseguido pela descrição da testemunha ocular.

O chefe Belt disse a um dos polícias sentado à mesa, “Agente Goodner, diga aos agentes o que acabou de nos indicar.”

Goodner era um polícia jovem com um rosto redondo. Riley reconheceu-o como um dos polícias que estivera na praia.

“O esboço parece-me representar o Grant Carson. É um sacana com mau feitio que reconheço de uma situação policial.” Com um sorriso afetado, virou-se para outro polícia e perguntou-lhe, “E tu também te lembras dele, não te lembras Bryant?”

Bryant era um polícia já de meia-idade e careca. Riley também o tinha visto na praia.

“Lembro-me pois,” Disse Bryant. “Está metido em sarilhos desde muito cedo – roubos, vandalismo, envolvimento em lutas, crueldade com animais...”

Aquele último pormenor chamou a atenção de Riley. Muitas vezes, os assassinos passavam os primeiros anos a maltratar animais. Era um sinal de alarme bem conhecido.

Bryant prosseguiu, “O Goodner e eu prendemo-lo por assalto há uns quatro ou cinco anos. E tens razão Goodner, não aceitou aquilo lá muito bem.”

O chefe Belt coçou o queixo e olhou atentamente para o rosto no ecrã.

“Eu penso que também me lembro dele,” Disse Belt. “Sim, ele foi condenado por roubo. Da última vez que soube dele, estava a cumprir uma pena de cinco anos.”

“Deram-lhe liberdade condicional há alguns meses,” Disse Goodner. “Agora está em reabilitação vocacional a trabalhar na Droullard Building Company como carpinteiro.”

Um carpinteiro! Pensou Riley.

No final de contas, o assassino era quase de certeza alguém com habilidades ao nível da carpintaria. Estaria a identificação correta?

Riley tentou controlar-se.

“Têm a certeza de que é ele?” Perguntou Riley aos dois polícias, apontando para a imagem.

Goodner encolheu os ombros.

“A mim parece-me ele,” Disse ele.

Bryant inclinou a cabeça, parecendo menos seguro.

“Pode ser,” Disse ele. “Lembro-me de ter um queixo maior. Tirando isso, está muito próximo.”

“Muito próximo,” Pensou Riley.

Preferia não ouvir aquelas palavras naquele momento. Mas é claro que os esboços feitos a partir de relatos de testemunhas raramente eram retratos exatos. Geralmente apenas forneciam uma ideia geral daquilo que era suposto procurar.

Aproximou-se da imagem para ver melhor. A verdade era que aquele esboço não era grande coisa. Ou talvez o suspeito não tivesse um rosto muito interessante. O homem retratado parecia extremamente banal e normal, com cabelo escuro curto e sem traços distintivos. Na verdade, conseguia lembrar-se de vários tipos que tinham aquele aspeto neutro.

Riley perguntou ao chefe Belt, “A testemunha ainda se encontra no edifício? Quero dizer, a mulher que forneceu a descrição?”

O chefe Belt abanou a cabeça.

“Mandámo-la para casa. Ela disse-nos tudo de que se lembrava.”

Riley estava tentada a dizer...

“Gostava que não o tivessem feito.”

Em vez disso sugeriu, “Talvez a testemunha reconhecesse a vossa foto do Carson.”

Belt pareceu hesitar. Então disse a Goodner, “Ligue à Senhora Reitman. Mostrem-lhe a foto e vejam o que ela diz.”

Goodner dirigiu-se à sua secretária e começou a trabalhar no computador.

Riley perguntou a Belt, “Qual a distância a que a testemunha estava do suspeito quando o viu?”

“Ela disse que estava a cerca de seis metros de distância,” Disse Belt.

Riley perguntou, “E onde estava ela em relação a ele? Entre ele e a água ou mais longe do lado da praia?”

Belt pareceu ligeiramente intrigado.

Disse, “Não sei qual a relevância disso. Mas ela disse que vinha da estrada da praia e que passava junto à barraca para chegar à areia mais dura onde poderia correr mais facilmente. Viu-o pousar a ampulheta e depois correr pela praia.”

Riley tentou recriar a cena junto à barraca de Rags Tucker. A maré estava no auge na praia.

Por volta das seis da manhã, o sol ainda não nascera, mas haveria traços de luz a leste a reverberar na água.

Parecia que o suspeito estaria entre a mulher e a luz.

A seis metros de distância àquela hora da manhã, teria ela captado mais do que esta silhueta?

Talvez.

No final de contas, ela parecia certa do que vira para se deslocar à esquadra e dar uma descrição. Mas Riley sentir-se-ia mais confiante se a mulher tivesse visto o suspeito de mais perto ou com mais luz.

Goodner voltou com um sorriso no rosto. “Ela diz que parece ser ele,” Informou.

“Ela tem a certeza?” Perguntou Belt.

“A princípio não tinha a certeza, mas depois disse ‘Oh sim, lembro-me agora. Esse é o homem que vi’”.

Riley disse, “Então temos que falar com Grant Carson.”

“Concordo,” Disse o chefe Belt. “Vamos tentar saber onde está.”

Pegou no telefone, discou um número e colocou a chamada em alta voz para que todos os presentes pudessem ouvir.

Uma voz de homem atendeu.

“Droullard Building Company, Fala Quincy Droullard.”

O chefe Belt falou num tom amistoso.

“Ei Quincy. Fala Parker Belt. Como vão as coisas?”

“Podiam ir melhor, podiam ir pior,” Disse o homem no que parecia um tom de voz cronicamente amargo.

Belt recostou-se na cadeira.

“Ouve Quincy, esta chamada está a ser acompanhada por várias pessoas. Preciso que me ajudes com uma coisa. Tens um tipo chamado Grant Carson a trabalhar para ti?”

Quincy Droullard soltou um riso áspero.

“De certa maneira, pode-se dizer que sim. Ultimamente não tem sido de grande utilidade. Não sei o que se passa com ele.”

Trocaram-se olhares entre os presentes.

“O que é que queres dizer com isso?” Perguntou Belt.

“Bem, o trabalho tornou-se errático. E também a sua atitude. Quando não está apático, tem mau feitio. Só te digo uma coisa, é a última vez que contrato alguém em liberdade condicional. Ele fez alguma coisa de errado?”

“Só queremos falar com ele,” Disse Belt. “Se estiver a trabalhar, talvez possamos passar por aí para lhe fazermos algumas perguntas.”

Droullard grunhiu.

“Lamento, hoje deu parte de doente. Tem feito isso muitas vezes ultimamente.”

“Tens a morada dele?” Perguntou Belt.

“Claro,” Disse Droullard.

Ouviu-se um som de papéis remexidos.

Então Droullard disse, “Ele vive aqui em Sattler na 14 Hale Street.”

Belt agradeceu a Droullard e terminou a chamada.

Disse, “A morada fica a poucos quarteirões da praia. Tenho um pressentimento de que Grant Carson é o nosso homem.”

Riley disse, “Vamos a casa dele.”

Belt abanou a cabeça.

“Calma,” Disse ele. “Este tipo pode ser perigoso. Se aparecermos na sua casa e batermos à porta educadamente, podemos ser surpreendidos. Alguém pode morrer. O melhor é obtermos um mandado.”

Riley sentiu-se desconfortável. Ela não podia negar que um mandado era uma boa ideia. Permitiria que a equipa entrasse em casa de Grant Carson sem aviso. Mas seria viável?

Perguntou a Belt, “Como é que vai obter um mandado?”

“Isso não deve ser difícil,” Disse Belt.

Enquanto falava, já ligava para um outro número. Dali a instantes, tinha um juiz local ao telefone. O juiz parecia ansioso por enviar o mandado.

Balt só teve que lhe enviar um depoimento juramentado por fax e o juiz enviava-lhe o mandado de imediato.

Riley estava admirada com a forma como Belt despachava questões burocráticas.

Belt terminou a chamada e olhou para os presentes.

“Agora precisamos de escolher uma equipa para o raide. Dos meus quero o Goodner, o Bryant, o Moon e o Robinson. Agente Paige, quem quer levar – para além dos Agentes Jeffreys e Roston?”

Riley olhou à sua volta para os rostos do pessoal do FBI que se encontrava na sala.

Disse, “Quero o Huang, o Whittington, o Craft e o Ridge.”

Belt assentiu, levantou-se e acrescentou, “Vou para o meu gabinete para preparar a papelada para o juiz. Quanto a vocês, preparem-se. Vamos para a casa de Grant Carson assim que tiver o mandado em minha posse.”

Belt dirigiu-se ao seu gabinete e a reunião terminou.

Riley, Jenn e Bill ficaram a olhar uns para os outros. Jenn tinha uma expressão expetante no rosto.

“Pode ser isto,” Disse Jenn.

Bill anuiu ligeiramente, parecendo não ter tanta certeza,

Quanto a Riley, os seus instintos não despertavam e não conseguia ter uma opinião concreta. Não estava completamente confortável com aquela decisão, não estava certa se era a melhor forma de empregarem o seu tempo.

Mas naquele momento, não tinham outra possibilidade.

Riley olhou para o relógio na parede e viu o ponteiro dos segundos a avançar violentamente sem misericórdia.

Mais uma vez, não conseguia evitar lembrar-se do que Otis Redlich filosofara perversamente sobre o tempo...

“Nenhum relógio nos pode dizer o que vai acontecer amanhã ou daqui a uma hora ou um minuto... ou um segundo!”

Estremeceu. Ela sabia que aquele caso lhe estava a afetar os nervos de uma forma que poucos casos tinham conseguido.

Interrogou-se...

Estou no meu melhor? Estou à altura dos acontecimentos?

Mas que escolha tinha?

“Venham,” Disse aos colegas. “Esperemos acertar em cheio.”

CAPÍTULO QUINZE

Bill olhou desconfortavelmente para Riley quando os agentes do FBI se dirigiram para o SUV. Para além de Riley e Jenn, quatro outros agentes tinham-se juntado à equipa para o raide. Ele estava contente por ter algum apoio extra.

À medida que as frustrações do dia se acumulavam, pareceu a Bill que Riley estava cada vez mais stressada. Aproximou-se dela e perguntou-lhe, “Estás bem?”

Riley olhou para ele com uma expressão defensiva.

“Porque é que me estás sempre a perguntar isso?” Disse ela.

“Só me questionei,” Disse Bill.

“Então para de te questionar. Concentra-te no que aí vem.”

Bill sentiu-se picado. Riley não reagia com ele daquela forma com muita frequência.

Ainda assim, não é um mau conselho, Pensou ele.

A verdade era que Bill também não se sentia no seu melhor. Sentira-se estranhamente deslocado durante todo o dia, desde manhã quando tomara a decisão impulsiva de trabalhar naquele caso.

A princípio preocupara-se com o facto de o seu SPT poder regressar. Ainda tinha recordações ocasionais da morte de Lucy e dos seus tiros a atingirem um rapaz inocente na Califórnia. Mas até agora, as recordações não tinham regressado.

Sentia-se mais do que ansioso para voltar a trabalhar.

Então qual era o problema?

Ele tinha que admitir que era algo novo. Sentia-se estranhamente inseguro da sua posição perante Riley e a sua nova parceira, a Agente Roston.

Jenn, é como a trata, Lembrou-se. Fora apanhado de surpresa com aquela familiaridade.

Não gostava de pensar que estava a sentir ciúmes ou algum tipo de ressentimento. Mas apos tantos anos a trabalhar com Riley como parceiro e amigo, de lhe confiar a sua vida e muito, muito mais, como é que podia evitar sentir-se estranho com aquelas mudanças?

A situação era diferente quando ele e Riley trabalhavam em equipa com Lucy Vargas. Ambos gostavam muito de Lucy e Lucy encaixava

perfeitamente. Os três tinham partilhado uma química perfeita.

Mas isso parecia não estar a acontecer agora, pelo menos ainda não.

Para começar, Bill tinha uma sensação estranha em relação a Jenn Roston. Parecia-lhe algo misteriosa. Pior ainda, às vezes parecia não estar focada.

Mais do que uma vez notara que a sua mente parecia estar a divagar, ausente quando precisava de estar concentrada no caso. Algo a assombrava e Bill tinha a sensação de que não era coisa boa.

Esse tipo de coisa podia matar um agente. E podia ser igualmente perigoso para quem estivesse a trabalhar com ela.

No que dizia respeito a Riley, Bill apercebia-se que ela estava a deixar as pressões únicas do caso afetarem-na.

E isso nem parecia coisa dela.

Quando Bill, Riley, Jenn e outros quatro agentes do FBI chegaram à carrinha, vestiram os seus coletes Kevlar. Prepararam-se para o raide iminente à casa de Grant Carson e esperaram que o chefe Belt obtivesse o seu mandado do juiz local.

Algun tempo depois, o chefe Belt e quatro dos seus polícias saíram do edifício e entraram nos seus veículos. Riley pôs-se ao volante do SUV e seguiu-os até à morada de Grant Carson.

Era uma curta viagem até à comunidade mais antiga com casas de menores dimensões. O bairro era próximo da praia e o solo era visivelmente arenoso. Lembrava a Bill a observação que Jenn Roston fizera não há muito.

“O nosso assassino tem algum tipo de obsessão por areia.”

Bill ficou mais nervoso.

Pode mesmo ser isto, Pensou.

A morada de Carson, 14 Hale Street, era uma casa como outra qualquer naquele bairro modesto – uma pequena casa branca com uma vedação de estacas.

Bill notou sinais de atividade de imediato. Estacionado à entrada estava um velho carro com as portas e a mala abertas.

Quando os veículos estacionaram, Bill disse, “Parece que alguém se está a preparar para viajar.”

“Não se o pudermos evitar,” Disse Riley.

Todos saíram dos veículos e reuniram-se à volta de Riley. Deu ordens silenciosamente a polícias e agentes para se dirigirem às zonas laterais e

traseiras da casa e para outros cobrirem a entrada. O grupo moveu-se para as suas posições com armas em riste, rodeando a casa e atentos a todas as saídas possíveis.

Bill começava a preocupar-se.

Com certeza que Grant Carson notara a sua chegada.

E lá se foi a tática de não bater à porta, Pensou. Não tiver que fazer nenhum aviso ao residente, mas estavam a fazer-se notar.

Bill, Riley, Jenn e o chefe Belt caminharam até à porta de entrada. Um polícia local com um aríete seguia logo atrás deles.

Riley colocou-se ao lado da porta para o caso de alguém disparar de dentro da casa e chamou, “Grant Carson?”

Não obteve resposta.

Riley chamou novamente, “É o FBI. Saia com as mãos no ar.”

Mais uma vez não obteve resposta.

Riley fez um gesto ao polícia que transportava o aríete. Ele avançou e balançou a pesada forma metálica contra a porta que abriu facilmente.

Excessivo, Pensou Bill. *Um bom pontapé teria feito o mesmo efeito.*

Com Riley a comandar, os quatro entraram na casa. O interior estava repleto de malas e outros sinais de que o ocupante se preparava para partir. O pouco mobiliário parecia ter sido comprado numa loja económica.

Riley chamou, “Grant Carson, sabemos que está aqui. Mostre-se. Mantenha as mãos erguidas.”

Uma voz respondeu de um compartimento adjacente.

“OK, OK. Afinal o que é que se passa?”

Grant Carson avançou com as mãos acima da cabeça. Era um homem de aspeto vigoroso mas desinteressante. Bill pensou que tinha parecenças com o homem do esboço. Mas ao mesmo tempo, muitos outros homens da sua faixa etária se poderiam enquadrar naquele esboço.

Carson tinha um sorriso afetado no rosto. Parecia tudo menos surpreendido.

Disse, “Ei, chefe Belt. Já lá vai algum tempo, é bom vê-lo. Vejo que trouxe consigo muita companhia. Ainda bem que sou naturalmente humilde. Toda esta atenção podia subir-me à cabeça. O que é que se passa?”

“Diz-me tu,” Disse Belt. “Parece que te estavas a preparar para fazer uma viagem.”

“Sim, vou tirar umas férias,” Respondeu Carson.

Belt abanou a cabeça.

“Não foi o que o Quincy Droullard me disse,” Replicou. “Ele disse que tinhas dado parte de doente.”

“A sério? Parece que tivemos um problema de comunicação.”

O sorriso de Carson expandiu-se.

Disse, “Que mais lhe disse o velho Droullard?”

Enquanto falava, Belt pegou num par de algemas, “Grant Carson, está preso por...”

Carson interrompeu-o com uma risada.

“Pois, já percebi. Descontraia, eu não vou resistir.”

Quando Belt se aproximou de Carson, Bill ficou apreensivo.

Algo está prestes a correr mal, Percebeu.

Abriu a boca para avisar Belt para se afastar de Carson, mas antes que pudesse falar, houve um súbito movimento.

Carson baixou-se com uma mão e agarrou o chefe Belt com a outra.

De repente, Carson estava a segurar o chefe Belt com uma faca encostada à garganta.

Bill demorou alguns segundos para apreender o que acabara de acontecer.

Carson sacara de uma faca de caça de um tornozelo enquanto em simultâneo agarrava no chefe Belt.

Fora uma manobra incrivelmente hábil. O homem era rápido e forte.

Bill calculou que os reflexos de Carson se tinham aprimorado na prisão por uma questão de sobrevivência.

Os olhos de Belt transmitiam choque e terror.

Carson riu-se soturnamente e disse, “E agora, se não se importam. Vou fazer as férias que planeei. E vou levar este simpático polícia comigo. Talvez façamos uma pescaria juntos.”

Bill cerrou os dentes. Odiava situações que envolviam reféns.

E naquele momento, não vislumbrava forma de separar Carson da sua vítima sem que Belt se ferisse gravemente – talvez fatalmente.

Então Bill ouviu a voz de Riley.

“Grant – posso tratá-lo por Grant?”

Carson olhou para Riley com uma expressão perplexa.

“Não quer fazer isto,” Disse ela. “Está apenas a dificultar as coisas para si.”

Ela estendeu a mão.

“Dê-me a faca,” Disse ela.

Carson recuou.

“Fica longe de mim, cabra,” Disse ele.

Riley sorriu desconfortavelmente e avançou um passo.

“Com certeza que conseguimos chegar a um acordo,” Disse ela.

Bill ouviu um tremor receoso na voz de Riley.

Ele viu a sua mão tremer ao guardar a arma.

Tinha medo?

Não parecia a Riley.

Então Bill percebeu...

Está a representar.

Ela estava a agir como se tivesse medo mas ingenuamente tentasse fazer algo corajoso apesar do seu medo.

Ela fingia ser uma novata que não fazia ideia no que se estava a meter.

Estava a tentar atrair Carson.

Bill olhou para Jenn. Será que a verdadeira novata se apercebia do que se estava a passar? Se ela tentasse intervir e ajudar, arruinaria o que Riley tinha em mente.

Jenn encontrou o seu olhar. Levantou uma sobrancelha.

Bill abanou a cabeça ligeiramente. Ficou aliviado por ver que a jovem agente recuava. Impedira-a mesmo a tempo.

Então apercebeu-se do que Riley estava a fazer. Ela queria que Carson tomar o lugar do chefe Belt como refém de Carson.

A expressão era agora desdenhosa.

O jogo de Riley estava a funcionar!

Carson disse, “Claro, minha senhorinha, podemos chegar a um acordo. Venha até aqui para conversarmos melhor.”

Ainda parecendo aterrorizada, Riley aproximou-se.

E noutro movimento rápido, Carson soltou Belt e agarrou Riley.

Agora tinha a faca na sua garganta.

Enquanto Belt atravessava o compartimento já em segurança, a expressão aterrorizada de Riley alterou-se para outra de pura satisfação.

“Esperava que fizesse isso,” Disse ela.

Bill quase sorriu.

Do seu treino, ele sabia exatamente o que esperar, movimento a movimento.

Riley inclinou-se para trás com o tronco, atingindo Carson no queixo com a cabeça.

A sua cabeça recuou de dor e surpresa.

Riley então inclinou-se rapidamente para trás, criando uma abertura entre ela e a mão que segurava a faca.

Agarrou-lhe no pulso com ambas as mãos.

Afastou a faca com a mão direita ao mesmo tempo que o atingia diretamente na virilha com o antebraço esquerdo.

Quando Carson soltou um enorme grito de dor, Riley deu-lhe uma cotovelada no abdómen e afastou a faca com ambas as mãos. Girou o corpo encarando-o.

Depois deu-lhe um pontapé na virilha.

Ainda em movimento, Riley torceu-lhe o seu braço a ponto de ele largar a faca e cair de joelhos no chão. Deu-lhe um pontapé no queixo, deixando-o em dificuldades de costas.

Riley apanhou a faca e colocou um joelho no seu peito.

De repente, a expressão de Riley mudou para algo semelhante a uma fúria selvagem.

Libertou um grito de triunfo ao levantar a faca como se fosse bater com o cabo no rosto de Carson.

Vai matá-lo! Apercebeu-se Bill.

Bill avançou e agarrou no braço de Riley, tirando-lhe a faca.

Ela virou-se e olhou para ele com os olhos dilatados de fúria. Era uma expressão que Bill já lhe vira mas não direcionada a ele.

Durante um momento, ele receou que ela o fosse atacar.

“Riley, sou eu!” Gritou. “Para! Acabou!”

O rosto e corpo de Riley relaxaram. Ela parecia atordoada com o choque como se não soubesse o que tinha acabado de acontecer. Depois levantou-se e afastou-se do corpo caído de Carson.

Riley tremia – e Bill sabia que ela já não estava a tremer.

O chefe Belt dirigiu-se a Carson, algemando-o e lendo-lhe os direitos.

Bill puxou Riley e levou-a para o outro lado do compartimento.

“Riley, que raio acabou de acontecer? O que é que estavas a fazer?”

Riley ficou a olhar para ele como se tivesse acabado de acordar de um pesadelo.

Ele disse, “Vai para o carro e fica lá. Eu trato das coisas por aqui.”

Riley anuiu e saiu da casa em direção ao SUV.

Bill convocou a equipa, dando-lhes ordens para fazer buscas na casa e na área próxima. Bill reparou que alguns vizinhos estavam à porta, olhando assustados e alarmados.

Dirigiu-se a eles, “Está tudo bem. Está tudo sob controlo. Acabou.” Ele sabia que a equipa faria perguntas a alguns deles sobre o seu vizinho que acabara de ser preso.

Espero que tudo tenha acabado, Pensou, ainda a questionar-se sobre que tipo de demónio se apoderara de Riley.

CAPÍTULO DEZASSEIS

Riley sentiu-se fraca quando entrou no SUV. Sentou-se na parte de trás da carrinha e tremeu, sentindo-se fria de puro choque.

Ela sabia que estava a recuperar de uma tremenda onda de adrenalina.

Mas o que é que tinha acabado de acontecer?

Aos poucos, a verdade começou a vir ao de cima.

Na violência do momento, recordara-se do único ato selvático que já havia cometido.

Fora quando matara Peterson, um psicopata que a tinha capturado e torturado, provocando-lhe SPT. Ele tinha raptado a sua filha e Riley acabara por apanhá-lo e matá-lo.

Ela tinha esmagado a sua cabeça selvaticamente vezes sem conta com uma pedra.

E gostara de o fazer.

Quando se ajoelhou junto ao corpo de Carson há pouco, revivera aquele momento.

Encolheu-se ao aperceber-se...

Se Bill não a tivesse impedido, ela teria matado Carson.

O que é que se passa comigo? Questionou-se.

O que é que havia neste caso que a fazia reagir daquela forma?

Ela tentou convencer-se que tudo tinha terminado, o caso estava resolvido, tinham apanhado o assassino e impedido que cometesse mais crimes.

Mas de alguma forma, o alívio que geralmente sentia em momentos como aquele, não estava a vir ao de cima.

Virou-se e viu as duas ampolhetas nas traseiras do veículo – Uma delas vazia, a outra ainda a correr. Um fio de areia ainda passava na estreita passagem entre os dois globos de vidro, uma implacável lembrança do tempo que passava.

Mas porque é que aquilo importava naquele momento? Porque é que o fluco de areia ainda afetava a sua mente?

É só areia, Tentou dizer a si própria.

E para além disso, já não constituía qualquer perigo.

Acabou, Tentou capacitar-se.

Ainda assim, aquele gotejar evocava um sentimento de impotência que raramente experimentara, nem sequer após anos a enfrentar todo o tipo de ameaça e perigo.

Sentia uma necessidade profunda, irracional de parar aquele fluxo de areia.

Parecia fácil pará-lo. Bastava inserir um dedo abaixo da abertura estreita de vidro para o parar – bastava isso.

Mas ela não o conseguia fazer.

Havia uma parede de vidro entre os seus dedos e a areia que fluía.

Aquele frágil gotejar podia converter-se numa avalanche massiva ou num deslizamento de terras.

É claro que ela podia virar o relógio e reverter o fluxo. Ou podia deitá-lo de lado e a areia pararia o seu fluxo de imediato.

Mas ela não conseguia sequer mexer no objeto.

Por que não?

O que a impedia?

Afinal de contas, tudo tinha terminado, não era?

O caso estava encerrado.

Mas por qualquer razão, não se atrevia a interromper o fluxo de areia.

Não olhes, Disse a si própria.

Com esforço sobre-humano, Riley conseguiu fechar os olhos. Então virou a cabeça.

Apercebeu-se de que estava a hiperventilar. Abrandou a respiração de forma deliberada e tentou controlá-la.

É apenas stress, Disse a si própria, mantendo os olhos fechados.

Fora um caso imensamente stressante, afinal de contas. Fora isso que a prejudicara.

Mas nem Bill, nem Jenn pareciam estar tão desgastados como ela. E Bill tinha passado por um período particularmente frágil nos últimos tempos.

Ela é que quase matara um suspeito sem qualquer motivo para o fazer.

O que é que se passa comigo? Interrogou-se.

Porque é que este caso a afetara de forma tão pessoal?

Abriu os olhos quando ouviu vozes a aproximarem-se. Viu a equipa a ir na sua direção vindos da casa. O chefe Belt não estava entre eles. Riley apercebeu-se de que Belt e pelo menos um dos seus polícias já deviam ter regressado à esquadra com Grant Carson.

O restante grupo reuniu-se à volta do SUB. Ninguém parecia feliz – sobretudo Bill.

Riley perguntou, “Fizeram uma busca?”

“Sim,” Disse Bill, remexendo os pés impacientemente. “Não encontrámos nenhuma prova sólida – nenhuma pá, nenhum carrinho de mão, nenhum equipamento de carpintaria, nenhuma ampulheta ou qualquer sinal de que as fazia.”

Jenn acrescentou, “Mas encontrámos dinheiro no seu carro, cerca de quinhentos dólares. E estava preparado para partir. E quando aqui chegámos, parecia quase estar à nossa espera.”

Bill anuiu e disse, “Ele é culpado, não há a mínima dúvida. Mas é mais inteligente do que o psicopata normal. Tem outro covil onde guarda tudo o que o incrimina. E parece-me que esse sítio vai ser bem difícil de encontrar. Até o conseguirmos, vai ser difícil provar que é culpado.”

Jenn disse, “Bem, pelo menos temo-lo preso – e a várias horas de distância até o próximo crime planeado.”

Bill não disse nada, mas Riley viu a desilusão no seu rosto. Riley sabia em que é que ele estava a pensar e ela partilhava a sua desilusão. Não tinham encontrado nada que provasse que Grant Carson era culpado. Se acabasse solto, que tipo de ameaça constituiria no futuro? Sobretudo se deixasse a área e se estabelecesse noutra local em algum bairro insuspeito? Quantas vidas ele roubaria noutra sinistra ocasião?

Ela olhou para os outros membros da equipa que ainda estavam reunidos à volta do SUV. Todos pareciam expectantes. Esperavam ordens.

Mas naquele momento, Riley não sabia o que lhes dizer.

Antes de pensar com clareza, o seu telemóvel tocou. A chamada era do chefe Belt. Riley colocou a chamada em alta voz para que a equipa pudesse ouvir.

Belt perguntou, “A equipa encontrou alguma coisa útil?”

“Receio que não,” Disse Riley.

“Bem, poderá não importar,” Disse Belt. “Grant Carson diz estar pronto para confessar.”

Um rumor de entusiasmo percorreu a equipa.

Riley mal conseguia acreditar no que estava a ouvir.

“Diga?” Disse ela.

“Carson diz que nos vai contar tudo,” Disse Belt.

Riley trocou olhares ansiosos com Bill e Jenn.

Disse, “Não o deixem começar antes de chegarmos aí.”

“Não se preocupe,” Disse Belt. “Ele insiste em ter um advogado presente quando falar. Tentem apenas cá chegar antes do defensor público lhe dar muitas ideias.”

A chamada terminou. Os policiais locais voltaram aos seus veículos. Bill e Jenn entraram no SUV juntamente com Huang e os outros três agentes do FBI.

Riley ficou onde estava, por isso Jenn passou para a frente ocupando o lugar do passageiro e Bill ficou ao volante.

Enquanto Bill conduzia rumo à esquadra, Riley continuava à espera de algum alívio.

Não aconteceu e ela perguntou-se porquê.

Parece tudo demasiado fácil, Pensou.

Porque é que Carson estava tão pronto e ansioso para confessar tão rapidamente após a detenção?

Não fazia muito sentido.

Durante a viagem, não parava de pensar na ampulheta na mala do SUV, ainda marcando o tempo perdido com o seu gotejar de areia constante. Parecia contradizer as notícias que acabavam de ouvir.

Riley não conseguia afastar a sensação de que a ampulheta ainda representava problemas.

CAPÍTULO DEZASSETTE

Quando Bill estacionou o SUV em frente à esquadra, Riley viu um grupo de jornalistas no exterior. Também viu que o chefe Belt estava à entrada à espera deles. Riley ficou aliviada por mudar a sua atenção do fluxo de areia da ampulheta para o homem que provavelmente as tinha colocado junto às vítimas.

Riley e Bill passaram pelos jornalistas barulhentos, ignorando-os enquanto caminhavam na direção de Belt.

“O advogado do Carson está cá,” Disse Belt. “Entrem, estamos prontos para começar.”

Riley e os seus companheiros seguiram Belt até à sala de interrogatório. Ela percebia que o chefe estava entusiasmado com a potencial confissão.

Carson estava algemado à mesa da pequena sala. Um homem de meia idade com aspeto entediado estava sentado a seu lado. Quando os agentes do FBI entraram na sala, Carson olhou para Riley e recuou.

“Mantenham essa cabra louca longe de mim,” Guinchou.

Riley limitou-se a sorrir e afastou-se contra a parede. Ela não se orgulhava da fúria que dela se apoderara durante a detenção de Carson, mas até podia ser útil para o suspeito ter algum receio.

O chefe Belt ignorou o comentário do prisioneiro. Limitou-se a assentir ao homem que se encontrava na mesa para começar.

O homem apresentou-se a Riley e aos colegas como sendo Ralph Craven, o advogado de defesa que fora designado para representar Carson.

Também sentado à mesa estava uma estenógrafa com caneta e papel e também um gravador.

Então Craven disse, “O meu cliente está disposto a falar – mas quero que saibam que o aconselhei a não o fazer.”

Belt disse, “O seu cliente conhece os seus direitos. Deixe-o falar se é o que quer.”

Craven anuiu relutantemente na direção da estenógrafa que ligou o gravador e se colocou a postos com a caneta em riste.

Carson ficou ali sentado em silêncio durante alguns instantes. O sorriso afetado que mostrara na sua casa desaparecera-lhe do rosto. Agora a sua expressão parecia completamente neutra. Riley não fazia ideia em que é que ele pensava ou o que sentia.

Por fim, Carson disse, “OK, fi-lo. Sou culpado.”

Riley disse, “Vai ter que nos dar mais do que apenas isso.”

Carson encolheu os ombros.

“Porquê? Não encontraram o dinheiro no meu carro?”

O dinheiro? Pensou Riley.

Riley olhou para os colegas e viu que estavam tão intrigados como ela.

Os olhos de Carson percorriam toda a gente na sala. Engoliu em seco, depois recomeçou.

“Disseram que falaram com o velho Droullard,” Disse ele. “Pensei que vos tivesse contado...”

Carson não prosseguiu por um momento. Pela primeira vez desde que Riley o vira, parecia algo alarmado.

Disse, “Merda, quer dizer que não sabem?”

O advogado demonstrou o seu desânimo.

“Eu disse-lhe para não falar,” Disse Craven. “Agora ouça-me – nem mais uma palavra. Ouviu-me?”

Carson baixou a cabeça.

Riley agora ficara preocupada que ele afinal não falasse. Pensou rapidamente, tentando perceber o que se estava a passar.

Disse, “Anda a desviar dinheiro do patrão, não é? Aos poucos, provavelmente desde que começou a trabalhar lá. Os quinhentos dólares são disso e preparava-se para deixar a cidade com esse dinheiro.”

“Nem mais uma palavra,” Disse Craven outra vez, com mais vigor desta vez.

Mas a paciência de Carson parecia estar no limite.

“Estou farto desta cidade, OK? Toda a gente aqui sempre me tratou como um monte de merda. Ando a planear sair daqui desde que saí da prisão. Faria qualquer coisa para ir para outro sítio. E porque não levar aquele dinheiro? O que são quinhentos dólares para um tipo como o Droullard?”

Abanou a cabeça e acrescentou, “Raios, ele nem deu pela sua falta. E vocês nem queriam saber daquele dinheiro. Eu já devia saber. Devia ter-me calado. Só pensei que seria mais fácil para mim se confessasse e não tivesse que ir a julgamento. Pensei que não me mandariam de volta para a prisão. Talvez pudesse simplesmente devolver o dinheiro. Mas agora... lixei-me a sério, não foi?”

Craven soltou um grunhido de concordância.

Riley colocou as mãos em cima da mesa e debruçou-se sobre Grant Carson. Ele afastou-se dela o máximo que pode.

Ela disse, “Grant, sabe muito bem que foi preso por algo bem mais grave do que um mero roubo. Podemos acrescentar resistência à prisão, ataque a um polícia e...”

Craven interrompeu-a, dizendo a Carson, “Estou a falar a sério. Não diga nem mais uma palavra.”

Mas Carson parecia mais nervoso e mais ansioso por falar do que nunca.

“Sim, eu sei. É o que me dizem. Duas acusações de homicídio. Ouçam, sou um raio de um prevaricador e toda a gente sabe disso. Mas não sou um assassino. Não tive nada a ver com isso. Nunca o provarão, porque eu não cometi esses crimes.”

De repente, o chefe Belt mostrou-se exasperado e saiu da sala.

Riley ficou alarmada. Até ao momento não vira qualquer sinal de fúria no chefe. É claro que o chefe tinha uma boa razão para estar furioso com Carson mas agia como se aquele ataque não tivesse ocorrido.

De repente, ela sentiu que também ela já estava farta daquela cena. Não iam a lado nenhum com o suspeito. Aquilo ia demorar mais tempo do que ela previra.

Saiu da sala e juntou-se ao chefe Belt na cabina exterior à sala de interrogatório. Conseguiram ouvir Bill e Jenn ainda a espicaçar Carson com perguntas, tentando fazê-lo confessar os crimes e não um roubo menor.

O chefe Belt caminhava de um lado para o outro na cabina.

“Já devia saber,” Disse ele. “Ele deu-nos a volta.”

“O que é que quer dizer?” Perguntou Riley.

“Bem, é óbvio, não é? Ele sabe que não temos provas que o liguem aos crimes, pelo menos ainda não. Então confessa um simples roubo para desviar a nossa atenção. Não lhe parece?”

Riley não respondeu.

A verdade era que a conclusão de Belt não era assim tão óbvia para ela.

Virou-se e viu e ouviu o que se passava na sala de interrogatório. Bill e Jenn faziam-lhe perguntas, tudo o que estivesse ao seu alcance para chegar a algum lado. Mas era óbvio que não iam a lado nenhum. E Riley sabia que ela não podia fazer melhor se estivesse na sala, nem que o ameaçasse outra vez.

Riley aproximou-se da janela e estudou a expressão de Carson atentamente. Agora via pânico genuíno no rosto do suspeito.

Ouviu confusão genuína na sua voz.

Riley engoliu em seco.

Ainda a olhar pela janela, Riley disse tranquilamente a Belt, “O Carson não é o nosso assassino.”

“O quê?” Disse Belt. “De que é que está a falar?”

“Não é ele,” Disse Riley com firmeza. Mas antes que pudesse começar a explicar, o telemóvel tocou.

Viu que a chamada era de Carl Walder.

Lembrou-se do que ele dissera da última vez que tinham falado...

“Espero que prenda o assassino antes das seis horas.”

Ela olhou para o seu relógio e viu que eram seis em ponto.

Riley conteve um suspiro de desespero.

Um dia mau estava prestes a tornar-se muito pior.

CAPÍTULO DEZOITO

Riley dirigiu-se ao corredor para atender a chamada de Carl Walder. Quando atendeu, ficou surpreendida com o tom de voz agradável de Walder.

“Bem, Agente Paige, penso que lhe devo dar os parabéns.”

“O quê?” Perguntou Riley. “Porquê?”

“O chefe Belt ligou-me há pouco. Disse que apanharam o assassino e que está detido.”

Riley percebeu que aquela chamada ia ser ainda mais difícil do que estava à espera.

Disse, “Chefe Walder, receio que as novidades tenham sido algo pre,aturas.”

Seguiu-se um silêncio tenso.

Riley disse, “Penso que Grant Carson não é o nosso assassino.”

Agora Walder mostrava-se incrédulo.

“Pensa que não é o assassino?”

“Exato.”

“Pelo que Belt me disse ele estava a preparar-se para confessar.”

“E não há dúvida de que confessou,” Disse Riley. “Confessou ter roubado quinhentos dólares ao patrão. Quando o apanhámos, estava a preparar-se para sair da cidade com o dinheiro.”

Outro silêncio se seguiu.

Então Walder disse, “De acordo com o chefe Belt, Grant Carson é um criminoso inveterado com um histórico de comportamento violento que saiu há pouco tempo da prisão e tem habilidades ao nível da carpintaria – uma habilidade que ligaríamos a um assassino que faz relógios de areia. Tem alguma razão para crer que ocorreu um engano?”

Riley engoliu em seco.

“Bem, não encontrámos qualquer prova física que o ligasse aos crimes e...”

“E o quê?”

Riley lembrou-se da expressão no rosto de Carson quando o observou através do vidro.

Ela disse, “É instintivo.”

“Instintivo?”

“Exatamente.”

Seguiu-se um silêncio ainda mais longo.

Então Walder disse, “Quero falar com toda a equipa. Agora mesmo. Uma chamada de grupo.”

Walder terminou a chamada abruptamente.

Riley sentiu-se esmagada e desanimada.

Já era mau ela ter a certeza de que tinham desperdiçado tempo precioso a apanhar o homem errado. As coisas não se iam tornar mais fáceis com Walder em cima do acontecimento.

Mas Riley regressou obedientemente à sala de interrogatório e chamou Jenn e Bill. Os três dirigiram-se à sala de conferências onde os outros seis membros da equipa do FBI já aguardavam novas ordens.

Relutantemente, Riley ligou a Walder. Colocou a chamada em alta voz para que todos pudessem participar da chamada.

Walder não disfarçava a sua impaciência.

Disse ao grupo, “Parece que hoje estiveram todos bastante ocupados – pelo menos espero que tenham estado ocupados, apesar dos poucos resultados. Provavelmente não estão a par das notícias. Os meios de comunicação social estão a endoidecer com este assassino. Vou poupar-vos a algumas teorias bizarras que circulam. É suficiente dizer que o público ainda está a tentar escolher uma alcunha para o assassino. Neste momento, as escolhas mais populares parecem ser ‘Father Time’ e ‘The Sandman’”.

Walder acrescentou com óbvio desagrado na voz, “Qual a alcunha que vocês preferem?”

Todos na mesa olharam uns para os outros e não disseram nada.

Walder esperou durante algum tempo até voltar a falar. Riley deu por si a olhar para o relógio na parede com o seu ponteiro dos segundos a percorrer implacavelmente o círculo.

Por fim, Walder disse, “A UAC parece um bando de idiotas neste momento. Para piorar as coisas, a vossa chefe de equipa diz-me que tem um instinto que apanharam o homem errado e que Grant Carson não é o assassino. Mais alguém quer partilhar a sua opinião?”

O ânimo na sala tornava-se mais desconfortável a cada minuto que passava. Huang, Whittington, Craft e Ridge estavam sem reação. Afinal de contas, eles não tinham estado na sala de interrogatório e era a primeira vez que sabiam de dúvidas em relação à culpa de Grant Carson.

Mas Bill e Jenn pareciam menos inseguros.

Bill disse, “Chefe Walder, fala Jeffreys. Tenho algumas das mesmas dúvidas da Agente Paige.”

Jenn disse, “Fala Agente Roston. Eu partilho a mesma opinião.”

Walder soltou um grunhido de irritação.

“E os outros?” Perguntou ele.

Os outros quatro agentes olharam uns para os outros nervosamente. Depois, um por um, responderam.

“Aqui fala Whittington e não faço a mínima ideia.”

“Aqui fala Ridge e também não sei.”

“Aqui é Craft. Não sei.”

“Aqui é Huang. Não tenho base para formar uma opinião.”

Seguiu-se um momento de silêncio.

“Ouçam-me todos,” Disse Walder por fim. “A vossa chefe de equipa, Agente Paige, parece estar a levar-vos para nenhures.”

Outro silêncio se seguiu e Riley estremeceu.

Estaria Walder prestes a despedi-la – novamente?

Não, com certeza que não, Pensou.

Afinal de contas, ainda no mês passado fora condecorada pelo Diretor do FBI Gaven Milner.

Walder não podia despedi-la sem se meter numa alhada.

Isso não significava que não ia tentar humilhá-la.

Ela ficou à espera do golpe.

Por fim, Walder disse, “Agente Huang, quero que assuma a liderança da equipa.”

Huang parecia aturdido.

“Sim, senhor,” Disse ele num tom de voz bastante hesitante. “Assim o farei, senhor.”

“É tudo por agora,” Disse Walder. “Vou entrar em contacto com frequência. E espero resultados, raios. Lembrem-se, o tempo está a esgotar-se.”

Terminou a chamada e os membros da equipa ficaram a olhar uns para os outros.

Como se não soubéssemos que o tempo é escasso, Pensou Riley furiosa. Olhou para o Agente Craig Huang.

Huang era novo na UAC e Riley não trabalhara muitas vezes com ele. Na verdade, nem se tinham dado muito bem de início. Não gostara do seu

trabalho e ele parecia não gostar dela.

Mas superaram esse primeiro impacto ao longo dos meses e ela acabara por admirar a sua dedicação a agudez.

Contudo, sabia bem que Huang era um dos favoritos de Walder. Também sabia que Huang era ambicioso. Com toda a certeza que aproveitaria aquela oportunidade.

Ela não conseguia evitar sentir-se mal por aquela ser a sua grande oportunidade – a meio de um caso em que ela trabalhara tão afincadamente para resolver.

Tentando não mostrar amargura na voz, Riley disse, “Bem, Agente Huang – quais são as suas ordens?”

Huang ficou a olhar para a mesa durante alguns instantes.

Num tom de voz baixo, disse, “As minhas ordens são...”

E não prosseguiu. Depois olhou para Riley e sorriu-lhe levemente.

“As minhas ordens são que a Agente Paige dê as ordens. Agora e sempre. Então, diga-nos o que fazer a seguir.”

Circulou um murmúrio de concordância entre todos os que se encontravam na mesa.

Riley ficou abismada. Mal conseguia acreditar no que ouvia.

Ficou sensibilizada pela lealdade e confiança demonstrada pelos seus colegas.

Sentia-se humilde e ao mesmo tempo assustada com aquela manifestação. Seria ela digna da sua lealdade e confiança naquele momento?

Ela lembrou-se de como se descontrolara ao prender Grant Carson. Ainda não compreendia o que lhe tinha acontecido.

Tudo o que sabia é que não estava no seu melhor e não entendia porquê.

Fossem quais fossem os demónios que a assombravam agora, ela tinha que os sacudir.

A vida de uma pessoa estava em jogo.

E como Walder acabara de dizer...

“O tempo está a esgotar-se.”

CAPÍTULO DEZANOVE

Antes de Riley começar a dar ordens aos agentes do FBI sentados na mesa da sala de conferências, o chefe Belt entrou de rompante na sala. Parecia tão exasperado como quando ela o tinha deixado na sala de interrogatório.

“Alguém me pode dizer o que é que se passa?” Perguntou, visivelmente aborrecido. “Agente Paige, a última coisa que me disse é que Carson não é o nosso assassino. Depois foi-se embora sem explicar nada.”

“Sente-se chefe Belt,” Disse Riley.

Belt sentou-se, parecendo expectante e impaciente.

Riley disse, “Como acabou de ouvir, Grant Carson confessou um crime não relacionado com aqueles que temos em vista. E a verdade é que não temos qualquer prova que o ligue aos homicídios. E se perdermos tempo a tentar encontrar alguma ligação que não existe...”

Belt interrompeu.

“O que é que quer dizer com perder tempo? Ele não é o único suspeito que temos? O melhor é continuarmos a pressioná-lo até falar.”

Riley conteve um suspiro. Aquilo não ia ser fácil de explicar.

Então Craig Huang falou.

“Chefe Belt, quase de certeza que o Grant Carson não é o assassino. E receio que tenha que confiar no que a Agente Paige lhe está a transmitir. Na UAC, todos aprendemos a respeitar e a confiar no seu instinto. Ela fez muito para ganhar a nossa confiança. E tem suficientes condecorações que apoiam a sua forma de atuar. Se ela diz que Grant Carson não é o nosso homem, eu aposto a minha carreira em como não é.”

Ouviram-se sussurros de concordância dos outros agentes presentes.

Riley sentiu uma imensa gratidão.

Espero não estar enganada desta vez, Pensou.

Ela tinha consciência que o seu instinto só falhara em poucas ocasiões. Mas ela tinha um pressentimento que esta não era uma dessas situações.

A expressão de Belt suavizou-se. Pareceu aceitar o que Huang dissera.

“O que fazemos agora?” Perguntou Belt.

Riley disse, “Primeiro, mantemos Carson preso. Ele é culpado de roubar ao patrão e pode ter quebrado as regras da liberdade condicional de

outras formas. Depois de apanharmos o assassino, podemos resolver isso. Mas para já...”

Fez uma pausa e pensou durante um momento.

Então disse, “Agentes Whittington e Craft, já se encontraram com as famílias das vítimas. Visitem-nos outra vez e mostrem-lhes o esboço. Vejam se o retrato lhes lembra alguém que possam conhecer. Depois vão à praia e mostrem o esboço a Rags Tucker. Talvez o reconheça.”

Olhou para os outros rostos na mesa.

“Agente Engel, trate dos jornalistas lá fora. Avalie o que lhes deve dizer. Seja verdadeiro, mas tente não dizer nada que possa despoletar rumores ou pânico.”

Pensou mais um pouco.

“Agentes Ridge e Geraty, levem as duas ampuhetas para Quantico. Entreguem-nas a Sam Flores para que o seu pessoal possa examiná-las mais de perto. Tenham cuidado com a que ainda corre. Não a agitem – e façam o que fizerem, não a virem.”

“Levem o meu carro,” Disse Bill. Tirou as chaves do bolso. “Conduzi sozinho até aqui mas agora fico com o SUV da agência.”

Ridge anuiu e pegou nas chaves. “Sim,” Disse ele. “Podemos levar as ampuhetas no carro.”

“Ótimo,” Disse Riley. Depois virou-se para Craig Huang.

“Agente Huang, reúna pessoas com o chefe Belt para lidar com o público. E certifique-se de que a Belle Terre Nature Preserve é completamente encerrada e que todos sabem que não devem lá ir.”

Huang anuiu.

Disse, “Vamos fechar tudo. Com alguma sorte, será suficiente para evitar que o assassino ataque outra vez – pelo menos no horário que estabeleceu.”

Com alguma sorte, Pensou Riley.

Na verdade, não encontrava razão para pensar de forma contrária.

Mas a sorte era algo com que aprendera a não contar. Para além disso, não se conseguia convencer que a sorte agora estava do seu lado.

Com as suas ordens, Engel, Whittington, Craft, Ridge, Geraty e Huang abandonaram a sala. E também o chefe Belt. Riley ficou sozinha com Bill e Jenn.

“E nós os três?” Perguntou Jenn.

Riley concentrou-se numa ideia que a estava a remoer.

Ninguém da sua equipa tinha entrevistado a testemunha. Na verdade, parecia que poucas perguntas tinham sido colocadas à mulher. A unidade de polícia empenhara-se em obter o esboço, mas tinha sido tão genérico que os levava a um beco sem saída. A culpa do homem era infinitesimal comparada com a do homem que procuravam. E se alguém os pudesse conduzir ao verdadeiro assassino...

Riley disse, “Temos que falar com a testemunha que diz ter visto o suspeito na praia. Talvez consigamos atizar-lhe a memória, obter mais pormenores do que o artista conseguiu obter.”

Jenn tamborilou os dedos na mesa.

Riley perguntou-lhe, “Tens outra pergunta?”

Jenn disse lentamente, “Riley, em que ponto estamos quanto ao perfil do assassino? O que é que sabemos a respeito dele afinal?”

Riley não sabia o que dizer. Ela acreditara que o assassino era alguém capaz de encantar as vítimas, fazê-las confiar nele ainda que brevemente.

Mas para além disso...

O quê? Interrogou-se. O que é que realmente sabemos?

De repente, Riley apercebeu-se de uma coisa.

Estava a tremer ligeiramente e as mãos estavam frias e suadas.

O que é que se passa comigo? Questionou-se.

Mais uma vez, sentiu-se perplexa com os seus próprios sentimentos e comportamento.

Ainda estava a tentar perceber porque é que se descontrolara na casa de Grant Carson e quase o tinha matado.

E agora o seu corpo parecia estar num estado de pânico de baixa intensidade.

Mas porquê?

Engoliu em seco e depois disse a Bill e Jenn, “Preciso de falar com o Mike Nevins sobre este perfil. Podem deixar-me sozinha por alguns minutos?”

Jenn olhou para Riley com surpresa.

“Passa-se alguma coisa?” Perguntou Jenn.

“Muito bem,” Disse Bill. E deu um toque a Jenn, obviamente tentando dizer-lhe para fazer o que Riley tinha pedido. Jenn anuiu e sem fazer mais perguntas, os dois agentes saíram da sala.

Riley estava sozinha na sala de conferências agora silenciosa.

Um perfil, Pensou.

Porque é que estava a ter tanta dificuldade em traça-lo? Não sabia. Tudo o que sabia era que não lhe surgiam ideias. Com certeza que esse era o motivo porque se sentia tão perturbada e ansiosa.

Ela precisava de ajuda a entrar na cabeça do assassino – o tipo de ajuda que não podia obter de Bill ou Jenn.

Pegou no telemóvel para enviar uma mensagem a Mike Nevins. Por insistência de Riley, Bill frequentara sessões com ele para tratar do SPT. Também era verdade que Mike ajudara Riley em ocasiões difíceis.

Mas Mike Nevins era, acima de tudo, um psiquiatra forense brilhante que era consultado frequentemente pelo FBI e dera a Riley perspetivas cruciais em alguns casos desconcertantes.

E este parecia enquadrar-se nesse panorama.

Riley digitou...

Mike? Tens uns minutinhos?

Em apenas alguns segundos obteve uma resposta...

Claro Riley. O que é que se passa?

Riley pensou durante uns instantes, depois digitou...

Podemos falar em vídeo?

Mike respondeu...

Claro. Dá-me um segundo.

Riley pegou num bloco de notas e num lápis para tirar notas. Rapidamente viu o rosto de Mike no telemóvel e sabia que ele também a conseguia ver a ela. Mike era um homem elegante com uma personalidade meticulosa e exigente. Como habitualmente, era bom vê-lo.

“Em que te posso ajudar, Riley?” Perguntou com um sorriso.

Riley suspirou e abanou a cabeça.

“Mike, estou fora de mim neste momento. Estou a trabalhar num caso que me está a enlouquecer.”

“Oh, sim. O assassino que chamam de ‘Father Time’ ou ‘The Sandman’. Tenho seguido o caso todo o dia pela internet. Tenho a certeza que não é de grande ajuda toda esta publicidade.”

Riley conteve um suspiro de exasperação.

“Nem fazes ideia.”

“É verdade que deixa ampulhetas para indicar quando atacará a próxima vítima?”

“Sim, e a que está a correr neste momento vai-se esgotar por volta das seis da manhã de amanhã. O problema é que estou a sentir grandes dificuldades em traçar-lhe o perfil. Nas cenas de crime, tive a sensação de que ele seria alguém amigável e facilmente confiável. Mas é tudo o que consegui.”

Mike afagou o queixo pensativamente.

“Com quem estás a trabalhar neste caso?” Perguntou.

“Jen Roston e Bill Jeffreys.”

Mike deu uma risada de satisfação.

“Então o Bill está de volta! Fico contente por sabê-lo. Tenho-o motivado para se envolver num novo caso. Já é tempo de ele voltar à ação. Como é que ele está?”

Riley encolheu os ombros.

“Melhor do que eu neste momento.”

Riley deu por si a rabiscar o papel que tinha à sua frente.

Disse, “A Jenn Roston está interessada na sua obsessão por areia.”

“Sim, é óbvio que ele tem qualquer relação com a areia. E com o tempo também. Mas a crueldade de enterrar pessoas daquela forma...”

Mike estremeceu. “Isso sugere vingança na minha opinião,” Disse ele.

“Eu também penso que sim,” Disse Riley. “Ainda assim, que sentido faz? Não conseguimos encontrar qualquer ligação entre as duas vítimas. É como se escolhesse as vítimas de forma aleatória. Mas a vingança é algo pessoal, direcionado a alguém em específico. Ou pelo menos a um grupo ou tipo específico.”

“Não necessariamente,” Disse Mike. “A sua vingança pode ser – como dizê-lo – de natureza mais indireta.”

Mike fez uma pausa e pensou durante alguns instantes.

“Talvez os verdadeiros sujeitos da sua vingança – as pessoas que lhe fizeram mal de alguma forma – estejam agora ausentes da sua vida. Talvez o que lhe fizeram tenha acontecido há muito tempo. Talvez nem se recorde

completamente do que fizeram ou poderá nem se lembrar. Tudo o que sabe é que algo há muito reprimido não para de o assombrar – um tipo de fúria selvagem que sente por vezes pelos seres humanos em geral.”

“Com esse tipo de fúria, conseguiria passar por uma pessoa normal?”

“Possivelmente. Trata-se de um homem muito doente e extremamente perigoso para qualquer pessoa que se atrevesse no seu caminho, mas pode parecer bastante normal noutras circunstâncias. É bem provável que não compreenda completamente as suas ações ou motivos.”

“Mas eu tenho que o compreender,” Disse ela. “Como é que vou conseguir fazer o meu trabalho se nem sequer consigo...”

Riley não prosseguiu. Não conseguia lembrar-se de palavras que expressassem a sua frustração.

Mike olhou mais atentamente para ela, parecendo muito preocupado.

“Riley, receio que estejas a ver as coisas na perspetiva errada. Estás a tentar traçar o perfil do assassino, estás a tentar compreender o que faz dele o que é. Mas estás a analisar a pessoa errada.”

Mike parou de falar e Riley susteve a respiração.

Ela pressentiu que ele estava prestes a dizer algo que ela não ia gostar.

Por fim disse...

“Penso que devias olhar-te ao espelho.”

CAPÍTULO VINTE

As palavras de Mike Nevins atingiram-na como uma faca.

“Olha-te ao espelho.”

O que é que ele queria dizer?

Estava a acusá-la de alguma coisa?

Mas parece, Pensou. Parecia pelo menos estar a insinuar que ela negligenciara uma falta sua.

Mike não estava a dizer nada agora. Estava à espera da sua resposta.

Forçou um sorriso e tentou rir-se.

“Não tenho um espelho à mão,” Disse ela. “Talvez tu devas ser o meu espelho.”

Mike suspirou profundamente.

“Riley, desde que começámos a falar que é óbvio. Consigo vê-lo no teu rosto, consigo ouvi-lo na tua voz. Este caso não está apenas a perturbar-te. Está a atingir-te com muito mais força do que outros casos. Com mais força – e mais profundamente.”

Riley sentiu um nó na garganta.

“Aconteceu alguma coisa hoje, não foi?” Perguntou Mike. “Algo que te abalou especialmente.”

“Passei-me,” Admitiu. “Eu... ultrapassei os limites com um tipo.”

Riley hesitou e depois saiu-lhe tudo, “Foi uma recordação da luta com o Peterson e não acontecia há muito tempo. Não percebo porque é que fiz aquilo. Não sei porque é que este caso me está a afetar desta forma.”

“Eu também não,” Disse Mike. “Mas está relacionado com o tempo, Riley,” Disse Mike. “Este caso é sobre o tempo de uma forma que te afeta enormemente.”

Mike fez uma pausa, depois acrescentou, “Quero que me faças uma coisa. Quero que faças algo por ti.”

Riley engoliu em seco.

“O quê?” Perguntou.

“Vou-te fazer uma pergunta e tu vais responder sem pensares, nem que seja por um segundo. Vais-te limitar a deixar os teus pensamentos fluírem livremente.”

Riley sentiu-se ligeiramente segura.

Ela já fizera aquilo com Mike anteriormente e sempre ajudara.

“OK,” Disse ela.

Mike olhou fixamente para ela durante um momento.

“O que é que o tempo significa para ti?”

Riley ficou chocada pela rapidez com que os seus pensamentos se formaram.

“Odeio-o,” Disse ela. “Odeio o raio do tempo. Nunca é suficiente. Engana-me constantemente. Há um milhão de coisas que tenho que fazer, mas nunca uma fração do tempo que preciso para as fazer. Toda a gente espera tanto de mim. Eu espero tanto de mim. Tenho que ser a melhor agente do mundo – e a melhor mãe também...”

Uma imagem de Blaine Hildreth veio-lhe à mente.

“... e até a melhor namorada. Porque não há dúvida de que falhei como esposa. E vou continuar a falhar sempre que tentar ter um relacionamento com um homem? Faz-me querer gritar. E o tempo...”

Não prosseguiu.

Mike falou novamente num tom suave de preocupação.

“Riley, acabaste de dizer que o tempo te engana. Isso parece pessoal. O que queres dizer com isso?”

Agora ela lembrava-se de algo que Otis Redlich dissera...

“A humanidade tem estado sempre em guerra com o tempo.”

... e lembrava-se da sua expressão de desprezo ao dizer isso.

Sim, Pensou. O tempo parece e soa exatamente como ele.

Ela disse, “Às vezes é como se o tempo tivesse um rosto e uma voz, má e vingativa, e olhasse para mim e fizesse pouco de mim, rindo-se de mim. ‘Não podes ter tudo’, não para de me dizer. ‘Não podes fazer tudo. Alguém tem que sofrer – os teus filhos, os teus colegas ou vitimas inocentes que morrerão porque estás demasiado ocupada a fazer outras coisas. Não existe tempo para toda gente’. Sim, parece uma coisa pessoal. Sinto que sou um brinquedo nas mãos do tempo.”

Riley sentiu fúria e desespero.

Disse, “E quero... não sei... honestidade ou justiça ou...”

Parou novamente.

Mike disse, “Vingança?”

“Sim, penso que sim. Quero vingar-me do tempo. Quero ajustar contas. Mas não posso. A ideia é ridícula. O tempo é simplesmente demasiado... grande para mim.”

Um jorro de emoções confusas apoderou-se de Riley. Ela lutou para se controlar.

Disse a si própria que desatar a chorar não ajudaria. Tinha que se controlar.

“O que... o que é que significa?” Gaguejou Riley. “É assim que o assassino se sente? Ele sente o mesmo desespero e fúria?”

“Talvez,” Disse Mike. “Se assim for, talvez consigas usar isto como ferramenta. Mas ele pode ser o oposto. Ele pode sentir que controla o tempo. Ele pode apreciar isso. Mas isto não é sobre ele.”

Mike olhou fixamente para Riley.

Depois disse, “Estivemos a traçar o teu perfil.”

Riley abanou a cabeça ansiosamente.

“Mas porquê? Porquê agora? Porque não no meu último caso ou no próximo?”

“Porque este é um caso fora do comum com pressões fora do comum. Está a empurrar-te para a exaustão emocional. E não me parece que o consigas resolver se não compreenderes como te está a afetar.”

Riley assentiu em silêncio.

Fazia sentido.

Gostava que não fizesse, mas fazia.

“O que é que faço agora?” Perguntou a Mike.

“Presta atenção,” Disse Mike. “Presta tanta atenção a ti própria como aos pormenores do caso. Mais coisas sombrias poderão emergir de ti antes de tudo isto terminar. Tens que estar preparada para lidar com isso.”

Um silêncio instalou-se entre os dois.

Penso que é tudo por agora, Pensou Riley.

Parecia apenas faltar dizer uma coisa.

“Obrigada, Mike.”

Mas a verdade era que Riley não estava certa da sua gratidão naquele momento.

“Sempre que quiseres Riley,” Disse Mike. “Dia ou noite estou aqui e farei o que puder para ajudar.”

Sem dizer mais nada, Riley assentiu e terminou a chamada de vídeo.

Ficou na sala a respirar lentamente, tentando recuperar da comoção.

Depois levantou-se e saiu da sala. Foi até ao corredor onde Bill e Jenn estavam à sua espera.

Houve um momento estranho entre eles. Riley não sabia o que dizer.

Como poderia ela explicar o que estivera a fazer nos últimos minutos? Felizmente, nem Bill, nem Jenn fizeram quaisquer perguntas.

Quando os três saíram do edifício em direção ao SUV, Riley reparou que Bill a observava com uma expressão preocupada. Por contraste, Jenn tinha um olhar distante no rosto.

Riley deu por si a pensar o que é que incomodava Jenn a ponto de a distrair.

Bill parecia estar bem, mas ainda se encontrava indubitavelmente frágil graças aos traumas recentes.

Estão à altura disto? Interrogou-se.

Teria que ser forte por Bill e Jenn, e ainda por ela própria?

E eu estou à altura disto?

“Vamos,” Disse Riley. “Vamos entrevistar a testemunha.”

CAPITULO VINTE E UM

Riley ainda estava abalada da conversa que acabara de ter com Mike Nevins. Sentou-se silenciosamente no lugar do passageiro enquanto Bill conduzia o SUV por Sattler rumo à morada da testemunha. Riley estava satisfeita por Jenn, sentada no banco de trás, não fazer perguntas.

Riley interrogava-se se ter ligado a Mike tinha sido boa ideia. Não estava à espera de uma sessão de psicanálise.

Lembrou-se de algo que ele dissera...

“O que tu andas a fazer é a traçar o teu perfil.”

A ideia perturbava-a.

Não tinha dúvidas de que a conversa que tinham encetado tinha provocado algumas perspetivas valiosas na sua mente. Também a tinha perturbado profundamente. Deveria olhar para dentro de si quando trabalhava num caso de homicídio – sobretudo um tão grave e urgente?

Mike parecia pensar que sim. Também a tinha avisado...

“Mais coisas sombrias poderão emergir de ti antes de tudo isto terminar.”

Riley estremeceu ao pensar naquilo. Rapidamente decidiu que debruçar-se sobre os seus sentimentos acerca do tempo não era produtivo naquele momento. A sua fúria e medo podiam esperar. Havia muito que fazer.

Por exemplo, decidiu, seria bom dar a conhecer à testemunha que iam a caminho de se encontrar com ela. Isto não ia ser um raide e o elemento surpresa não era necessário. Para além disso, com o tempo tão apertado, era bom certificarem-se de a testemunha se encontrava em casa.

Riley ligou para o número que o chefe Belt lhe dera.

Quando uma mulher com voz alegre atendeu, Riley apresentou-se.

Depois disse, “Eu e os meus parceiros gostaríamos de lhe colocar mais algumas perguntas se possível.”

“Sobre quê?” Perguntou a mulher.

A pergunta parecia algo estranha a Riley. A resposta não era óbvia?

“Sobre a descrição que deu do homem que viu na praia esta manhã,” Disse Riley.

“Oh,” Disse a mulher.

Seguiu-se um breve silêncio.

“Já respondi a muitas perguntas. Não me parece que haja muito mais a dizer.”

“Mesmo assim, gostávamos de rever algumas coisas.”

Outra pausa se seguiu e depois ouviu-se um riso estranho.

“Tudo bem,” Disse Hope Reitman.

“Ótimo. Estaremos aí dentro de alguns minutos.”

A chamada terminou. Riley já pressentia algo estranho a respeito de Hope Reitman, algo estranho na sua voz. Mas não conseguia perceber o que seria.

Entretanto, Riley olhou para o esboço que tinha no telemóvel. Mais uma vez procurou em vão quaisquer traços distintivos.

Atrás dela, Jenn disse, “Parece mesmo neutro e normal.”

Riley concordou. Faltava ao esboço qualquer sinal de individualismo ou personalidade.

Tem que haver alguma coisa, Pensou.

Com certeza que o artista não tinha colocado as perguntas certas para ativar a memória da testemunha.

Riley esperava que ela, Bill e Jenn conseguissem obter melhores resultados.

Chegaram a um bairro não muito distante de Belle Terre. Era mais sofisticado do que a área onde vivia Grant Carson. A morada era de um condomínio. Um homem de uniforme dentro de uma pequena cabina no portão perguntou-lhes quem procuravam.

Bill mostrou-lhe o distintivo e apresentou-se e às colegas.

“Estamos aqui para falar com Hope Reitman,” Disse Bill. “Ela está à nossa espera.”

O homem pareceu um pouco surpreso.

“Isso é estranho,” Disse o homem. “A senhora Reitman não me falou em nada.”

Virou-se por um momento para falar ao telefone, depois voltou-se novamente para o carro com um sorriso.

“Podem entrar,” Disse ele, apontando. “A casa dela encontra-se ao fundo do parque de estacionamento.”

O homem abriu o portão e Bill atravessou-o.

Viram-se rodeados de filas de agradáveis casas, algumas com frontarias de tijolo, outras de madeira. Já entardecia e as janelas estavam iluminadas. Algumas pessoas que se encontravam no parque de estacionamento e nas

áreas verdes olharam na sua direção e depois continuaram nas suas vidas. Era claramente um lugar onde as pessoas se sentiam seguras.

Bill estacionou e os três agentes saíram da carrinha. Quando chegaram à casa de Hope Reitman, Jenn tocou à campainha e a mulher recebeu-os.

Hope Reitman era uma mulher de aspeto atlético e imponente que usava roupas largas e confortáveis. Tinha cabelo curto e um sorriso acolhedor. Riley calculou que esta testemunha fosse apenas alguns anos mais velha do que ela.

A mulher convidou Riley e os colegas a entrar onde foram saudados por um grande e amistoso cão – Riley tinha a certeza que era um pastor belga malinois.

“Este é o Neptuno,” Disse Hope Reitman, dando palmadinhas na cabeça do cão. “Não se preocupem, ele adora visitas. Ainda bem que a segurança funciona bem e não preciso de um cão de guarda. Se os ladrões aparecessem, o Neptuno apenas abanaria a cauda alegremente e fazia-lhes uma visita guiada à casa. Sentem-se, estejam à vontade.”

Riley e os seus colegas sentaram-se em cadeiras grandes e confortáveis. Hope Reitman sentou-se com o cão deitado ao lado da sua cadeira. Riley viu que a casa estava decorada de forma simples mas com bom gosto. Reparou que grande parte da decoração parecia estar relacionada com água. Havia quadros originais de cenas tranquilas do oceano, inúmeras conchas e enormes peças de coral.

Ouvia-se pacífica música New Age, misturada com os sons de gaivotas e ondas.

A mulher riu-se um pouco ao seguir o olhar de Riley.

“Calculo que tenha detetado o tema da água por aqui,” Disse ela. “O meu signo é Peixes e sou proprietária de uma cadeia de ginásios no estado chamada Pisces Fitness. Talvez já tenham ouvido falar.”

Riley anuiu. Já ouvira falar bem dos ginásios.

Disse, “Senhora Reitman...”

“Por favor, tratem-me por Hope.”

“Hope, então – como disse ao telefone queremos falar consigo sobre a pessoa que viu na praia hoje de manhã. Talvez nos possa fornecer mais informações.”

Uma expressão estranha atravessou o rosto de Hope, como se se sentisse perturbada pela pergunta de Riley.

“Em que aspeto?” Perguntou Hope.

Riley disse, “O homem da fotografia que a polícia lhe enviou – afinal não é o nosso assassino.”

“Oh?”

Riley pegou no computador onde tinha o esboço. Levantou-se e mostrou-o à mulher.

“Este é o esboço que o artista fez a partir da sua descrição,” Disse Riley.

Hope olhou para a imagem.

“Sim? É estranho, eu... lembro-me do homem parecer um pouco diferente.”

“Como assim?” Perguntou Riley.

“Não tenho a certeza,” Disse Hope. “Talvez cabelo mais claro.”

Riley começou a pensar se o artista tinha percebido tudo mal.

Ainda a mostrar o esboço à mulher, Riley disse, “Gostaria que descrevesse o que aconteceu esta manhã. O que é que estava a fazer na praia?”

“Oh, eu e o Neptuno corremos ali três vezes por semana, pelo menos quando o tempo o permite. É um lugar agradável e pacífico de manhã. Apesar de recluir já não ter a mesma sensação depois do que aconteceu. Terei de arranjar outro lugar para correr.”

Hope estremeceu perceptivelmente.

“Que coisa horrível para acontecer,” Disse ela. “E num lugar tão bonito.”

Jenn perguntou, “O seu cão estava consigo?”

Hope riu-se.

“Oh, sim. O Neptuno faz com que não me perca. Não sei o que faria sem ele.”

Riley olhou para Jenn e depois para Bill. Ela sabia no que ambos estavam a pensar. O chefe Belt não tinha mencionado que a mulher tinha um cão com ela. Podia ser um pormenor importante. Quão minuciosa havia sido a entrevista?

Riley disse, “Gostaria que me contasse exatamente o que aconteceu. Em direção a que zona é que estava a correr na praia?”

“Sul. O sol ainda não tinha nascido, mas eu vi...”

Hope assumiu um olhar distante.

“Vi a pequena barraca do Rags Tucker a alguma distância à minha frente. Vi um homem a andar por lá. Calculei que seria o Rags. Pensei em

parar para cumprimentar. Gosto de falar com o Rags. Toda a gente gosta. Às vezes o Rags e eu fazemos negócio.”

Ela apontou para a peça de madeira cinzenta torcida numa estante próxima.

“Comprei-lhe aquela peça a ele. Troquei-a por um vaso velho. Uma pechincha, na verdade.”

“E depois?” Perguntou Riley, ansiosa para manter a mulher focada.

“Ao aproximar-me, o homem não me pareceu o Rags. Parecia mais robusto e mais bem vestido. Interroguei-me o que estaria ali a fazer. Raramente se via alguém ali àquela hora da manhã.”

Hope fez uma pequena pausa.

“Depois vi-lhe bem o rosto.”

Olhou novamente para o esboço.

“Receio que isto não esteja bem. Tenho a certeza de que o homem tinha cabelo mais claro. E uma compleição mais avermelhada.”

De repente, algo não pareceu bem a Riley.

Perguntou, “Disse que lhe viu bem o rosto?”

“Bastante bem.”

“A que distancia estava dele?”

“Oh, bastante perto, talvez a três metros.”

Riley ficou abalada.

Ela lembrava-se claramente do chefe Belt lhe dizer que a testemunha estava a seis metros de distância.

O que é que se passava aqui?

Perguntou, “E viu o rosto dele com clareza?”

“Oh, sim.”

“Como?”

“Bem, ainda não havia muita luz, mas a que havia iluminava-lhe o rosto.”

Riley lembrava-se de perguntar ao chefe Belt onde se encontrava a testemunha em relação ao suspeito.

Ela perguntou, “Mas ele não estava entre si e a luz?”

“Não, de maneira nenhuma.”

“Então estava a correr junto à água? Entre a água e a barraca? Não mais acima na praia?”

“Penso que sim. Pelo menos estava a correr mais perto da água esta manhã.”

Riley ficou a olhar para Hope.

“Passa-se alguma coisa?” Perguntou a mulher, sorrindo amistosamente.

Uma sensação estranha começou a apoderar-se de Riley.

Era como se estivesse a ser embalada pelo que a rodeava – as cores pastel das paredes e os quadros pacíficos, a música tranquila.

Até a mulher era uma presença que lhe provocava essa sensação.

Calma, Pensou Riley. *E agradável*.

Uma possibilidade começou a ocorrer-lhe.

Esta mulher era grande e forte – suficientemente forte para ter cometido os homicídios.

Riley recordou as suas impressões de como o assassino tinha atraído a vítima da praia através do encanto pessoal, sorrindo depois para o buraco enquanto despejava areia em cima da vítima.

Com choque apercebeu-se – podia facilmente visualizar o rosto da mulher nessas situações.

Seria possível?

Claro que sim, Pensou Riley.

Afinal de contas, o último assassino que Riley apanhara fora uma mulher.

Tentou perceber como é que exporia a culpa de Hope.

Perguntou, “Quando corre pela barraca de Ragas Tucker, corre sempre entre ela e a praia?”

“Não compreendo porquê...”

“Responda apenas à pergunta, por favor.”

A mulher respondeu.

“Nem sempre. Depende.”

“Depende de quê?”

Hope encolheu os ombros.

“Da maré, acho. Se estiver alta corro mais acima na praia, se está baixa corro mais junto da água.”

Riley pressentiu que Hope estava a ficar nervosa.

“Hope, pode dizer-me onde é que estava na manhã de anteontem à seis da manhã?”

Os olhos de Hope dilataram-se.

“Ora... estava aqui. Na cama a dormir.”

“E não a correr?”

Hope sorriu nervosamente.

“Provavelmente não. Não corro todas as manhãs.”

A voz de Riley endureceu.

“Provavelmente não? Está a dizer que não se lembra do que fez anteontem?”

Agora Hope parecia zangada e defensiva.

“Talvez não. Porque é que lhe diz respeito? Não é preciso ser agressiva.”

Agressiva? Pensou Riley.

A reação pareceu-lhe estranha.

Riley disse, “Penso que é melhor começar a responder às minhas perguntas de uma forma direta.”

Hope cruzou os braços.

“Porque deveria? Está a agir como a minha família. E os meus amigos. E as pessoas que trabalham para mim. A agir como se eu não soubesse das coisas, como se eu não soubesse o que estou a fazer. Afinal, o que é que se passa com as pessoas? Porque é que me está a tratar assim? Nem percebo o que estão aqui a fazer, a colocar-me estas perguntas. Estou prestes a chamar a polícia”

A polícia? Pensou Riley.

Riley ficou subitamente desconcertada. Do que é que Hope estava a falar?

Começou a ocorrer a Riley que a mulher estava louca – e talvez até fosse perigosa.

Enquanto Riley tentava pensar no que fazer de seguida, a sua mão passou perto das algemas.

De uma forma ou de outra, tinha a certeza que estava prestes a fazer uma detenção.

Então Riley sentiu a mão de Bill no seu ombro.

Ele disse, “Riley, já acabámos o nosso trabalho aqui. Vamos embora.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Riley mal conseguiu acreditar no que ouvia. Virou-se e olhou para Bill que estava de pé a seu lado. A sua expressão era séria, mas não lhe permitia perceber porque é que ele decidira ir embora repentinamente.

Ela abriu a boca para protestar, mas Bill falou primeiro.

“Estou a falar a sério. Vamos embora.”

Enquanto Bill acompanhava Riley à porta de entrada, ouviu Jenn dizer, “Obrigada pelo seu tempo senhora Reitman. Lamentamos o inconveniente. Ligue-nos por favor se se lembrar de algo pertinente.”

Os três agentes saíram da casa. Sem tecer comentários, Bill sentou-se ao volante do SUV novamente e Riley sentou-se a seu lado. Jenn entrou na parte de trás.

Quando Bill falou, Riley ficou alarmada pela rispidez da sua voz.

“Riley, o que é que estavas a fazer ali?”

Riley olhou para ele, sentindo a fúria a crescer.

“O que é que eu estava a fazer?” Explodiu. “Estava a fazer o meu trabalho. E tu? Quase a apanhávamos Bill. Estava quase a falar.”

Apontou para a porta de entrada da casa.

Disse, “Vamos voltar. Podemos acabar isto em poucos minutos.”

“Acabar o quê?” Perguntou Bill. “Ela não é o nosso assassino.”

“O raio é que não é,” Disse Riley. “É suficientemente forte, não tem um álibi e enquadra-se no meu perfil. As histórias não coincidem. Dá-me só mais alguns minutos com ela e...”

“E o quê?” Passou-se Bill. “Arrancas-lhe a verdade à força?”

Riley ficou alarmada com a indignação de Bill.

“Não tenho que o fazer,” Disse ela. “Só mais algumas perguntas. Tenho a certeza que a consigo quebrar.”

“Ela já esta quebrada!” Quase gritou Bill.

A sua voz ecoou no carro por um momento.

Riley ficou surpreendida.

“O que é que queres dizer?” Perguntou.

Bill abanou a cabeça. Riley ouviu a voz de Jenn atrás dela.

“Hope Reitman tem demência.”

Riley ficou perplexa. Virou-se para contestar o que Jenn tinha acabado de dizer.

“Isso... isso é impossível,” Disse ela. “Ela é tão...”

“Jovem?” Interrompeu Bill. “Acontece. Chama-se demência precoce. A minha cunhada teve-a e morreu disso há alguns anos atrás. Não era muito mais velha do que eu.”

Riley olhou para Bill e Jenn.

Podia ver pelas suas expressões que tinham chegado à mesma conclusão.

Mas Riley ainda estava reticente em acreditar.

“Como é que sabem?” Perguntou a Bill e Jenn.

Jenn disse, “Tive um pressentimento logo no início. Lembram-se do que ela disse sobre correr com o cão?”

Riley lembrava-se...

“O Neptuno ajuda-me a não me perder.”

Riley pensou que fosse uma piada.

Hope falara a sério?

Bill disse, “E ouviste o que disse sobre os amigos, a família e os funcionários? Todos já repararam nas suas falhas. Preocupam-se com o facto de viver sozinha. Pensam que precisa de alguém que tome conta dela. E ela está na defensiva quanto a isso. Está em negação. Aconteceu o mesmo com a minha cunhada.”

Riley desanimou. Encostou a cabeça e lembrou-se da entrevista.

Agora que recordava as palavras de Hope Reitman, as suas ações, parecia perfeitamente óbvio.

Fora óbvio para Jenn e Bill.

Porque é que não fora óbvio para ela?

Ela normalmente detetaria algo do género. O seu instinto dir-lhe-ia que a mulher era demasiado incapacitada para ser uma assassina.

Porque é que o seu instinto não a tinha prevenido desta vez?

Tinha que se impedir de perguntar em voz alta...

“O que é que se passa comigo?”

Mas em vez disso, limitou-se a dizer, “Peço desculpa.”

Bill abanou a cabeça.

“O dia já vai longo,” Disse ele. “Vamos comer alguma coisa.”

Bill deu à chave e parou num restaurante da mesma cadeia de fast food onde tinham comido em Williamsburg. Lá dentro era tudo igual. Riley não conseguia afastar a sensação de que não tinham feito qualquer progresso.

Pediram novamente hambúrgueres, mas Riley não tinha fome. Ficou a olhar para a comida, sentindo-se frustrada e cansada.

“Então ok,” Disse Bill quando estavam sentados. “O que é que fazemos agora?”

Os três agentes pensaram durante alguns instantes.

Por fim, Riley disse, “Talvez o melhor seja falar com o Craig Huang e ver o que os outros estão a fazer.”

Ligou a Huang e colocou o telemóvel em alta voz.

Quando ele atendeu, perguntou, “Conseguiram mais alguma coisa da testemunha?”

“Menos que nada,” Disse Riley. “A testemunha não é fiável.”

“Não é fiável? Porquê?”

Riley conteve um suspiro.

“Explico depois. Como estão a correr as coisas com o nosso pessoal?”

“Não há muito a dizer. O Whittington e o Craft regressaram dos encontros com as famílias das vítimas. Não obtiveram muita informação. O Engel está a dar o seu melhor para evitar que os jornalistas espalhem rumores descabidos. O Ridge e o Geraty estão a caminho de Quantico com as ampulhetas. O chefe Belt e eu estamos a preparar um aviso para as pessoas não se aproximarem de Belle Terre.”

Riley pensou durante alguns instantes.

“Vão enviar o esboço com o aviso?”

“Estamos a pensar fazê-lo.”

“Não enviem,” Disse Riley.

Huang pareceu surpreendido.

“Não é melhor que nada?” Disse ele.

Riley pensou mais um pouco.

Lembrou-se do que Hope Reitman dissera quando olhou para o esboço.

“Tenho a certeza de que o homem tinha cabelo mais claro. E uma complexão avermelhada.”

A memória da mulher era obviamente pouco fiável.

Disse a Huang, “É provável que seja muito impreciso e que possa ser prejudicial. De qualquer das formas, o rosto é tão inócuo que podemos obter falsas identificações. Pior, pode dar às pessoas um sentido de segurança falso. Podem não reconhecer o assassino mesmo que o vejam. Pode até colocar pessoas em perigo.”

“Então, descartamos o esboço,” Disse Huang. “Que mais precisamos de fazer?”

Riley fez nova pausa.

Disse, “Façam tudo o que puderem para manter Belle Terre segura. Coloquem todos os policiais locais de serviço, até aqueles que não fazem o turno da noite. Enviem alguns drones com visão noturna para vigiar a área. Certifiquem-se de que ninguém se encontra em Belle Terre.”

Bill disse, “E o Rags Tucker?”

Riley ficou ligeiramente alarmada. Quase se esquecera de Rags que poderia estar em perigo ficando sozinho na área. Ficou satisfeita por Bill o mencionar. Mas também ficou algo desconcertada por não se ter lembrado dele.

Disse, “Agente Huang, envie alguns agentes para levar o vagabundo com quem falámos na praia e encontrem um lugar seguro para ele passar a noite. Ele pode não ficar satisfeito, mas tirem-no de lá mesmo assim.”

Huang riu-se.

Disse, “Devo enviar agentes mais robustos ou agentes com sensibilidade para lidar com pessoas?”

Parecia uma pergunta estranha, mas para Riley fazia todo o sentido.

“Agentes com sensibilidade para lidar com pessoas,” Disse ela. “Penso que ele não resistirá fisicamente mas não ficará feliz e não há necessidade de o provocar. Mas digam a quem for que têm mesmo que o tirar de lá.”

Quando acabou de dar instruções a Huang, Riley terminou a chamada.

Jenn disse, “E nós os três? O que fazemos agora?”

Riley encolheu os ombros.

Disse, “Vamos para a esquadra e ajudamos o Huang com o que for necessário.”

Bill não parava de olhar para Riley.

“Riley, não sei se isso é uma boa ideia.”

Riley fitou-o durante alguns instantes, interrogando-se a que é que ele se referia.

Da sua expressão ansiosa rapidamente depreendeu...

Ele está preocupado com o meu estado mental.

Isso deixou-a furiosa.

Disse, “O que é que pensas que vou fazer? Bater em alguém? Ou só estragar tudo?”

Bill abanou a cabeça.

“Podes dizer que estás no teu melhor neste momento, Riley?”
Perguntou ele.

Riley olhou para ele num silêncio abismado durante alguns momentos. Ela sabia perfeitamente bem que a resposta àquela pergunta era não.

Bill acrescentou, “Riley, não somos precisos lá. O Huang tem as coisas controladas. Vamos voltar para Quantico, falar com o Meredith e ver se conseguimos ajudar o Flores e a sua equipa com o trabalho forense ou buscas no computador. É uma forma de empregarmos melhor o nosso tempo.”

Riley não podia discordar.

Reparou que Bill e Jenn já tinham acabado de comer. Ela mal tinha tocado no hambúrguer. Deu uma dentada, mastigou e engoliu rapidamente.

“Vamos embora então,” Disse ela.

Quando os três agentes se dirigiam ao SUV Jenn disse, “Não vale a pena ficarmos demasiado preocupados. Com o parque encerrado, não é provável que mate esta noite.”

“Se tivermos sorte,” Disse Bill, entrando no SUV.

Se tivermos sorte, Pensou Riley ao mesmo tempo que colocava o cinto de segurança.

Mas não conseguia deixar de pensar na ampulheta, ainda gotejando os segundos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Felix Harrington apoiou-se no cabo da pá e olhou para o seu trabalho com uma sensação de satisfação. Acabara de cavar um buraco suficientemente fundo ali no interior do armazém abandonado. O solo arenoso daquele chão fora perfeito para cavar – e uma mudança em relação aos seus anteriores esforços, ambos no exterior.

Pelo menos não sou previsível, Pensou.

E isso era importante.

Seguira as notícias o dia todo e sabia o reboiço que causara na área. Sabia que a Belle Terre Nature Preserve estava fechada ao público, o que significava que a polícia esperava que ele atacasse de novo.

Sorriu com satisfação.

Ninguém poderia jamais adivinhar que este seria o seu próximo lugar escolhido. Nem ele teria adivinhado até nas suas explorações ter descoberto aquele local adequado.

Os seus crimes eram tão aleatórios como os padrões feitos pela água na areia – os padrões que ele tinha reproduzido na madeira das ampulhetas. Sim, eram como esses padrões, semelhantes mas nunca iguais.

Atirou a pá para a pilha de areia disposta ao lado do buraco e foi admirar a nova ampulheta. Fizera-a propositadamente para a ocasião. Naquele momento, toda a areia estava imóvel no fundo do globo. Mas dali a pouco, ele iria virá-la e a areia começaria a fluir, marcando as horas e os minutos que restavam à vida de uma pessoa.

As pessoas tinham conhecimento das suas duas ampulhetas, sobretudo a que ainda corria. Os polícias, o FBI e até o público compreendiam a sua mensagem.

Sabia que até lhe atribuíam alcunhas.

Como era?

Oh, sim.

“Father Time”.

“The Sandman”.

O seu sorriso desapareceu. A verdade era que ele não queria saber daquela publicidade para nada.

Ele não fazia aquilo para obter fama.

Ele ainda não sabia o que o levava a matar.

Apenas sabia que algo obscuro se apoderara dele recentemente – uma espécie de terror e dor irracional. A única forma de expulsar a dor era infligi-la a outras pessoas – não apenas às pessoas que enterrava, mas às muitas outras pessoas que chocava e assustava.

As pessoas ficariam despertas à noite a pensar quem morreria quando a ampulheta esgotasse o seu último grão de areia.

Dava-lhe uma sensação de poder que aliviava a sua própria agonia e medo. Também lhe conferia uma sensação de objetivo, de destino. Ele estava ligado de alguma forma importante àquela areia que escorria. Fascinava-o e levava-o a completar as suas ações antes que se esgotasse.

Dava sentido à sua vida.

Afastou-se da ampulheta colocada ao lado do buraco vazio. Não chegara ainda o momento de a virar para a areia começar a fluir. Só dali a várias horas.

Só tenho o tempo, Pensou, limpando as mãos.

Saiu do edifício e foi até junto da água, observando o riacho salobro que fluía para a Baía de Chesapeake. Ficou imóvel e admirou a vista noturna. A água nunca era completamente escura e luzes ao longo da margem iluminavam as ondas incessantes.

O dia fora quente e agradável. E agora apreciava a frescura da noite na água.

À sua direita, via casas novas com cais privados. Essas eram as luzes que iluminavam a água. À sua esquerda, a margem era mais escura. Desde que aquela pequena marina caíra em desuso, apenas algumas lâmpadas iluminavam fracamente aquela área.

É claro que todos aqueles edifícios e cais podres da antiga marina seriam em breve destruídos. Sem dúvida que uma marina nova e maior nasceria com instalações destinadas a barcos das famílias mais ricas que se mudavam para a zona.

Aburguesamento, Pensou.

O pensamento perturbou-o porque queria dizer que em breve pessoas iriam ocupar aquela área tranquila. As pessoas até se aproximavam da sua casa isolada numa orla diferente.

Estremeceu perante aquela ideia.

Pessoas.

Sempre fora tímido, mas lembrava-se de, quando era pequeno, não se alarmar tanto com a presença de outras pessoas.

De há alguns anos a esta parte que vivia deliberadamente em reclusão. Podia passar dias seguidos sem ver uma alma humana.

Ou pelo menos não podia há muito tempo.

As máquinas perturbavam a terra arenosa muito perto da sua casa. Ele já conseguia sentir a pressão de pessoas a mudarem-se... trazendo consigo dor e terror que ele não compreendia.

Mesmo agora, só de pensar nisso, sentia o coração bater descompassadamente e a respiração a acelerar. Não compreendia porquê, mas sabia o que tinha que fazer para resolver o problema.

Respirou lentamente para se acalmar.

No final de contas, não havia pessoas ali e ele podia relaxar na solidão. E não tinha pressa.

Podia ficar ali uma hora antes de pegar na sua pickup e percorrer a cidade à procura da sua próxima vítima.

Subitamente, uma luz chamou a sua atenção entre os outros edifícios.

Rapidamente percebeu que alguém se aproximava com uma lanterna, caminhando pela área aberta entre os edifícios da marina.

Quem seria?

Sentiu uma onda de pânico ante a possibilidade de encontrar outro ser humano.

Mas então percebeu que talvez não tivesse que procurar uma vítima.

Talvez estivesse com sorte naquela noite e uma vítima estivesse prestes a cair nas suas garras. Era assim que ele preferia que acontecesse – a forma como os dois corredores tinham ido ao seu encontro nas manhãs anteriores.

A lanterna aproximou-se e feriu-lhe os olhos. Não conseguia ver a pessoa que a segurava. Mas ouviu a voz de um homem.

“O que é que está a fazer aqui?”

Felix ficou ansioso. O homem parecia ser um guarda noturno. Felix não tinha passado suficiente tempo ali para perceber que alguém poderia aparecer para vigiar a marina abandonada à noite. Estaria prestes a ser expulso dali sem poder cumprir o seu plano?

Isso seria um desastre. Afinal de contas, o relógio de areia de vinte e quatro horas que deixara na praia, tornava o horário de concretização apertado. Se esgotasse sem que ninguém morresse, todos os seus planos e preparativos elaborados não fariam qualquer sentido. A sua vida ficaria vazia de horários e ele não sabia como aguentaria isso.

De qualquer das formas, Felix sorriu. Toda a sua vida, soubera que tinha um sorriso encantador que conquistava facilmente as pessoas, mesmo quando não se sentia extrovertido. Com certeza que conquistaria também aquele homem.

“Apenas a apreciar o ar noturno,” Disse Felix.

A lanterna continuava a ferir-lhe os olhos.

“Isto é propriedade privada,” Disse o homem.

“A sério? Não sabia.”

Seguiu-se um silêncio tenso. Mas Felix continuou a sorrir.

Por fim, disse, “Ouça, apenas estava a apreciar a noite, é tudo.”

O homem baixou a lanterna, mas Felix ainda estava temporariamente sob o efeito da luz.

“Está uma noite agradável, não está?” Disse o homem.

Felix reparou no seu discurso arrastado. Será que o guarda noturno andara a beber?

Os olhos de Felix rapidamente se ajustaram e pode ver o rosto do homem. Era um homem de meia-idade, robusto mas baixo. O seu rosto estava inchado e cansado. Tinha a aparência de alguém que bebia muito.

O homem disse, “Bem, não está a incomodar. Não está aqui para roubar nada, pois não?”

Felix riu-se e fez um gesto abarcando o que se via.

“Há aqui alguma coisa para roubar?”

O homem também riu.

“Bem visto. Este meu trabalho é engraçado – um guarda noturno sem nada que guardar.”

“Desde que compense,” Disse Felix. Há muito que descobrira as suas próprias habilidades que o permitiam trabalhar em casa.

“Sim, desde que compense,” Disse o homem.

Felix aproximou-se do homem. Não havia dúvida que o seu hálito exalava a álcool. Devia estar bem bêbedo.

Felix piscou-lhe o olho.

“Ei, por acaso não tem um gole de whiskey que possa partilhar comigo, não?”

O homem riu-se envergonhado.

“Por acaso até tenho,” Disse ele. “Mas não diga a ninguém.”

“A quem diria?”

“Bem visto.”

O guarda retirou uma garrafa do bolso e deu-a a Felix. Felix abriu a garrafa e deu um gole, entregando-a depois ao homem. O guarda deu um bom gole e colocou a garrafa no bolso.”

Felix disse, “Nunca aqui tinha estado. Talvez me possa mostrar as vistas.”

O homem riu-se. Felix sabia que estava ganhar a sua confiança.

“Refere-se à panorâmica marina de Lorneville?” Disse o guarda.

“Nunca me ocorreu que teria futuro como guia turístico. Claro, vamos dar uma volta. Vou mostrar-lhe algumas das docas. Mas cuidado. Algumas das tábuas estão a apodrecer e podem ceder.”

“Eu tenho cuidado,” Disse Felix.

Quando os dois homens começaram a caminhar lado a lado, Felix começou a planear o que faria a seguir.

Infelizmente, deixara o seu bastão na carrinha.

Mas para sua sorte, estavam a encaminhar-se para uma parede com pedras soltas de todos os tamanhos e formas. Com certeza que poderia utilizar uma delas para atacar o homem. Ele não era muito grande para o arrastar até ao buraco no edifício. Assim podia começar mais cedo a sua tarefa. Contudo, levaria o seu tempo. Não poderia terminar antes das seis horas em ponto quando a ampulheta se esgotasse.

Agora que pensava nisso, levar o seu tempo era algo de que gostava.

Caminhavam ao lado da parede naquele momento. Felix viu uma pedra que encaixava perfeitamente na sua mão. Apanhou-a sub-repticiamente e segurou-a de lado para que o guarda não a visse.

Tinha que esperar pelo momento ideal para a utilizar.

Entretanto, Ocorreu-lhe que aquela morte decorria de forma diferente das outras. Estava a estabelecer uma relação pessoal com aquela vítima, algo que não tivera a oportunidade de fazer com as outras duas vítimas.

Por alguma razão, isso também lhe agradava – o pensamento de que a morte de homem não seria apenas horrível e dolorosa mas uma traição à confiança recentemente depositada.

“Como é que se chama?” Perguntou.

“Silas Ostwinkle. E você?”

Devo dizer-lhe? Interrogou-se Felix.

Porque não?

O homem nunca ia ter a oportunidade de o identificar.

“Felix Harrington,” Disse ele.

“Prazer em conhecê-lo,” Disse o guarda.

“O sentimento é mútuo,” Disse Felix.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Riley sentia-se exausta quando Bill parou o SUV no parque de estacionamento da UAC.

Porquê? Interrogou-se. Olhou para o seu relógio e viu que era quase meia-noite.

Não era assim tão tarde.

Reparou que Bill e Jenn pareciam tão cansados como ela.

Estavam todos a trabalhar desde manhã cedo, mas isso não explicava como ela se sentia. Já trabalhara mais horas seguidas noutros casos. E apesar de poder não se aplicar a Jenn, certamente se aplicava a Bill.

Então o que é que este tinha de tão particularmente cansativo?

Porque é que ela sentia aquela exaustão tão profunda?

Como se fosse a resposta que buscasse, uma imagem veio-lhe à cabeça...

Aquela ampulheta com a areia a gotejar inexoravelmente rumo a...

O quê? Questionou-se Riley.

Outro homicídio?

Outro enterro antes de uma morte agonizante?

Riley suspirou quando ela e os companheiros saíram do SUV e se dirigiram ao edifício.

Não era de espantar que aquele caso os estivesse a desgastar. A ampulheta fazia toda a diferença, corroendo toda a sua energia e moral.

E claro, era isso que o assassino tinha em mente.

Riley interrogou-se em que é que ele estaria a pensar naquele momento.

Sentia-se feliz consigo próprio?

Não lhe agradava a ideia de que estaria.

Quando ela e os seus dois colegas entraram no edifício da UAC, Riley sentiu-se estranhamente reconfortada por ver atividade que lhe era familiar. A UAC estava sempre vigilante, com pessoal a trabalhar dia e noite. E vigilância era aquilo de que precisavam naquele momento.

Os três dirigiram-se de imediato ao gabinete de Meredith. O chefe ainda lá estava, supervisionando aquele caso especialmente complicado.

Levantou-se da sua cadeira quando entraram e olhou para Riley.

“Agente Paige, o Walder passou por cá antes de se ir embora,” Disse ele. “Parecia bastante aborrecido consigo. Disse que lhe retirara a chefia

da equipa neste caso. Presumo que o Huang esteja agora a liderar a equipa.”

Meredith cruzou os braços.

Riley estava prestes a explicar-lhe o que tinha acontecido quando reparou num ligeiro sorriso no rosto de Meredith.

Ele sabe! Pensou ela.

De alguma forma, Meredith sabia que Huang tinha ignorado as ordens de Walder e deixara Riley como chefe.

Será que o Huang lhe ligara e lhe dissera?

Ou teria ele descoberto por si próprio?

Não se atrevia a perguntar.

O sorriso de Meredith expandiu-se.

Disse, “Fico contente por saber que este caso está em boas mãos.”

Riley engoliu em seco.

“Sim, senhor,” Disse ela. “Também eu, senhor.”

“Agora diga-me o que é que se passa,” Disse Meredith.

Riley, Jenn e Bill atualizaram-no com as atividades do dia desde a sua chegada às duas cenas de crime até à entrevista infrutífera a Hope Reitman. Meredith ouviu atentamente.

Quando terminaram, ele ficou em silêncio durante alguns instantes.

Riley conteve a respiração, esperando que o chefe julgasse o seu trabalho. Meredith podia ser terrivelmente crítico. Era evidente que não podia estar satisfeito por ainda não terem apanhado o assassino.

Por fim, Meredith falou com um tom de resignação na voz.

“Estiveram bem. Eu não teria feito nada diferente na presente situação.”

Riley sentiu-se mais aliviada.

Meredith acrescentou, “Mas este caso é uma chatice. Pensam que teremos outra vítima quando a ampulheta esgotar o tempo?”

Riley trocou olhares com Bill e Jenn.

Jenn falou, “Talvez não. O público daquela área foi alertado para o perigo. E o Huang está a certificar-se de que ninguém entra ou sai de Belle Terre. E até agora, esse parece ser o seu terreno de eleição.”

Bill acrescentou, “Há uma boa possibilidade de que o local seja um elemento determinante no seu MO.”

“Ainda não sabemos muito sobre ele,” Comentou Riley. “Mas é uma possibilidade.”

“Esperemos que o tenhamos contrariado,” Disse Meredith. “Vocês devem ir ter com o Sam Flores e ver como é que a sua equipa se está a sair.”

Riley e os colegas concordaram. Saíram do gabinete de Meredith e dirigiram-se ao centro tecnológico. Ali as coisas estavam ainda mais agitadas do que no resto do edifício.

Sam Flores estava sentado na sua secretária rodeado de computadores. Quando olhou para cima e viu Riley e os colegas, perguntou como se estavam a safar no caso.

“Ainda estamos a zeros,” Disse Riley. “Já descobriram alguma coisa?”

Flores disse, “Entreguei as ampulhetas a alguns dos meus especialistas. Até agora apenas conseguiram confirmar que a madeira foi esculpida à mão. Vão testar a composição do vidro e da madeira para ver se conseguem encontrar as fontes. Não vão para casa esta noite. Nem eu.”

Flores apontou para artigos de jornal nos monitores.

“Andei a fazer algumas buscas, tentando descobrir se o nosso assassino fez o mesmo noutros locais. Não parece que tenha acontecido.”

Riley ficou um pouco surpreendida.

Perguntou, “Queres dizer que não há outras situações registadas de pessoas que tenham sido enterradas vivas?”

“Sim, claro, mas não são como estes crimes. Não vejo casos onde os enterros sejam casos de puro sadismo. Há sempre outro motivo.”

Riley e os colegas estavam atrás de Flores a olhar para as histórias que ele tinha encontrado.

Flores começou a apontar para diferentes artigos.

“Descobri um que enterrou a vítima porque sabia que ele tinha morto outra pessoa de uma forma mais convencional. Outros agrediram ou atiraram nas vítimas antes e não sabiam se estavam vivos ou mortos quando os enterraram. Os médicos-legistas apenas o descobriram depois dos corpos serem encontrados.”

Riley apontou para uma das histórias.

Disse, “Esta parece ter começado com um roubo.”

Flores disse, “Sim, o assassino enterrou um casal idoso depois de lhes limpar a conta bancária.”

Riley estremeceu só de pensar no terror das vítimas.

“Estes assassinos têm cúmplices?” Perguntou.

“Alguns têm,” Disse Flores. “É muito trabalho para uma pessoa – tanto o cavar como o limpar. Já excluíram a possibilidade de que o assassino tenha um companheiro?”

Riley disse, “Ainda não.”

A verdade era que Riley tinha o pressentimento de este assassino atuava sozinho. Mas estava com alguma dificuldade em confiar completamente no seu instinto naquele momento.

Jenn sugeriu, “Estes assassinos que encontraste apenas queriam apagar as provas, não é?”

Sam anuiu e perguntou, “Não acontece o mesmo com o vosso assassino?”

“Não, não me parece,” Disse Bill. “Ele quer que encontremos as suas vítimas. E quer que saibamos que planeia matar outra. De outra forma, não faria sentido deixar as ampulhetas.”

Flores ficou a pensar durante alguns instantes.

Disse, “Quando pensamos nisso, o que este assassino está a fazer é contraintuitivo – enterrar vítimas quando parte do objetivo é alguém encontra-las.”

Riley assentiu.

“Quase contraditório,” Disse ela.

Flores apontou para um artigo e acrescentou, “E estes não são um jardim muito variado de sociopatas. Este sentia-se tão culpado que tentou matar-se com uma overdose.”

Riley concordou em silêncio. Uma coisa parecia certa – o remorso não era uma característica daquele assassino.

Jenn perguntou a Flores, “Então o que é que vais fazer de seguida?”

Flores encolheu os ombros.

“Vou continuar a pesquisar, procurar mais perspetivas,” Disse ele. “E vou esperar que o meu pessoal obtenha mais informações sobre as ampulhetas.”

Riley foi acometida por um profundo desânimo.

Mais perspetivas, Pensou.

Geralmente, as perspetivas eram aquilo de que se precisava num caso daqueles.

Mas de que serviam as perspetivas no caso de um assassino que se preparava para matar a qualquer momento?

E o mesmo se aplicava à pesquisa da origem das ampulhetas.

De que é que aquela informação serviria naquele momento?

Eles não precisavam de compreender o assassino. Eles precisavam de encontra-lo, pará-lo e apanhá-lo – imediatamente.

Ainda assim, a última coisa que Riley queria era dizer a Sam Flores que o seu trabalho era uma perda de tempo. Ele estava a fazer o seu trabalho e estava a fazê-lo com o habitual profissionalismo. E poderia conduzi-los rumo à direção certa.

“Bom trabalho Flores,” Disse Riley. “Continua.”

Naquele momento, Meredith entrou na sala.

“Vou para casa,” Disse ele. Olhando para Riley, Bill e Jenn acrescentou, “Sugiro que vocês os três façam o mesmo.”

Riley ficou alarmada.

Aquela era a última sugestão que esperava do chefe.

“Mas senhor...” Começou ela.

“Mas o quê?” Disse Meredith. “O que esperam conseguir? O Agente Huang está a gerir as coisas em Belle Terre e aqui o Flores tem a equipa a cobrir tudo. O que se passar nas próximas horas não mudará nada. Se ainda estiver à solta um assassino amanhã, terão a vossa oportunidade de o apanhar. Preciso que estejam frescos e alerta. Vão para casa. É uma ordem.”

Meredith afastou-se sem dizer mais uma palavra.

Riley e os colegas ficaram a olhar uns para os outros durante alguns instantes. Riley viu a exaustão nos seus rostos e soube que eles viam o mesmo no dela. Mas ela também sabia que nenhum deles se queria ir embora com tantas perguntas por responder.

Mas Meredith tinha razão. Que mais podiam esperar conseguir naquele momento?

Jenn encolheu os ombros e disse, “Bem, uma ordem é uma ordem.”

“Acho que sim,” Disse Bill. “Vejo-vos amanhã.”

Saíram do laboratório e dirigiram-se à entrada. Mas Riley ainda não conseguia ir para casa. Deixou-se ficar para trás e foi para o seu gabinete onde se sentou em frente ao computador. Interrogou-se – o que é que ela podia procurar que Flores ainda não tivesse pesquisado?

Ela lembrou-se do que Jenn dissera...

“Já repararam no aspeto da areia numa praia com a maré baixa?”

Sem parar para pensar, Riley digitou duas palavras...

Areia praia.

Depois ficou a observar as imagens da areia que surgiram.

Sentiu-se especialmente atraída por imagens de areia com a maré a baixar.

Riley olhou atentamente para as fotos. A água criava ondulações que eram semelhantes àquelas esculpidas nas ampulhetas. Ela tinha a certeza que imagens como aquelas tinham sido a inspiração do assassino.

Mas e então? Questionou-se.

Ao continuar a olhar, ficou com a sensação de que a chave para todo o mistério estava mesmo à sua frente.

A verdade estava mesmo à espreita.

Então porque é que ela não a via?

Uma onda de exaustão apoderou-se dela e fechou os olhos. Mesmo nessa altura as imagens da areia permaneceram na sua imaginação, a ondulação a mudar e a assumir todo o tipo de padrões e formas.

Abriu os olhos quando ouviu a voz de Bill.

“Que raio ainda estás aqui a fazer?”

Virou-se e viu Bill à porta.

“O que é que estou aqui a fazer?” Perguntou ela. “E tu?”

“Tive um palpite de que não te ias embora. Voltei para confirmar. E claro, aqui estás tu – a adormecer em frente ao computador. Vai para casa Riley. Descansa. É o que eu vou fazer.”

“OK, eu vou,” Disse Riley.

Ela esperava que Bill se fosse embora. Mas ele não foi.

“De que é que estás à espera?” Perguntou ela.

“De ti,” Disse Bill. “Acompanho-te até ao carro.”

Relutantemente, Riley levantou-se e saiu do edifício com Bill.

Antes de Riley abrir a porta do carro, Bill disse, “Queres que te leve a casa?”

Riley olhou para ele.

“Porquê?” Perguntou.

Bill encolheu os ombros.

“Estás praticamente a dormir em pé,” Disse ele.

Riley resistiu aa dizer...

Tu também não estás muito melhor.

Mas em vez disso, limitou-se a dizer, “Eu fico bem.”

Entrou no carro e Bill dirigiu-se ao seu veículo. Quando começou a conduzir, foi atingida por uma onda terrível de exaustão. A viagem até

casa demorava apenas meia-hora, mas mesmo assim, começou a pensar se não deveria ter aceite a oferta de Bill. Mas era tarde demais para mudar de ideias.

Ao conduzir, começou a ter dificuldade em focar os olhos. As luzes das ruas e de outros carros e os edifícios circundantes pareciam estar em mutação, assumindo formas e padrões estranhos.

Rapidamente percebeu que padrões eram aqueles.

Eram ondulações na areia da praia, deixadas pela maré que vazava.

Agora começava a ficar assustada. Tinha que estar atenta à condução. Deu uma bofetada a si própria na bochecha para se manter alerta. Funcionou – pelo menos um pouco. Pelo menos tinha a certeza de que conseguiria fazer o resto da viagem até casa.

Mas ao continuar a conduzir, múltiplos pormenores do caso continuaram a amontoar-se no seu cérebro – as suas vagas impressões sobre o assassino, as duas cenas de crime, as imensas perguntas por responder sobre a obsessão do assassino por areia...

Também deu por si a lembrar-se da expressão serena e distante de Hope Reitman, do seu sorriso, das suas memórias confusas.

Pobre mulher, Pensou Riley.

E no entanto...

Riley interrogou-se se não a invejaria.

No final de contas, Hope Reitman já não conseguia tentar manter muitas coisas na cabeça. Se ao menos deixasse que alguém tomasse conta dela, talvez experimentasse um tipo de paz que Riley nunca conheceria, tranquilamente desaparecendo num nevoeiro de esquecimento.

Riley cerrou os dentes.

Não, isso deve ser terrível, Pensou Riley.

O que poderia ser mais terrível do que perder tudo o que fomos e fizemos para uma doença?

E no entanto...

Riley questionou-se quantas mais coisas conseguiria meter na cabeça sem enlouquecer.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Liam dirigiu-se à entrada da casa o mais silenciosamente possível. Levava consigo uma mala carregada com os seus pertences.

Uma pergunta não parava de lhe passar pela cabeça...

Será que eu quero mesmo fazer isto?

Parou na sala de refeições e tirou o telemóvel do bolso, olhando novamente para a mensagem do pai...

Tenho saudades tuas filho.

O pai tinha enviado aquela mensagem há algumas horas. Liam não respondera. Então, cerca de uma hora mais tarde, o pai enviou outra mensagem...

Ainda és meu filho?

Aquelas palavras feriram-no profundamente.

Também não tinha respondido àquela segunda mensagem.

Mas começara imediatamente a fazer a sua mala para ir para casa.

E agora colocou o telemóvel novamente no bolso e continuou a avançar em silêncio.

Ele sabia que todos em casa estavam a dormir – as duas raparigas lá em cima e Gabriela no apartamento na cave. Mas Gabriela só se tinha recolhido à pouco. Podia ainda não estar a dormir. Ouviria a porta de entrada quando ele a abrisse?

Ao passar pela sala, viu faróis através da janela. Parava em frente à casa e ele tinha a certeza de que seria o táxi que chamara para o levar de volta a casa do pai.

Abriu a porta de entrada e avançou enquanto o veículo parava e o motor se desligava. A porta do carro abriu-se.

Liam desanimou ao encontrar-se ali na porta aberta de mala na mão.

Não era o táxi.

Riley acabara de chegar a casa.

Ele pensava que o atual caso de Riley a mantivesse afastada até mais tarde, pelo menos até ele se ir embora. Esperava não ter que dar grandes

explicações até porque não sabia como as dar.

Mas ali estava ela.

Riley olhou para ele.

“Liam!” Disse ela. “O que é que estás a fazer?”

Liam não sabia o que dizer. Queria voltar para a casa e para o seu quarto e simplesmente esconder-se debaixo dos cobertores da sua cama. Mas não valia a pena tentar fingir que aquilo não tinha acontecido.

Riley aproximou-se. Olhou para a mala e depois diretamente para Liam.

Tinha uma expressão confusa e magoada. Sem dizer uma palavra, pegou na mala com uma mão e no braço de Liam com a outra. Carregando a mala, levou-o para dentro de casa e sentou-o numa cadeira.

“O que é que estavas a fazer?” Perguntou novamente.

Liam abriu a boca, mas não saíram palavras.

Ele não sabia o que dizer.

Riley olhou para a mala e depois novamente para Liam.

Com uma nota de alarme na voz, ela perguntou, “Ias fugir?”

Liam ainda não se conseguia exprimir.

“Então, ias?” Perguntou Riley mais ríspidamente.

De repente, Liam começou a falar num gaguejar desamparado.

“Eu... eu não sei. Eu não sei o que estava a fazer, OK? Quero dizer... fugir, o que é que isso significa? No meu caso?”

Riley parecia completamente perplexa ao olhar para ele.

Liam tirou o telemóvel do bolso. Entregou o telemóvel a Riley com as mensagens do pai. Ela olhou para as mensagens espantada.

Liam disse, “Não fugi eu já? Do pai?”

Riley ficou pálida. Agora parecia que chegara a sua vez de não saber o que dizer.

“Acho que não consigo fazer isto, Riley,” Disse Liam. “Quero dizer, deixar o pai sozinho. Eu sou tudo o que ele tem. Ele tem saudades minhas. Ele precisa de mim. Não sei o que é que lhe vai acontecer se...”

Não prosseguiu.

Riley sentou-se na cadeira e falou numa voz sussurrada e trémula.

“Liam, já falámos sobre isto. O teu pai está muito doente. É uma coisa terrível, mas a culpa não é tua.”

Liam já não conseguia conter as lágrimas.

“Mas ele parece que está a piorar,” Disse ele.

“Mas a culpa não é tua,” Disse Riley.

“Sinto que o estou a desiludir.”

Riley ficou subitamente zangada.

“Liam, estás a desiludir-nos a nós! À April e à Jilly e à Gabriela – e a mim! Nós estamos contigo! Todas nós! Contamos contigo! Não podes sair assim das nossas vidas!”

Liam ficou chocado – não apenas pelo tom de voz de Riley, mas pela sua expressão exausta. De repente apercebeu-se que não andava só preocupado com o pai. Também estava preocupado com Riley.

Tentando evitar que a voz tremesse, ele disse, “Riley, estou grato por tudo o que fizeram por mim. Mas já tem tanto com que se preocupar. Não só com todos, mas com o seu trabalho. Nem faço ideia de como deve ser duro para si. Mas eu não lhe trago nada de bom, mais um miúdo com que se preocupar.”

Riley abanou a cabeça.

“Não tenho tempo para isto,” Disse ela.

“E isso que eu quero dizer,” Disse Liam. “Ter-me aqui é demasiado...”

Riley interrompeu-o com um lamento de desespero.

“Não compreendes!”

Ela tremia agora com os punhos fincados nos braços da cadeira.

Numa voz sufocada, ela disse, “Eu não... tenho tempo... para nada!”

Então Liam viu os olhos de Riley a iluminarem-se.

Parecia que tinha acabado de compreender algo absolutamente terrível.

Então ela desatou a chorar incontrolavelmente.

Liam permaneceu em silêncio. Durante alguns instantes viu Riley chorar. Por fim, levantou-se e foi ao seu encontro. Ele sentou-se no braço da cadeira e colocou a sua mão no ombro trémulo de Riley.

Dali a nada ouviu os passos de Gabriela a subir as escadas e os passos das miúdas a descer as escadas. A reação de Riley acordara toda a gente.

*

Enquanto ali estava a chorar, Riley sentiu-se doente e tonta, e todo o seu mundo parecia girar à sua volta. As suas próprias palavras ecoavam na sua cabeça...

“Eu não tenho tempo para nada!”

Ela sabia que confessara a verdade a si mesma e lutava para compreender o que isso significava.

Lembrou-se de algo que Mike Nevins dissera.

“É possível que mais coisas sombrias surjam dentro de ti antes de tudo acabar.”

Era isto e ela sabia-o.

Este caso estava relacionado com o tempo. O fluxo inexorável da areia na ampulheta, as horas e minutos e segundos entre a vida e a morte, pensar nas vítimas a serem enterradas vivas, saber que não tinham muito tempo para viver – todas aquelas coisas despoletavam medos que Riley nem sabia ter dentro de si, nunca se atrevendo a trazê-los à superfície.

Não, ela não tinha tempo suficiente – para a família, para outro adolescente na sua vida, para todas as pessoas cujas vidas precisava de salvar.

Todas as pessoas, Pensou.

Pela primeira vez, a verdade veio ao de cima.

Havia sempre mais pessoas a salvar, mais monstros a apanhar, enquanto as pessoas que ela amava precisavam dela cada vez mais. Não havia fim para tudo aquilo e nunca haveria.

Ela realmente nunca tinha tempo para nada.

Mesmo que vivesse mais cinquenta ou sessenta anos, morreria deixando tanto por concluir.

Deixaria o mundo inalterado, como se nunca tivesse feito parte dele.

Nunca pensara em si mesma como o tipo de pessoa que temia a morte. Mas no fundo, sempre vivera aterrorizada pela morte.

Não por si, mas pelos que precisavam dela agora e pelo infinito número de pessoas que precisariam dela no futuro.

Precisavam da sua ajuda e ela nunca os conseguiria ajudar.

Ela simplesmente não tinha tempo... de alcançar algo relevante ou duradouro na sua vida.

O choro de Riley abrandou e ela sentiu o corpo relaxar. O peso do medo que carregava fora finalmente levantado. Mas a dor ainda lá estava. Riley interrogou-se se alguma vez se livraria dela.

Apercebeu-se que Liam estava sentado no braço da cadeira a seu lado com a mão no seu ombro.

Pobre miúdo, Pensou.

Deve estar a pensar que raio lhe deu.

Também ouviu outras vozes barulhentas. Olhou para cima e viu Gabriela e as miúdas a falar furiosamente com Liam. Percebeu que estavam zangadas com Liam por planear ir embora – e sobretudo por fazer Riley chorar.

Ela olhou para Liam e viu que lágrimas lhe escorriam no rosto.

Riley disse a a Gabriela e às miúdas, “Não esteja zangadas com o Liam. Não é culpa dele.”

Jilly andava de um lado para o outro.

“O que é que queres dizer com não ser culpa dele?” Disse ela. “Ele estava a fugir a meio da noite sem nos dizer. Os nossos sentimentos não lhe interessam?”

“Claro que se interessa, Jilly,” Disse Riley. “Interessa-se muito. Mas também se preocupa com os sentimentos do pai. Ele é assim. Ele preocupa-se com os sentimentos de todos. Ele é um miúdo maravilhoso.”

Riley deu um abraço a Liam.

“Desculpa ter gritado contigo,” Disse ela.

“Não faz mal,” Disse Liam a limpar as lágrimas. “Acho que merecia.”

“Não, não merecias. Ando preocupada com outras coisas e descarreguei em ti. Não o devia ter feito, desculpa.”

“Não faz mal,” Disse Liam outra vez.

Riley viu que April se acalmara e olhava para ela e para Liam com preocupação.

April disse, “Liam, promete que não voltas a fazer isto.”

“Prometo,” Disse Liam.

Gabriela tinha os braços cruzados e mostrou satisfação com a promessa de Liam.

Disse, “Vou buscar qualquer coisa para nos sentirmos melhor.”

Quando Gabriela foi para a cozinha, Riley levantou-se e abraçou April, Jilly e Liam, dizendo-lhes que lamentava aquela reação que tivera e que tudo ia correr bem.

A buzina de um carro apitou no exterior. Riley percebeu que era o táxi que Liam tinha chamado. Jilly foi lá fora dizer ao taxista que já não era necessário.

Riley e a família ficaram sentados durante um bocado na sala a bebericar uma bebida quente e doce que Gabriela tinha preparado e que se chamava *atol de elote*. Era a bebida perfeita para os acalmar. Depois de conversarem e darem mais abraços, todos se sentiram melhor e voltaram para os seus quartos.

Riley subiu as escadas, tirou os sapatos e foi direta para a cama. Depois da recente agitação emocional, estava demasiado exausta para se despir.

De qualquer das formas, percebeu que já não conseguia ficar acordada. Tal como Meredith dissera, ela e os colegas precisavam de estar frescos e alerta para os acontecimentos do dia seguinte.

Fechou os olhos e sentiu ondas de sono a invadirem-na...

Como a maré sobre a areia, Pensou.

Suspirou. Aquelas imagens da areia a gotejar na ampulheta ou ondeando na praia – não as conseguia tirar da cabeça.

Também estava preocupada com o que o assassino pudesse estar a fazer naquele momento.

Será que tinham realmente contrariado os seus planos fechando a Belle Terre Preserve?

Ou estaria ele ocupado a cometer outro crime sádico naquele preciso momento?

Riley suspirou novamente.

Interrogou-se – Deveria temer o quê?

Os pesadelos que teria durante a noite?

Ou os pesadelos que enfrentaria no dia seguinte?

Todos os pensamentos lhe fugiram quando o sono a arrebatou.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Lentamente, a consciência voltou a Silas Ostwinkle. A princípio pensou que estava outra vez no Iraque. Não se conseguia lembrar de se sentir tão mal desde que combatera em fevereiro de 1991.

A náusea, a dor de cabeça insuportável, a sensação de impotência...

Mas não posso estar no Iraque, Pensou para si próprio, lutando para se concentrar.

Não. É só mais uma ressaca.

Com certeza que era isso o que se passava.

Mas não sabia ao certo onde estava. Esperava ter chegado a casa em segurança e não ter perdido os sentidos em algum lugar desconhecido.

Se estava em casa, só tinha que dormir algumas horas, depois sair da cama, tomar um café e passar a tarde a recuperar da ressaca até regressar aos deveres do turno da noite.

Mas reparou que uma luz lhe brilhava no rosto, penetrando as suas pálpebras fechadas. Isso provavelmente significava que não estava na cama em casa.

Não queria abrir os olhos. Mas teria que o fazer para descobrir onde estava.

Abriu um pouco as pálpebras. A claridade dolorosa obrigou-o a fechá-las novamente.

Quase praguejou em voz alta...

“Mas que raio?”

... mas não conseguia abrir a boca e o seu praguejar resultou num grunhido sem palavras.

Torceu o maxilar e os lábios doíam-lhe ao tentar mexê-los.

Percebeu que a boca estava amordaçada.

Sentiu o pânico atravessar-lhe o corpo.

Mas o seu corpo não se conseguia mover. Parecia estar imóvel abaixo do peito. Até os seus braços se recusavam a mexer-se.

Lutando contra a luminosidade, Silas abriu os olhos. O que viu à sua frente desorientou-o. Não sabia o que olhava.

Os olhos estavam a ajustar-se à luz por isso, inclinou a cabeça. Mesmo à sua frente viu um teto de metal com lâmpadas. Tudo lhe parecia vagamente familiar.

Agora reconhecia o lugar. Estava num daqueles armazéns da marina. Raramente se dera ao trabalho de espreitar esses edifícios nas suas rondas noturnas. O que é que estava ali a fazer?

Um rosto apareceu abruptamente à sua frente – o rosto de um homem, sorridente e vagamente familiar, a olhar para ele.

O homem tirou a fita da boca de Silas, magoando-lhe os lábios.

O homem falou num tom de voz agradável.

“Ei amigo, como está? Parece um pouco desgastado.”

“Quem raio é você?” Perguntou Silas.

Uma expressão de escárnio magoado atravessou o rosto do homem.

“Já se esqueceu? Então, conhecemo-nos hoje à noite. Pensava que nos tivéssemos entendido. Estou um bocado desiludido. Bem, eu lembro-me do seu nome. É Silas qualquer coisa. Sim, Silas Ostwinkle. E eu sou Felix Harrington. Prazer em conhecê-lo – outra vez.”

Esticou a mão, oferecendo-a para cumprimentar Silas.

Então Silas percebeu que as suas mãos estavam presas atrás das costas, dormentes. Assim como as suas pernas e pés. E estava na terra meio enterrado.

Silas abanou a cabeça, tentando compreender o que se passava.

O homem agora estava preocupado.

“Amigo, estive inconsciente durante muito tempo. Horas. Recreei que não fosse acordar. O amanhecer aproxima-se. É melhor começar a acordar.”

Silas torceu a cabeça o suficiente para abarcar a situação em que se encontrava. Estava num buraco enterrado até ao peito.

O homem – Felix Harrington, como dissera chamar-se – ajoelhara-se ao lado do buraco e olhava para ele.

Aos poucos, Silas começou a lembrar-se...

Andara a beber antes de começar o turno e estava instável ao caminhar pela marina. Mas julgou não ter importância. De qualquer das formas, era um emprego estúpido – guardar uma série de edifícios que seriam demolidos mais tarde ou mais cedo. Até deixara a arma na carrinha porque nunca precisava dela e não gostava de andar com ela quando estava bêbedo.

Andava a fazer a ronda quando deu com um estranho sorridente.

Parecia um tipo porreiro e Silas decidira não o obrigar a abandonar a marina. No final de contas, o estranho não estava a fazer mal nenhum.

Silas ofereça-lhe um gole de whiskey da sua garrafa quando ele pedir. Então o tipo dissera...

“Nunca estive aqui. Talvez me possa mostrar as vistas.”

Começaram a caminhar, a falar de várias coisas e então...

Silas lembrava-se de sentir um golpe violento na cabeça – e era tudo.

E agora estava ali, meio enterrado por este maluco sempre sorridente.

O homem inclinou-se para a frente e balançou qualquer coisa em frente ao rosto de Silas. Era uma medalha militar pendurada numa fita com listras verticais pretas, brancas, vermelhas, azuis e verdes.

Raios partam!

Era a medalha de serviço de Silas que lhe fora concedida pelos serviços prestados no Iraque.

O que é que aquele tipo pensava que estava a fazer com ela?

O homem balançou-a em frente aos olhos de Silas.

“Deixou cair isto,” Disse ele.

Silas sabia perfeitamente bem que não a deixara cair. Trazia-a sempre consigo no bolso da camisa – uma recordação de um tempo passado em que sentira que a sua vida fazia a diferença.

Este filho da mãe tinha andado a remexer os seus bolsos enquanto ele estivera inconsciente.

Ainda a balançar a medalha, o homem disse, “Então deram-lhe isto por causa de que guerra? Operação Liberdade no Iraque? Não, parece demasiado velho para ter servido nessa. Deve ter sido na Tempestade no Deserto. Estou certo?”

Silas cerrou os dentes.

Agora estava a ficar zangado.

“Tira as mãos disso,” Disse Silas. “Devolve-ma.”

O homem continuou a sorrir, imperturbável.

Disse, “De qualquer das formas, quero agradecer-lhe pelo seu serviço. Digo-o com sinceridade. Os que ficaram em casa deviam ter vergonha. Não damos o devido valor aos veteranos. E não fazemos ideia daquilo por que passaram para defender as liberdades que damos por adquiridas. Nem dá para imaginar. Por isso, obrigado. Do fundo do meu coração. Espero que não se importe que lhe faça uma pergunta. Se não quiser responder, não responda.”

O homem olhou atentamente para os olhos de Silas.

“Teve medo? Quando estive em combate? Porque eu não sei se teria a coragem de fazer o que vocês fizeram, enfrentar aquele tipo de perigo. Penso que me acobardaria e fugiria. Mas também é verdade que encontramos a coragem quando precisamos dela, não é? Não sei dizer. Mas você sabe. E eu não consigo evitar pensar... teve medo?”

Silas sentiu o seu rosto contorcer-se numa expressão de raiva.

Nunca responderia às perguntas daquele filho da mãe.

Ainda assim, a pergunta fazia sentido.

É claro que tivera medo no Iraque. E não com seguia evitar sentir algum desse medo naquele momento. Não era só pelo facto de estar enterrado e completamente imóvel.

Era o solo em si – tornara-se consciente da sua presença à sua volta.

Areia, Pensou. Estou meio enterrado em areia.

A areia era o que o afetava mais, trazendo-lhe memórias terríveis. O seu primeiro tiroteio no deserto do Iraque fora aterrorizante de uma forma completamente inesperada.

Antes de entrar em combate, esperava ter medo de explosões e do ruído das armas do inimigo.

Mas no meio de um tiroteio, mal reparara nessas coisas.

Lembrava-se sobretudo das rajadas de balas a atingir o chão à sua volta, levantando areia no ar.

A princípio quase parecera algo inofensivo – até que ao seu lado, o corpo do amigo Asher foi atingido por armas que Silas nem conseguia ouvir, as balas fazendo o mesmo ruído que ouvira na areia mas desta vez na carne de Asher.

Podes crer que tive medo, Pensou.

E lixava-o completamente que aquele troglodita tivesse o atrevimento de despoletar esse medo outra vez.

“Tire-me daqui,” Disse.

O homem que se chamava Felix olhou à sua volta com preocupação divertida.

“Sim, vocês está numa situação interessante,” Disse ele. “E parece que alguém não terminou este trabalho. Alguém parou a meio de encher este buraco. O mais certo é meter-se em sarilhos se não o fizer. Acho que devo terminá-lo.”

Agora o rosto desaparecera. E depois o homem apareceu novamente, à beira do buraco. Tinha uma pá na mão.

O homem atirou areia que quase acertou no rosto de Silas.

Silas gritou, “Ei, que raio pensa que está a fazer?”

“O trabalho de outra pessoa, parece,” Disse o homem, enchendo novamente a pá de areia. “Não precisa de se preocupar. Vejo que está numa situação complicada neste momento por isso, não se preocupe em tentar ajudar. Eu trato de tudo.”

Silas agora estava aterrorizado – o tipo de terror que experimentara em pesadelos e que tentara durante muitos anos afogar no álcool.

Estava indefeso – verdadeiramente impotente.

A sua imobilidade despoletava ecos daquele primeiro tiroteio.

O seu corpo estava então liberto, mas ainda assim sentira-se paralisado porque não havia um lugar seguro à vista. Não havia para onde fugir das balas que levantavam areia.

Mas naquele momento, ele podia fazer uma coisa que não conseguira fazer no Iraque.

Podia gritar.

Gritou até não poder mais.

“Socorro! Alguém me ajude!”

O homem atirou mais areia para o buraco, depois olhou à sua volta.

“E estranho que alguém lhe tenha colocado uma fita na boca,” Disse ele. “Percebo que tenha prendido os pulsos e tornozelos, mas porquê dar-se ao trabalho de colocar fita na boca? Quero dizer, quem o vai ouvir? Talvez o guarda noturno?”

Com um riso, colocou mais areia no buraco.

“Oh, é verdade,” Acrescentou. “Você é o guarda noturno!”

Silas gritou tão alto que a sua garganta parecia estar a ser raspada com lixa.

“Socorro! Socorro!”

Mas desta vez foi silenciado por areia que lhe caiu no rosto, enchendo a sua boca e silenciando-o. Tossiu e tentou cuspi-la.

O homem enchia novamente a pá de areia, ainda a sorrir tão agradavelmente como sempre.

Disse, “Continue a gritar se o faz sentir melhor. Ajuda-o a passar o tempo.”

Silas conseguiu que um som lhe saísse da garganta.

Mas desta vez não era um grito.

Agora não conseguia gritar.

Em vez de gritar, soltou um som horrível, oco.

A resignação começou a instalar-se – uma resposta de aceitação que se lembrava de ter experimentado em combate quando a morte parecera certa.

Não valia a pena gritar.

Ele só queria que o assassino terminasse o trabalho rapidamente. Mas o homem parecia apreciar levar o seu tempo.

Por muito inevitável que a morte agora lhe parecesse, a Silas parecia um caminho que nunca mais terminava.

CAPÍTULO VINTE E SETE

*Riley deu por si a caminhar junto à água numa praia.
Estava descalça, tinha as calças enroladas e teria apreciado o passeio de a maresia e a areia húmida não fossem tão frios.
O céu estava nublado, mas Riley viu um brilho de luz na água.
Por do sol? Interrogou-se.
Mas não – a vista da praia mais próxima era para leste.
Nascer do sol, então.
Ainda faltava muito para o amanhecer. O pensamento alarmou-a.
Estava vagamente consciente de que algo terrível estava prestes a acontecer. Mas durante alguns instantes, não percebeu o que era.
Então lembrou-se...
Alguém vai morrer antes do amanhecer.
E competia-lhe a ela impedi-lo.
Mas ela não conseguia parar o sol.
Como podia impedir a morte?
Olhou para os seus pés enquanto caminhava, observando as ondulações que a maré baixa deixava na areia.
Tem algum significado, Pensou.
Na verdade, as ondulações pareciam próximas de assumir a forma de letras. Teve a sensação de que se conseguisse ler as ondulações, descobriria aquilo de que precisava para salvar a vida de alguém. Mas cada fluxo de água salgada apagava essas formas antes de se tornarem completamente legíveis.
Começou a andar mais depressa.
Dali a nada reparou em algo na praia.
Era uma pequena barraca improvisada rodeada por uma coleção de objetos de vários tipos... conchas, vasos, torradeiras velhas, lâmpadas fundidas...
É onde vive o Rags Tucker, Apercebeu-se.
Sentiu-se estranhamente aliviada.
Talvez Rags Tucker lhe pudesse dizer o que ela precisava de saber.
Caminhou até à barraca e entrou.
Para sua surpresa, não estava na barraca de Rags. Em vez disso, estava na cela de uma prisão.*

Sentando na borda de uma estreita cama estava um homem Afro-Americano musculado envergando um uniforme prisional.

Shane Hatcher, Percebeu Riley com um estremecimento.

Era o homem brilhante mas perigoso que tinha sido tanto seu mentor como seu inimigo.

No passado, ajudara-a a compreender as mentes de alguns dos mais cruéis assassinos que já enfrentara.

Com certeza que a poderia ajudar agora.

Mas atrever-se-ia a pedir-lhe ajuda?

Queria ela restabelecer a ligação com ele – aquele laço terrível que lhe provocara tanta culpa e vergonha?

Que escolha tenho? Perguntou-se.

Ajoelhou-se à sua frente.

“Hatcher, preciso da sua ajuda,” Disse ela. “Há um assassino à solta e ele vai matar outra pessoa daqui a pouco tempo e eu tenho que o encontrar e impedi-lo. O que me pode dizer? O que preciso de fazer?”

Hatcher não respondeu. Limitou-se a olhar para a parede à sua frente, aparentemente sem dar pela sua presença.

Então ela lembrou-se...

Fora-lhe dito que Hatcher não proferira uma única palavra desde que o tinham prendido.

Era uma espécie de voto de silêncio privado.

Ao ajoelhar-se a olhar para ele, ele tocou na parede da cela com o seu dedo. Começou a fazer movimentos com o dedo na parede – sem significado, aleatoriamente, isentos de padrões como as ondulações na areia ou nos topos das ampulhetas.

O que ele desenhava era de um vermelho claro.

Sangue, Percebeu Riley.

Os dedos e mão de Hatcher estavam cobertos de sangue.

O sangue das suas vítimas? Interrogou-se Riley.

No final de contas, Hatcher tinha assassinado brutalmente muitas pessoas.

Mas então reparou que a sua outra mão também estava ensanguentada – e estava a segurar um ferimento na sua barriga. Também sangrava do ombro.

Riley reconheceu as feridas.

Ela não tinha causada aquelas feridas – não tinha atirado contra Hatcher.

Fora Blaine quem o fizera para corajosamente defender a família de Riley.

Mas quando se encontrara com Hatcher mais tarde, ele estava a morrer graças a esses ferimentos – e queria morrer.

Mas Riley não o deixou.

Contra a sua vontade, ela salvara-lhe a vida.

E assim ela sabia o que esses ferimentos representavam para Hatcher.

Eram símbolos e recordações da traição de Riley – não da forma como traíra a sua confiança, mas como lhe negara o seu último desejo.

Enquanto o seu dedo continuava a fazer aqueles movimentos sem sentido, Riley percebeu...

É tudo o que tem para me dizer.

Escrever daquela forma era tudo o que faria dali em diante.

Não queria ter mais nada a ver com Riley.

Ela teve uma terrível sensação de dor e perda.

Mas porquê?

Porque é que ela queria a amizade daquele monstro sanguinário?

Ela não sabia – e nunca o compreenderia.

“Ajude-me, Hatcher,” Disse ela. “Não sei o que fazer.”

Mas Hatcher olhava em frente, escrevendo formas sem significado com o seu próprio sangue.

Riley abriu os olhos com o som do seu telemóvel a tocar.

De repente, estava bem acordada, apesar de o sonho ainda estar muito à superfície.

Lembrou-se do silêncio de Shane Hatcher – e antes disso, de caminhar na praia, temendo o amanhecer que se aproximava.

E agora via a luz do sol a entrar pela janela.

Suspirou.

Aquela combinação da luz do sol e o telemóvel que tocava só podia significar uma coisa.

Mais alguém tinha morrido

CAPÍTULO VINTE E OITO

Riley pegou no telemóvel e percebeu de imediato que a chamada era de Brent Meredith.

“O que é que aconteceu?” Perguntou ela quando atendeu a chamada.

“Outro crime,” Disse Meredith. “Mas não na Belle Terre Nature Preserve. Desta vez foi na cidade de Lorneville.”

Riley lembrava-se de que Lorneville não era longe de Sattler e Belle Terre. Apesar do assassino se ter afastado do seu local de ação habitual, permanecia na área. Mas as suas esperanças em impedir que ele voltasse a atacar através do encerramento de Belle Terre, haviam sido deitadas por terra.

Riley sempre temera aquilo.

Meredith acrescentou, “O corpo foi descoberto enterrado num armazém abandonado na marina.”

“E também havia uma ampulheta na cena do crime?” Perguntou Riley.

“Sim, mesmo ao lado do buraco – e está a correr neste preciso momento.”

Riley conteve um esgar de desespero.

Pensou nas duas ampulhetas que se encontravam com a equipa de Sam Flores – a que se havia esgotado e a que ainda corria quando a tinham encontrado. É claro que a segunda também já se tinha esgotado – com previsíveis consequências fatais.

Voltamos ao mesmo, Pensou. Temos menos de vinte e quatro horas para impedir outra morte de acontecer.

Meredith disse, “Já liguei ao Agente Jeffreys. Ele diz que vai entrar em contacto consigo e com a Agente Roston para irem a Lorneville.”

E assim que terminou a chamada, Riley recebeu uma mensagem de Bill...

Vou a caminho. Apanho-te daqui a 20 minutos.

Riley respondeu...

OK

Ao levantar-se sentiu-se rígida. Ficou preocupada por ter nem os reflexos, nem o pensamento estarem no seu melhor. Sabia que tinha que estar preparada. O mais certo era ela e os colegas terem que enfrentar outro dia longo e violento.

Dirigiu-se à casa de banho e lavou a cara, depois despiu a roupa com que dormira e vestiu umas calças e uma camisa lavadas.

Depois desceu as escadas onde encontrou os miúdos a prepararem-se para irem para a escola.

Gabriela estava a preparar o pequeno-almoço e Liam ajudava-a alegremente. As miúdas estavam à mesa a terminarem os trabalhos de casa. Toda a gente parecia perfeitamente feliz como se os acontecimentos da noite passada não tivessem ocorrido.

Resilientes, Pensou Riley.

Os miúdos eram definitivamente resilientes, assim como Gabriela.

Riley não se sentia tão resiliente de momento. Sentia-se cansada e desanimada. Nenhum dos seus esforços de ontem fora proveitoso. Não tinham conseguido evitar outra morte.

Gabriela perguntou, “Toma o pequeno-almoço connosco *Señora* Riley?”

“Receio que não,” Disse Riley. “Tenho que sair daqui a poucos minutos.”

Jilly olhou para Riley e sorriu.

“Vais apanhar gente má hoje?” Perguntou Jilly.

Apesar de ambas as raparigas fazerem aquela pergunta com frequência, Riley sentia-se ligeiramente contrariada. Pareciam pensar que a vida de Riley era uma aventura como um programa de polícias na televisão. Também se apercebeu de que ainda não tinha falado do seu caso atual a ninguém lá em casa. E de certeza que não estava disposta a fazê-lo naquele momento.

Com um sorriso forçado, Riley disse a Jilly, “Vou fazer os possíveis.”

“Apanha-os mãe,” Disse April.

Gabriela entregou a Riley uma bagel e uma caneca de café que levou consigo para a entrada. Ficou à espera dos seus parceiros.

Quando Bill parou em frente da sua casa momentos mais tarde, ficou surpreendida por ver que ele estava sozinho no SUV. Riley bebeu um último gole do café.

“Ainda não apanhaste a Jenn?” Perguntou Riley ao entrar no veículo.

“Tentei,” Disse Bill, começando a conduzir. “Enviei-lhe mensagens e as mensagens foram lidas mas ela não respondeu. Depois tentei ligar-lhe, mas não me atendeu. Depois disso fui ao apartamento dela, mas quando bati à porta, ninguém respondeu. Então vim para aqui. Não sei que mais fazer.”

Riley ficou preocupada. Não parecia coisa da Jenn.

Perguntou a Bill, “Achas que ela já está a caminho da cena do crime?”

“Não sei como. Não lhe disse nada de específico. Devemos informar o Meredith que ela não vem connosco?”

Riley pensou durante alguns instantes. Meredith ficaria de certeza furioso por Jenn não estar disponível.

“Bill, penso que devemos, mas...”

Não prosseguiu.

“Mas o quê?” Perguntou Bill.

Riley lembrava-se do caso em que trabalhara com Jenn recentemente no Iowa e da mensagem assustadora que recebera de Bill na altura...

“Estou aqui sentado com uma arma na minha boca.”

Riley odiava ter que falar naquilo a Bill, mas não tinha escolha.

Disse cautelosamente, “Bill, lembras-te daquela mensagem suicida que me enviaste?”

Bill notou o retraimento de Bill.

“Sim, lembro-me,” Disse ele.

“Quando vim do Iowa para te ajudar, ausentei-me do caso em que eu e a Jenn estávamos a trabalhar. A Jenn cobriu-me – mentiu por mim até. Não sei o que é que ela está a fazer agora ou porquê. Mas penso que devo também cobri-la desta vez.”

Bill anuiu sombriamente.

“Penso que ambos lhe devemos isso,” Disse ele.

Enquanto Bill continuava a conduzir, Riley ainda estava preocupada. Pegou no telemóvel e ligou a Jenn. Quando chegou ao voicemail, disse, “Jenn, é a Riley. Onde é que estás?”

Riley esperou durante um momento, esperando que Jenn atendesse a chamada.

Mas tal não aconteceu.

Riley acrescentou, “Ocorreu outro homicídio em Lorneville, a norte de Sattler. Eu e o Bill estamos a caminho do local. Precisamos que venhas ter connosco.”

Riley fez outra pausa e depois acrescentou, “Liga-me. Imediatamente. Diz-me o que é que se passa. Eu e o Bill estamos preocupados contigo.”

Riley terminou a chamada mas permaneceu preocupada todo o caminho até Lorneville. Deveria ter previsto aquilo? Afinal de contas, há muito que pressentira que a jovem agente escondia algo. E Jenn parecera estranhamente distraída no dia anterior.

Mas Riley não imaginara que Jenn negligenciasse os seus deveres. Estaria em perigo?

Com certeza que está bem, Não parava Riley de dizer a si própria.

*

Jenn estava sentada à secretária em frente ao seu computador, tentando convencer-se a não ouvir a mensagem de Riley novamente.

Mas de alguma forma, não o conseguia evitar.

Carregou no botão e começou a ouvir...

“Jenn, é a Riley. Onde é que estás?”

... Depois Jenn carregou na pausa.

Percebeu que estava à beira de chorar.

“Isso é uma boa pergunta,” sussurrou Jenn. “Onde é que estou?”

É claro que estava em casa, no seu apartamento.

Mas onde estava ela e as suas prioridades, as suas lealdades?

Onde estava ela na sua vida?

Bill tinha batido à porta. Ela sabia que era ele – vira-o através do olho mágico. Odiara não abrir a porta, assim como odiara não atender a chamada de Riley.

Ouviu o resto da mensagem de Riley...

“Ocorreu outro homicídio em Lorneville, a norte de Sattler. Eu e o Bill estamos a caminho do local. Precisamos que venhas ter connosco.”

Então, após uma pausa, Riley acrescentou...

“Liga-me. Imediatamente. Diz-me o que é que se passa. Eu e o Bill estamos preocupados contigo.”

A mensagem terminou.

Agora as lágrimas corriam-lhe no rosto.

O que pensariam de mim se soubessem? Interrogou-se Jenn.

Tudo começara no dia anterior. A mulher que há muito conhecia como “Tia Cora” tinha-a contactado para fazer uma exigência – uma exigência

que Jenn passara todo o dia anterior a tentar ignorar.

Mas naquela manhã, a Tia Cora ligara novamente. Desta vez, Jenn percebera que não podia recusar.

Tinha que fazer o que a Tia Cora insistia que fizesse.

Percebera no dia anterior que Riley e o Agente Jeffreys tinham reparado que algo a perturbava. Não o conseguira esconder completamente, apesar de passar todo o dia a tentar.

Hoje saberiam que algo de errado se passava agora que Jenn descuidava os seus deveres. Nem atendendo as suas chamadas.

Estaria à beira do fim a sua carreira no FBI?

Talvez se se metesse no carro naquele momento e fosse direta a Lorneville, juntando-se aos colegas, conseguisse dar uma desculpa para o seu atraso e fosse perdoada.

Mas não, ela não podia fazer isso.

O seu passado regressara para a assombrar e ela tinha que lidar com isso aqui e agora.

Ela esperava terminar aquela tarefa naquele mesmo dia. Mas o que é que acontece depois disso?

Sentiu a influência sombria e inexorável da Tia Cora.

Ela nunca me vai largar, Pensou Jenn.

Olhou para as mensagens no ecrã do computador e iniciou a sua tarefa.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Quando Bill parou o SUV na marina em Lorneville, Riley viu que se tratava de uma miscelânea de docas e armazéns, tudo abandonado. Ficou desanimada por ver jornalistas, tendo reconhecido a maior parte do dia anterior.

Alguns polícias locais encontravam-se junto à fita delimitadora, a fazer o seu melhor para afastar os jornalistas da cena do crime. Os agentes do FBI Whittington e Ridge também lá estavam, sem dúvida à espera que Riley e Bill chegassem.

Riley olhou para o seu relógio e viu que eram quase onze horas.

Sentiu uma pontada de desespero. O dia já estava a avançar com demasiada rapidez.

O facto de Riley não conseguir deixar de se preocupar com Jenn, acrescentava pressão.

Naturalmente, assim que Bill e Riley saíram do SUV, os jornalistas rodearam-nos, gritando perguntas.

“Digam-nos o que sabem sobre a última vítima.”

“Porque é que o seu nome ainda não foi divulgado?”

“Foi enterrado vivo como os outros?”

“É verdade que o Sandman vai cometer um crime de vinte e quatro em vinte e quatro horas?”

“Fazem ideia de quem ele possa ser?”

The Sandman, Pensou Riley.

Pelo menos os jornalistas tinham finalmente optado por uma alcunha, eliminando “Father Time”. Riley não queria saber de nenhuma das alternativas. As alcunhas eram uma forma infeliz de dar uma certa mística a assassinos em série, dando-lhes uma fascinante aura de mistério e poder. E isso nunca ajudava.

Riley e Bill não disseram nada aos jornalistas com Whittington e Ridge a ladearem-nos protetoramente e escoltando-os para lá da fita da polícia. Os outros agentes conduziram Riley e Bill até um dos armazéns onde o homicídio tinha sido cometido.

No seu interior, Riley viu que Zane Terzis, o médico-legista elegante e de cabelo negro do Tidewater District já lá se encontrava com a sua equipa. Parker Belt, o chefe da polícia de Sattler, estava ao lado de Terzis. Os

agentes do FBI que tinham estado a trabalhar no caso no dia anterior também lá estavam, incluindo Craig Huang.

Huang estava junto aos colegas, parecendo estar em cima do acontecimento. Riley sabia que era bom, e no que respeitava a Carl Walder, Huang estava a chefiar a equipa, enquanto Riley apenas seguia as suas ordens.

Quando Huang viu Riley e Bill, foi logo ter com eles.

“A Agente Roston não está com vocês?” Perguntou.

Riley trocou olhares desconfortáveis com Bill. Chegara o momento de começarem a cobrir a sua colega.

Bill disse, “A Agente Roston está a trabalhar noutra pormenor do caso.”

Outra pormenor? Pensou Riley.

O que poderia aquilo significar? Mas obviamente que Bill fora intencionalmente vago. E Huang limitou-se a anuir, demasiado ocupado para fazer mais perguntas.

Huang conduziu Bill e Riley até um homem com excesso de peso. As suas mãos estavam enfiadas nos bolsos e não parava de se mexer de forma inquieta.

Huang apresentou-o como sendo Waylon Fellers, o chefe da polícia de Lorneville. Fellers limitou-se a inclinar a cabeça. Olhava para o buraco que fora escavado no chão do edifício.

Percebendo que o chefe de Lorneville não ia ser de grande ajuda naquele momento, Riley direccionou a sua atenção para a cena como um todo. Viu que todo o chão do edifício era arenoso. A vítima tinha sido enterrada num enorme buraco cavado no centro do espaço. Um grande relógio de areia estava colocado ao lado do buraco.

Toda a cena dava-lhe uma sensação arrepiante de déjà vu. Em muitos aspetos era muito diferente dos primeiros dois locais, mas semelhante na horrível erradicação da vida e profecia de outra morte.

A equipa de Terzis estava a desenterrar o corpo com o mesmo cuidado delicado que usariam na busca de fósseis ou artefactos raros. Desenterrado da cintura para cima, o cadáver parecia ainda mais grotesco do que aquele que haviam visto na praia no dia anterior. O tronco estava torcido, as costas arqueadas em agonia, enquanto as mãos continuavam presas com fita adesiva atrás das costas do homem.

Ao contrário da vítima do dia anterior, os olhos desta estavam abertos, o olhar fixo no carrasco que o assassinara.

O chefe Fellers abanou a cabeça.

Disse a Terzis, “Agora que os últimos do FBI apareceram, não podemos tirar o pobre do Silas deste buraco? Ele merece mais do que isto.”

“Em breve,” Disse Terzis. “Seja paciente.”

Fellers parecia tudo menos paciente.

“Quem encontrou o corpo?” Perguntou Riley a Fellers.

O homem finalmente olhou diretamente para ela.

“Stuart Miles, o dono desta propriedade. O Stuart planeia renovar este espaço daqui a algum tempo. Esta manhã Stuart trouxe até cá um construtor quando reparou que o cadeado deste edifício estava partido, a porta aberta e as luzes ligadas.”

Fellers apontou para cima. Riley viu que as luzes do teto ainda estavam ligadas.

Fellers continuou, “Bem, nada daquilo era normal por isso Stuart e o construtor entraram para ver o que se passava. Encontraram um buraco preenchido com areia há pouco tempo e uma ampulheta. Ouvira falar no que se passava em Belle Terre e calculou que estaria relacionado, então ligou-me logo.”

Riley reparou que esta ampulheta era muito semelhante às outras. Apesar da estrutura ser feita de madeira mais clara, as gravações eram muito parecidas às anteriores. E é claro, a areia gotejava do globo superior para o inferior.

Fellers disse, “Os meus homens e eu começámos a escavar até encontrarmos o rosto de Silas. Liguei ao chefe Belt de imediato – e o médico-legista também.”

Fellers calou-se. Engoliu em seco e limpou o nariz.

Riley perguntou a Fellers, “Você ou os seus homens mexeram na ampulheta?”

“Não, deixámo-la como está.”

“Ótimo,” Disse Riley.

Riley colocou-se ao lado do buraco e olhou para o corpo. Viu que a vítima usava um uniforme.

“Presumo que conhecia a vítima,” Disse a Fellers.

“Sim,” Disse Fellers. “Silas Ostwinkle era meu primo.”

Riley olhou para Fellers e reparou num flash de culpa na sua expressão.

Fellers disse, “Fui eu que tive a ideia de arranjar este emprego de guarda noturno para ele. Ele tem tido problemas de álcool desde que

voltou do Golfo nos anos noventa. Pensei que fosse uma forma fácil de pagar as contas e mantê-lo longe de sarilhos. Nunca houve nenhum problema nesta marina – até agora.”

Fellers piscou os olhos, aparentemente tentando conter as lágrimas.

“Se ao menos eu soubesse,” Disse ele com voz embargada.

Ainda ao lado do buraco, Riley olhou à sua volta e viu pegadas na areia circundante. Pareciam as pegadas normais de ténis que tinham encontrado no local onde Courtney Wallace fora enterrada.

Riley olhou novamente para a vítima e estremeceu ao ver a expressão horrorizada, suplicante do rosto.

Olhou para Terzis e perguntou, “Encontraram algum ferimento nesta vítima?”

Terzis disse, “Tinha um golpe na nuca feito por um objeto duro. Talvez tenha estado inconsciente durante algum tempo.”

Riley olhou outra vez para os olhos da vítima. Uma coisa era certa – Não ficara inconsciente.

Estivera completamente consciente do que se estava a passar quando foi enterrado vivo – tal como sucedera com as outras vítimas.

Riley reparou numa nódoa negra notória na boca e maxilar.

Fita adesiva, Apercebeu-se.

O assassino tinha tapado a boca da vítima com fita adesiva.

Mas depois arrancara a fita.

Porquê? Interrogou-se Riley.

Obviamente que não estava preocupado que alguém pudesse ouvir os gritos da sua vítima.

Mas ainda assim, questionou-se – a sua tarefa não seria mais fácil se a vítima se mantivesse silenciosa?

Mais uma vez, pressentiu o carácter encantador do homem – o mesmo que tinha demonstrado às outras vítimas.

E ainda assim Riley detetou algo diferente com esta morte.

O que era?

Ficou estupefacta com o que viu nos olhos da vítima. Era algo mais do que terror.

Era cansaço, exaustão – talvez até o desejo que tudo terminasse rapidamente.

Mas o assassino não lhe concedera esse desejo.

Riley pressentiu que este enterro tinha sido mais lento que os outros – muito mais lento e muito mais cruel.

Riley murmurou a Bill, “Ele está a apreciar isto mais a cada crime que passa. E agora está a demorar-se para desfrutar de cada minuto.”

CAPÍTULO TRINTA

Riley viu Bill a estremecer de horror às suas palavras.

“Raios,” Disse Bill num sussurro. “Queres dizer que está a enterrá-los mais lentamente?”

Riley anuiu sombriamente e Bill acrescentou, “Que raio vamos fazer para o apanhar?”

Riley não sabia o que responder. Mas sabia que o assassino mais dificilmente pararia, agora que estava a ganhar o gosto por matar daquela forma.

Nessa altura, Riley ouviu Craig Huang a alguns metros de distância.

“Sim, senhor... Sim, senhor... Sim, senhor.”

Virou-se e viu que Huang falava ao telemóvel, parecendo envergonhado enquanto continuava a dizer “sim, senhor” vezes sem conta.

Riley conteve um suspiro. Não era difícil de adivinhar com quem é que Huang estava a falar.

Com um último “sim, senhor”, Huang terminou a chamada. Caminhou para junto de Riley e Bill e disse-lhes.

“Era o chefe Walder. Está ainda mais chateado do que ontem.”

Riley sentiu pena de Huang. Há muito que se habituara a ser o alvo da frustração de Walder. Mas hoje era a vez de Huang. Afinal de contas, Walder estava convencido de que quem estava à frente da investigação era Huang.

“Não me digas,” Disse Bill a Huang. “Está furioso por causa da cobertura negativa dos meios de comunicação.”

Huang anuiu. “Oh, não há dúvida que está furioso.”

Riley disse, “Não o deixe afetá-lo, Agente Huang. O Walder só se interessa por isso – se a agência tem boa ou má publicidade. Quando é má, culpa-nos. Quando é boa, assume todos os louros.”

Huang pareceu um pouco aliviado, Riley apercebeu-se que aquela era provavelmente a primeira vez que falara abertamente com ele sobre a antipatia que nutria por Walder. Interrogou-se se talvez tivesse sido indiscreta. Talvez não tivesse sido muito profissional da sua parte.

Mas ela gostava e respeitava Huang. Calculou que chegara a altura dele saber o que agentes mais velhos pensavam do chefe.

Huang disse, “Bem, no que me diz respeito, ainda está a chefiar as operações, Agente Paige.”

Por essa altura, os outros agentes do FBI – Engel, Craft, Geraty, Ridge e Whittington – estavam reunidos à volta de Huang e olhavam para Riley, obviamente à espera que ela desse ordens.

Riley estava um pouco desanimada.

Eram bons agentes – alguns dos melhores que Riley conhecia. Mas depois de um dia inteiro sob a sua liderança, não tinham chegado a lado nenhum e agora outra pessoa tinha sido assassinada. Ela não se encontrava no seu melhor. Sob circunstâncias normais, entregaria a liderança a Bill, mas pressentiu que Bill ainda estava abalado graças aos ataques de SPT. Estaria em condições de assumir uma posição de autoridade?

Talvez o Walder tenha razão, Pensou Riley. Talvez o Huang deva chefiar as operações.

Mas ela podia ver que o agente mais novo ainda estava aborrecido com o puxão de orelhas que recebera de Walder. Riley percebeu que Huang ainda não desenvolvera a dureza e resiliência necessários para assumir o comando no campo, sobretudo quando as coisas não estavam a correr bem. Ele era bom e estava a melhorar cada vez mais, mas ainda era verde.

Reuniu a sua fortaleza e disse a si própria...

Está nas minhas mãos.

Pensou rapidamente e começou a dar instruções.

“Agentes Whittington e Engel, perguntem ao chefe Fellers onde podem encontrar os dois homens que descobriram o corpo esta manhã. Quero que os entrevistem, vejam se se conseguem lembrar de algo útil.”

Whittington e Engel anuíram, e foram de imediato ter com o chefe Fellers.

Riley prosseguiu, “Agente Craft, tire muitas fotos do corpo enquanto a equipa do médico-legista o desenterra. Veja que pertences tem com ele. Se for como os outros, nada terá sido roubado – ainda terá carteira, dinheiro, identificação, até telemóvel. Use o seu discernimento para informar Terzis e o seu pessoal da melhor altura para retirar o corpo.”

Craft pegou no seu telemóvel e começou logo a trabalhar.

Depois Riley disse, “Agente Ridge, trabalhe com os polícias locais para passarem a área a pente fino dentro e dora deste edifício, veja se o assassino deixou pistas. Agente Geraty, bata às portas e fale com as

peessoas. Entreviste toda a gente que vive perto da marina ou tem alguma ligação a ela.”

Geraty perguntou, “E a ampulheta? Devemos enviá-la para Quantico?”

Riley pensou durante uns instantes.

“Ainda não,” Disse ela. “Peçam ajuda para a transportarem para o SUV, garantindo a sua segurança. Tenham cuidado. Não deixem nenhum jornalista chegar a ela.”

Geraty anuiu e foi-se embora.

Riley tinha atribuído tarefas a todos os agentes exceto Bill, Huang e a ela própria.

Foi ter com o chefe Fellers e perguntou, “Silas Ostwinkle tinha amigos ou parentes com quem devamos falar – para além de si, claro?”

Fellers disse, “Já calculava que perguntasse isso. Entrei em contacto com os familiares de Silas há pouco e disse-lhes para se reunirem em casa dele. Levo-os até lá para se encontrarem com eles.”

Enquanto Bill e Riley seguiam Fellers para o exterior do edifício, Riley fez um gesto a Huang para os acompanhar. Mais jornalistas já se tinham reunido para lá da fita da polícia, alguns com câmaras de televisão.

Enquanto os jornalistas gritaram agressivamente as suas perguntas, os agentes da UAC e o chefe Fellers passaram por eles silenciosamente em direção ao carro do chefe.

Era uma curta viagem até à casa de Silas Ostwinkle – tão curta que Riley pensou que talvez pudessem ter ido a pé. Riley percebeu que nada naquela pequena cidade de pequenas casas de madeira estava muito distante. Calculou que vivessem em Lorneville não mais do que alguns milhares de pessoas.

Riley não estava familiarizada com cidades piscatórias da área, mas sabia que algumas eram comunidades muito unidas isoladas há muito do resto do mundo. Algumas ainda estavam isoladas e parecia-lhe que Lorneville era desse género.

O chefe Fellers estacionou o carro em frente à casa de Ostwinkle, uma casa muito parecida com as outras da zona, excetuando o facto de estar mais degradada do que a maioria e o relvado estar de alguma forma descuidado. Vários carros antigos estavam estacionados junto à mesma.

Quando Fellers, Riley, Bill e Craig Huang saíram do carro, várias pessoas começaram a sair da entrada, juntando-se no alpendre a olhar para os visitantes.

Estavam ali cerca de quinze pessoas. A maior parte era de meia-idade ou mais velho – Riley calculou que os jovens teriam uma forma de se afastar de Lorneville. Mas havia ainda assim alguns jovens, incluindo algumas crianças. Os homens e rapazes usavam calças de ganga e as mulheres e raparigas usavam simples vestidos de algodão.

Não havia um sorriso entre eles. Todos os rostos pareciam estar congelados da mesma forma rude.

Riley, Bill, Huang e Fellers colocaram-se em frente ao alpendre. O grupo no alpendre era estranho. Durante uns instantes, Riley não acreditava ser real. Os parentes de Silas Ostwinkle estavam agrupados de forma rígida, parecendo uma antiga família do século dezanove. Riley conseguiu detetar todo o tipo de parecenças entre eles.

Riley ficou tão espantada que demorou alguns instantes até começar a registar as apresentações do chefe Fellers...

“... e Ezra Wheeler era tio de Silas, e aqui está o seu neto Ezekiel. Luke Ostwinkle era irmão de Silas de uma mãe diferente e Delilah Griffin é sua irmã de um pai diferente. À esquerda está Gage Grady, o cunhado de Silas.”

Fellers colocou as mãos nos bolsos.

“Penso que estão todos apresentados,” Disse ele.

Depois disse à família, “Estes senhores são agentes do FBI vindos de Quantico. Estão aqui por causa do que aconteceu ao pobre Silas. Gostavam de vos fazer algumas perguntas, se não se importarem.”

Durante um momento, toda a família ficou ali tão imóvel e silenciosa como estátuas.

Depois, um homem com uma barba impressionante disse, “FBI, eh? Bem, lamento que tenham desperdiçado a viagem. Não vamos precisar dos vossos serviços.”

Riley ficou surpreendida.

Disse, Não me parece que tenha compreendido. Estamos a tentar descobrir o que aconteceu a Silas.”

Um outro homem careca disse, “Nós sabemos o que lhe aconteceu. Foi morto. Não precisamos que vos digam isso.”

Riley trocou olhares com Bill e Huang que pareciam tão perplexos como ela.

Bill disse, “Estamos a tentar encontrar o assassino. Temos que o parar antes que volte a matar.”

Uma mulher disse, “Nós tratamos disso, não se preocupem. Nós tomamos conta dos nossos por aqui. Quem quer que tenha morto o Silas, nós vamos encontrá-lo e tratamos dele da forma que considerarmos adequada.”

O chefe Fellers parecia estar a ficar impaciente.

Disse, “Ouve Luke – e tu também Delilah. Eu sei que pensam que isto é uma coisa de família e que não diz respeito a mais ninguém. Mas já sou polícia há algum tempo e estou a dizer-vos que precisamos da ajuda destas pessoas. Eles têm conhecimentos e habilidades que nós não temos. Não podem tratar disto sozinhos.”

A multidão de parentes continuava imóvel e silenciosa.

O chefe Fellers disse, “Raios malta, isto é sério...”

Enquanto Fellers repreendia os parentes, Craig Huang conduziu silenciosamente Bill e Riley a uma curta distância.

“Isto é uma perda de tempo,” Disse Huang, abanando a cabeça. “Isto é um grupo de potenciais vingadores – e a única coisa boa que têm é que nem sabem o que fazer para se meterem em sarilhos. Mesmo que quisessem falar connosco, não têm nada para nos dizer. Silas Ostwinkle provavelmente não conhecia o seu assassino, não tinha qualquer ligação a ele. Nem tem nenhuma destas pessoas.”

Riley não podia discordar. E no entanto...

“Faz parte do procedimento Agente Huang,” Disse ela.

Bill acrescentou, “Não podemos deixar de averiguar. Nem que exista uma possibilidade mínima de alguém aqui saber alguma coisa, temos que saber.”

“Eu sei,” Disse Huang. “Mas o tempo escasseia e vocês podem fazer melhor uso do tempo. Eu fico aqui e lido com esta gente. Se houver alguma informação relevante, entro em contacto convosco.”

Aquilo tinha lógica para Riley e ficou grata pela sugestão. Olhou para Bill e viu que ele pensava da mesma forma. Agradeceram a Huang e caminharam alguns quarteirões de regresso à cena do crime.

Riley estava contente por ver que o SUV estava agora dentro da zona delimitada pela polícia proibida a jornalistas. Sem dúvida que os agentes o tinham feito quando colocaram a ampolheta no interior do veículo.

A fugirem dos jornalistas, Riley e Bill passaram pela fita amarela e entraram no SUV. Limitaram-se a ali ficar sentados durante uns instantes, tentando decidir como se orientar.

Riley pegou no seu tablet e viu um mapa da área, marcando cada um dos locais dos homicídios.

“Isto não é bom,” Disse Bill, apontando para os pontos no mapa. “Os dois primeiros homicídios estavam próximos, em Belle Terre. A princípio o assassino pareceu escolher essa área em particular, uma reserva natural na Baía de Chesapeake. Parecia ser parte do seu MO, tornando-o algo previsível.”

Bill apontou para o local atual e acrescentou, “Mas Lorneville fica a mais de trinta quilômetros a norte de Belle Terre. Não há propriedade pública aqui. Consegues interpretar isto? Existe alguma ligação entre os locais agora?”

Riley não teve que pensar muito para responder àquela pergunta.

“Está tudo relacionado com areia,” Disse ela. “Areia na praia, solo arenoso nas áreas arborizadas adjacentes. O solo dentro do edifício é arenoso.”

“Bem, calculo que isso estreite as opções,” Disse Bill. “A areia torna mais fácil escavar. Pelo menos não é expetável que ataque no interior onde precisaria de uma retroescavadora para cavar um buraco. Mas toda esta zona é arenosa. Até os riachos e rios têm margens arenosas. E não sabemos que novo local ele tem em mente. É uma área demasiado grande.”

Riley ficou a olhar para o mapa. Não conseguia imaginar onde ele atacaria de seguida. Não havia pista que o pudesse indicar.

Então o seu telefone tocou. O coração sobressaltou-se quando viu quem ligava.

Era a Jenn!

Mas onde estivera ela?

E o que estivera a fazer?

CAPÍTULO TRINTA E UM

Quando Riley atendeu a chamada, ouviu Jenn falar num tom de voz instável.

“Riley – onde estás?”

Riley foi apanhada de surpresa pela pergunta.

“O que é que queres dizer? Jenn, onde estás tu?”

Jenn emitiu um som estranho.

Será que ela está a chorar? Interrogou-se Riley.

“Estou em Lorneville,” Disse Jenn. “Na tua mensagem dizias que o outro crime tinha acontecido aqui por isso vim até cá. Estou...”

Jenn soltou um soluço audível.

Disse, “Podes dizer-me onde dica a cena do crime? Vou já para aí. Peço desculpa por não estar já aí.”

Durante um instante, Riley não soube o que dizer. Era óbvio que Jenn não estava bem.

É claro que Jenn era importante para o caso – mas não se estivesse demasiado abalada emocionalmente para funcionar de forma profissional.

Riley disse, “Onde é que estás exatamente?”

Jenn sufocou outro soluço e depois disse, “Estou no meu carro no parque de estacionamento de um restaurante chamado Smokehouse.”

Riley lembrava-se do lugar.

“Fica aí,” Disse Riley. “Vou já ter contigo.”

Quando Riley terminou a chamada, viu que Bill a olhava surpreendido.

Perguntou, “Era a Jenn?”

“Sim,” Disse Riley. “E passas-se alguma coisa com ela. Vamos.”

Riley começou a conduzir até ao restaurante Smokehouse. Quando chegaram, lá estava Jenn no parque de estacionamento.

Riley disse a Bill, “Preciso de falar com ela a sós. Podias...”

Bill anuiu. “Eu compreendo.”

Ele saiu do SUV e entrou no restaurante.

Riley caminhou na direção do carro de Jenn e entrou do lado do pendura.

Jenn limpava os olhos e o nariz. Parecia estar a tentar recompor-se.

“Peço desculpa, Riley,” Disse ela. “Estou pronta para voltar ao trabalho.”

“Não, não estás Jenn. O que é que se passa? Porque é que ignoraste as minhas chamadas e mensagens?”

“Eu não as ignorei, eu apenas...”

Jenn não conseguiu concluir o pensamento.

Depois disse, “Tive que tratar de uma coisa e já está resolvido. A sério, estou pronta para trabalhar.”

Riley não falou durante alguns instantes. Ficou a estudar a expressão de Jenn. Ela sabia que algo tinha acontecido à sua nova parceira – algo sério.”

Por fim, Riley disse, “Nenhuma de nós sai daqui sem falares comigo.”

Jenn ainda parecia estar a ter alguma dificuldade em acalmar-se.

“Riley, há algumas coisas que não sabes a meu respeito,” Disse ela.

Riley esperou ansiosa para que Jenn prosseguisse.

Jenn disse, “Quando eu era adolescente, passei vários anos numa casa de acolhimento. Está nos meus registos. O que os registos não mostram é que não era uma casa de acolhimento qualquer...”

Jenn abanou a cabeça.

“Oh Riley. Não te devia dizer. Não te quero envolver nisto.”

Riley deu uma palmadinha na mão de Jenn.

Disse, “Ouve, tu sabes coisas a meu respeito que mais ninguém sabe. Sobre a minha relação com Shane Hatcher, sobretudo. Aprendi a confiar-te alguns segredos bastante obscuros – coisas que nem o Bill sabe. Agora tens que confiar em mim. Digas-me o que me disseres, não o direi a ninguém.”

Jenn anuiu e engoliu em seco.

“O nome da mulher que geria a casa de acolhimento era Cora Boone – Tia Cora, como lhe chamávamos. O que se passava é que... ela escolhia os miúdos cuidadosamente. Ela apenas escolhia aqueles... que ela pensava terem potencial para...”

A voz de Jenn desvaneceu-se mais uma vez.

Potencial para quê? Interrogou-se Riley.

Riley tentou perceber o que é que Jenn estava a tentar dizer. Depois ocorreu-lhe aquilo a que Jenn fora sujeita.

Riley falou calmamente, “Queres dizer potencial para se tornarem criminosos profissionais?”

Jenn assentiu.

Disse, “A Tia Cora gere uma rede criminosa. A maior parte dos seus cúmplices são miúdos que escolheu e ensinou. Agora são crescidos e

sabem fazer... todo o tipo de coisas. Não conheço todas as atividades criminosas em que ela está envolvida.”

Riley tentou abarcar as implicações do que Jenn estava a dizer.

“Jenn,” Disse ela, “fazes parte da rede dela neste momento?”

Jenn não proferiu uma palavra durante alguns instantes.

“Não faço nada de criminoso para ela,” Disse ela. “Mas... oh Riley, as coisas são tão complicadas.”

“Conta-me,” Disse Riley.

“Sabes que trabalhei num caso em LA antes de vir para a UAC.”

Riley anuiu. A boa reputação de Jenn era conhecida. O seu sucesso em LA dera-lhe visibilidade como jovem agente promissora.

Jenn prosseguiu, “A Tia Cora – ajudou-me nesse caso. Ela deu-me dicas. Sobre tudo informação.”

Riley ficou chocada. Jenn estava realmente envolvida em algo sombrio e perigoso.

Mas disse a si própria...

É de alguma forma diferente da relação com Shane Hatcher?

Afinal de contas, ela contara com a ajuda de Hatcher mesmo quando ele estava fugido e ela não devia estar em contacto com ele. Jenn era a única pessoa que tinha uma ideia da relação proibida de Riley com ele.

Não, Riley não via nenhuma diferença entre ela e Jenn.

Não tinha o direito de a julgar.

Então Jenn disse, “Depois disso pensei que estava livre dela. As ontem entrou e contcato e...”

Então era isso que estava a incomodar Jenn ontem, Pensou Riley.

Jenn continuou, “E esta anã – bem, não pude dizer não. Tive que fazer o que ela me pediu. Fi-lo.”

Riley estava prestes a perguntar...

“O que fizeste foi ilegal?”

Mas parecia uma pergunta estúpida.

É claro que fora ilegal. Por isso Jenn estava tão abalada.

Riley perguntou, “E já terinaste com ela agora?”

Jenn abanou a cabeça.

“Não me parece. E não sei o que quererá de mi da próxima vez.”

Riley juntava as pontas da história na sua cabeça. Até era capaz de ver as coisas sob o ponto de vista daquela “Tia Cora”. Era óbvio que a Tia Cora estava mais que satisfeita por um dos seus protegidos se ter juntado

ao FBI. Jenn poderia ser muito útil dentro da comunidade de forças de segurança.

Um verdadeiro recurso, Pensou Riley.

Riley sentiu pena de Jenn.

Nem lhe passava pela cabeça o tipo de controlo que aquela mulher ainda exercia sobre Jenn.

Mas sabia que tinha para com Jenn uma dívida de lealdade.

Deu outra palmadinha na mão de Jenn.

“Jenn, vamos lidar com isto. Não sei como, mas vamos. E tu tens que ser justa contigo própria. Não trabalhamos juntas há muito tempo, mas vi o suficiente do teu trabalho para saber que és uma agente brilhante – com ou sem a ajuda da Tia Cora. E neste momento temos um caso para resolver. Vai morrer outra pessoa se não o resolvermos. Eu e o Bill podemos contar contigo para voltares ao trabalho?”

Jenn endireitou-se e limpou as lágrimas que ainda tinha no rosto.

“Podem contar comigo,” Disse ela.

Riley assustou-se com o som de uma batida contra a sua janela. Virou-se e viu que era Bill. Desceu o vidro.

Bill disse, “Tenho Craig Huang ao telefone. Acho que devemos falar com ele.”

Bill colocou a chamada em alta voz para que Riley e Jenn se juntassem à conversa.

Huang parecia nervoso e frustrado.

“Não vou a lado nenhum. Fazer perguntas àquela gente em casa de Silas Ostwinkle foi como arrancar dentes e não descobri nada. Mas obtive nomes de mais amigos e parentes de Ostwinkle. Parece ter ligações com toda a gente em Lorneville. Tenho que entrevistar também todas essas pessoas, quer saibam alguma coisa, quer não. Parece coisa para durar o dia todo.”

Riley compreendia a frustração de Huang. Aquele não era o momento de ficar bloqueado em entrevistas sem importância. Mas não havia forma de as evitar.

Mesmo assim, Riley pressentiu que era uma oportunidade de introduzir Jenn de volta ao trabalho.

Perguntou a Huang, “Quer alguém que o ajude com essas entrevistas?”

“Claro, mas quem é que está disponível?” Perguntou Huang.

“A Agente Roston está disponível neste momento,” Disse Riley. “E tem o seu próprio carro.”

Jenn sorriu e assentiu, obviamente contente por lhe ser atribuída uma tarefa.

Huang parecia enormemente aliviado, “Ótimo! Ela pode começar com um tipo chamado Emmett Sawyer, um antigo companheiro de armas de Silas.”

Huang deu-lhes a morada do homem. Agradecendo, Jenn partiu ao seu encontro.

Riley e Bill voltaram para o SUV. Bill comprara café e sanduíches no restaurante, por isso comeram e beberam enquanto discutiam o caso.

Bill perguntou, “O que é que sabemos sobre o nosso assassino?”

Riley conteve um suspiro.

“Não muito,” Disse ela. “Está obcecado com areia. E vingança.”

“Mas o que é que as vítimas fizeram para o magoar?”

“Provavelmente nada.”

“Então porque é que pensamos que estas mortes são atos de vingança?”

Riley pensou durante alguns instantes, lembrando-se da sua conversa com Mike Nevins. Mike julgava que o assassino nem fazia ideia de quem lhe tinha feito mal.”

“Talvez os verdadeiros sujeitos da sua vingança – as pessoas que de alguma forma lhe fizeram mal – se encontrem ausentes da sua vida.”

Riley falou lentamente, tentando compreender os seus próprios pensamentos.

“Isto baseia-se em parte no contrato de Mike, Bill, e na minha própria perspetiva a seu respeito.”

Bill não disse nada e Riley prosseguiu.

“Aconteceu-lhe alguma coisa há muito tempo – alguma coisa cruel e horrível. Ele não tem memória desse acontecimento. Está tudo reprimido. Mas ultimamente, a sua fúria voltou à superfície. Ele não sabe porquê. Mas leva-o a matar.”

“Mas quem é ele?” Perguntou Bill. “Onde está ele?”

Riley soltou um esgar de desânimo. Ela tinha aquelas perspetivas da mente do assassino – verdadeiras perspetivas, tinha a certeza.

Mas de que lhe serviam a ela ou a quem quer que seja?

Não a aproximavam dele, nem a colocavam mais perto de o impedir que atacasse novamente.

Riley estava demasiado inquieta para estar parada. Pousou a sanduíche e o café e saiu do carro.

“Onde é que vais?” Perguntou Bill.

Ela não respondeu. Na verdade, não sabia.

Num impulso, dirigiu-se à mala do SUV e abriu-a. Lá dentro, a ampulheta estava em segurança. A areia gotejava incessantemente do globo superior para o inferior.

Ficou a olhar fascinada para a ampulheta.

Ele manipulou esta ampulheta, Pensou. Talvez até a tenha feito.

Talvez se olhasse para ela com suficiente atenção apanhasse qualquer coisa...

Dele.

Era um pensamento estranho e não fazia qualquer sentido para Riley.

Ainda assim, fitava as formas reluzentes do vidro. Estudou as ondas de espessura variada, escrutinou como é que essas ondas influenciavam os objetos à sua volta olhando através delas.

E então apanhou um flash de luz.

Olhou com mais atenção e viu que o flash fora causado por uma falha no vidro – uma pequena imperfeição.

A falha parecia insignificante e no entanto...

E ela já vira aquele flash de luz de um globo de vidro anteriormente.

Depois lembrou-se onde é que o vira.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ao olhar para a falha no vidro da ampulheta, Riley lembrou-se.

Vira um flash de luz minúsculo como aquele nos globos de vidro alinhados numa prateleira. É claro que não lhe dera qualquer importância na altura. Mas aqueles globos de vidro estavam na oficina de um homem que fabricava epulhetas. Otis Redlich.

Bill disse-lhe, “Ei Riley – o que é que estás a fazer aí atrás?”

Riley conseguia ver Bill através do vidro, o seu rosco comicamente distorcido.

“Dá-me só um minuto,” Disse ela.

Aproximou o rosto do vidro. Agora conseguia ver a falha.

Era uma bolha minúscula, tão pequena que não provocava qualquer saliência no vidro. Mas quando a luz do sol lhe batia de um certo ângulo, brilhava.

Riley pensou durante alguns instantes.

Não se lembrava de ver flashes semelhantes entre as muitas ampulhetas da loja de Ellery Kuhl, The Sands of Time.

Há alguma diferença? Interrogou-se.

Percebeu que a luz tinha que incidir de uma determinada forma. Podia ser casual o facto de ela ter reparado nas bolhas naquele vidro e na oficina de Redlich, mas não nas primeiras.

Deu a volta ao carro e sentou-se novamente ao lado de Bill. Pegou no telemóvel e ligou a Sam Flores na UAC em Quantico.

“O que é que se passa?” Perguntou Bill.

“Ainda não tenho a certeza,” Disse Riley.

Quando Flores atendeu, Riley colocou a chamada em alta voz para que Bill a pudesse ouvir.

Riley disse, “Flores, presumo que tu e a tua equipa verificaram cada milímetro dessas duas ampulhetas deixadas nas cenas de crime.”

Flores riu-se.

“É mais correto dizer cada milímetro quadrado.”

“E têm pesquisado as ampulhetas em geral?” Acrescentou Riley.

“Sim,” Flores disse. “O que é que queres saber?”

Bill olhava para Riley com uma expressão curiosa.

Riley perguntou, “Alguma dessas ampulhetas tinha falhas no vidro?”

“Referes-te a pequenas bolhas ou algo maior?”

O coração de Riley começou a bater descompassadamente.

“Bolhas,” Disse ela. “A que tenho aqui tem algumas bolhas.”

“Claro, as que temos aqui também têm bolhas. Não sei porque é que isso é especialmente interessante. As bolhas nesse tipo de vidro não são incomuns e não são bem falhas. Chamam-lhe uma ‘bolha incluída’ porque está situada cem por cento abaixo da superfície do vidro. Às vezes também lhe chamam ‘semente’”.

O que Flores disse chamou a atenção de Riley.

“Falaste em bolhas naquele tipo de vidro,” Disse ela. “A que tipo de vidro te referes?”

“Vidro soprado manualmente. Soprado pela boca, é claro. São vistas muitas vezes em vidro antigo e podem surgir em vidro soprado manualmente feito atualmente. As bolhas aparecem apenas ocasionalmente e de forma aleatória, como nas ampulhetas que aqui temos. Mas alguns artesãos gostam de criar conjuntos para efeito decorativo. As nossas não são desse tipo.”

Riley começou a ordenar os pensamentos.

Ela lembrava-se de ver vidreiros a trabalhar, a aquecer os tubos de vidro e a soprar vidro quente para produzir garrafas de vinho, jarros e castiçais. Isso fora há vários anos em Jamestown onde os atores retrataram colonos. Havia uma vidreira do tipo que os colonos tinham usado para criar o vidro no século XVII. Agora, alguns artesãos modernos aprendiam a sua arte e trabalhavam lá.

Então estava agora um assassino a criar globos de vidro da mesma forma, soprando tubos de vidro do tamanho e forma exatos para marcar os homicídios futuros?

Lembrou-se do que Ellery Kuhl dissera durante a sua visita.

“Encomendo os globos de vidro que uso da China.”

Riley perguntou a Sam Flores, “E as ampulhetas feitas com vidro manufaturado? Teriam o mesmo tipo de falhas?”

“Provavelmente não,” Disse Flores. “As que temos observado são feitas por artesãos. As outras são produzidas em massa, sopradas por máquinas e são mais uniformes. Não que haja qualquer diferença no vidro em si. Não há nada de exótico no material envolvido, nem nos exemplos soprados manualmente.”

Riley sabia que a informação que estava a obter era importante. Só ainda não sabia quão importante e porquê. Mas havia uma diferença. As ampuhetas que Redlich tinha não eram iguais às usadas por Kuhl.

Flres perguntou, “Precisas que faça mais alguma coisa?”

Riley pensou durante alguns instantes.

Lembrava-se do seu debate de há pouco com Bill sobre o assassino – como ele podia agir com base numa fúria há muito reprimida devido a um trauma há muito reprimido.

Sim, havia algo que Flores podia fazer.

Ela disse, “Flores, preciso que me faças uma pesquisa. O mais certo é ser difícil e receio que não possa ser muito específica.”

“A dificuldade não é entrave para mim,” Disse Flores. “O que tens em mente?”

Riley parou para pensar durante um momento.

Que idade tem o assassino? Perguntou a si própria.

O esboço tinha-o retratado como um homem jovem. Mas é claro que o esboço não era fiável devido à demência da testemunha que o descrevera. Fosse o assassino quem fosse, aquela fúria submersa vinha-se a instalar há alguns anos.

Mas não há demasiados anos, Pensou.

Se ele rondasse a meia-idade ou fosse mais velho, aquela fúria já se teria revelado há mais tempo.

O seu instinto dizia-lhe que o assassino teria à volta de trinta e cinco anos.

Ela disse a Flores, “Quero que pesquises acontecimentos de há trinta e cinco e trinta anos atrás. Concentra-te na área de Tidewater. Estou à procura de um caso de uma criança com cinco a dez anos que tenha vivido um trauma terrível. Um trauma envolvendo areia. Teria sido causado por outra pessoa – não sei se deliberadamente, se acidentalmente.”

Riley temia que Flores desanimasse perante uma pesquisa tão vaga.

Mas em vez disso ele riu-se, parecendo ansioso para iniciar o desafio.

“É para já,” Disse ele.

Riley acrescentou, “Trabalha com rapidez. Estamos a ficar sem tempo.”

Riley terminou a chamada.

Bill estivera a ouvir a chamada com extremo interesse.

“O que esperas que Flores encontre?” Perguntou ele.

“Não sei,” Disse Riley. “Talvez nada. Ou talvez tudo.”

“E esse assunto do vidro soprado manualmente? O que devemos depreender disso?”

Riley pensou durante alguns segundos.

“Não tenho a certeza,” Disse ela. “Mas parece provável que o assassino esteja a fabricar as ampulhetas. Se for esse o caso, está fazer mais do que apenas estruturas. Também está a soprar o vidro. E agora sabemos que as ampulhetas de Otis Redlich foram feitas de vidro soprado.”

“E então?” Perguntou Bill.

Riley hesitou, depois disse, “Então – precisamos de falar com Redlich outra vez.”

Bill ficou surpreendido.

Disse, “Achas que o Redlich pode ser o nosso assassino? Só porque usa vidro soprado manualmente? Não é um bocado forçado?”

Riley inquietou-se. Os seus instintos começavam a emergir – mas ela não tinha ainda a certeza do que lhe tentavam dizer.

Ela disse, “Ele pode ser o nosso assassino, mas duvido. A minha impressão do assassino é de que ele é alguém agradável e amigoso. Penso que Redlich não se enquadra. Tinha que ser um grande ator. Ainda assim, tenho um palpite de que ele nos pode dizer alguma coisa que não nos disse na anterior visita. Algo muito importante. Relativamente às ampulhetas e à sua proveniência.”

Bill abanou a cabeça.

Ele disse, “Sabes que sempre confiei nos teus palpites Riles. Mas...”

Mas o quê?”

“Não sei se gosto disto. Estamos a ficar sem tempo. Mas queres voltar a Williamsburg para voltar a entrevistar um tipo que só nos empatou.”

Riley cerrou os dentes. Era verdade que Redlich não cooperara e fora desagradável.

“Oh, podes crer que ele vai falar,” Disse ela. “Não lhe vamos dar hipótese. Agora vamos. Não temos um minuto a perder.”

Bill deu à chave e arrancaram.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Felix Harrington olhava com orgulho para um buraco que cavara no seu quintal na margem arenosa do rio.

Sou tudo menos previsível, Pensou.

Este crime ia ser muito diferente dos outros – e mais satisfatório, tinha a certeza.

Andava a preparar aquele buraco há semanas. Era enorme com suportes de madeira dos lados. Podia enterrar ali mais do que uma vítima - só ainda não sabia quantas.

A sua mais recente vítima estava inconsciente a seus pés ao lado do buraco.

Caíra na sua armadilha por mero acaso, tal como os outros. Ele tinha parado numa estação de serviço do outro lado do rio e ela dirigira-se à sua pickup a pedir boleia. Ele sabia que o seu sorriso encantador a tinha levado até ele – apesar de já no carro, ela se ter certificado de que ele via que ela tinha uma lata de gás pimenta.

Num semáforo, ele batera-lhe com o bastão. E estava inconsciente desde essa altura.

Ela era uma jovem leve e carrega-la até ao buraco fora fácil. Mas ele estava um pouco preocupado por ela ainda não ter recuperado a consciência. Será que o golpe fora demasiado forte? Ela só tinha que acordar para ele concretizar o seu plano. Não resultaria de outra forma.

Ficou aliviado quando ouviu uma lamúria.

“Onde é que estou?”

Ela levantou a cabeça e olhou à sua volta.

Quando ela virou a cabeça e o viu, ele deu-lhe um pontapé que a fez cair no buraco. Ela gritou.

Felix sorriu.

O entusiasmo estava prestes a começar.

O buraco parecia ter apenas um metro de profundidade.

Mas quando a jovem se tentou levantar, não conseguiu.

A areia de aspeto sólido começou a ceder debaixo dos seus pés – primeiro como uma esponja. Mas depois engoliu os seus ténis, os seus tornozelos, as suas canelas...

“Ei!” Gritou a jovem a Felix.

O seu sorriso expandiu-se. A areia movediça estava a funcionar na perfeição.

Trabalha com afinco, misturando a quantidade certa de areia e barro e água para que parecesse sólido mas prendesse quem ali caísse. Até ao momento, apenas enterrara dois pequenos animais – um coelho e um gato.

A areia movediça parecia muito bela aos olhos de Feliz. Deixada em paz, espessava e parecia sólida. Mas assim que mexida, tornava-se numa coisa viva que se agarrava ao que ali tivesse caído.

Tal como fizera com as outras vítimas, dirigiu-se à rapariga de uma forma amigável.

“Ei, parece que está em apuros.”

Naquele momento, ela parecia mais zangada do que receosa.

Isso não o incomodou. Ele sabia que o medo se instalaria em breve.

“O que é isto, alguma brincadeira?” Gritou ela.

Ele abanou a cabeça e ajoelhou-se junto ao buraco.

“Uau, isso parece pegajoso. Vai ter que se esforçar muito para sair daí.”

É claro que ele sabia que lutar era a última coisa que a rapariga devia fazer. Quanto mais freneticamente se mexesse, mais profundamente se afundaria. Mas apesar da areia movediça ser muito profunda, ele sabia que ela não desapareceria debaixo dela.

Afinal de contas, isso estragaria tudo!

Ele sabia que a areia movediça não funcionava como nos filmes, engolindo as pessoas por inteiro. Na verdade, qualquer pessoa que soubesse o que estava a fazer, podia escapar. Ele tentara. Requeria o meneio certo para criar espaço entre as pernas para deixar água fluir.

Mas a rapariga não sabia isso – e ele não lhe ia dizer.

Ela iria afundar-se porque os corpos humanos têm menos densidade do que as areias movediças.

Mas seria suficiente.

Ela estaria ali toda a noite, indefesa, imóvel e assustada, até ele chegar para a enterrar completamente com areia normal.

Entretanto, podia divertir-se com o seu terror para grande satisfação sua.

Agora estava com areia até à cintura – provavelmente o máximo de profundidade que atingiria. Ela tentou libertar-se e chegar ao bolso da camisa mas sem sucesso.

Ele segurava o seu telemóvel na mão.

“À procura disto?” Perguntou ele.

Os olhos da jovem dilataram-se.

É claro que ele o retirara do bolso quando ela ainda estava inconsciente. Também o desligara para que ninguém a conseguisse localizar ou ligar.

“Dê-me isso!” Gritou ela.

Ainda a sorrir, colocou-o no seu próprio bolso.

A mulher pareceu ser arrebatada pelo completo horror da situação em que se encontrava. Começou a gritar, pedindo misericórdia.

A sua voz estridente era música para os seus ouvidos, um deleite para a sua alma.

Na verdade, Acalmava-o – aliviava-o do terror estranho e sem nome que ele sempre carregara dentro de si.

Porquê? Interrogou-se.

Ele não sabia, mas tinha orgulho dos muitos anos de pura criatividade – até arte – que aguentara a lidar com aquele terror.

Fechou os olhos e deixou que os gritos o transportassem para o passado.

Ele não se lembrava como começara – toda a dor e o terror.

Na verdade, não se lembrava da sua vida antes dos oito anos.

Mas lembrava-se de como começara como um medo mortal da areia e também de pessoas.

Ele conquistara o seu medo de areia aprendendo a controlá-lo. E descobrira que a melhor forma de o controlar, era canalizando-o para um objetivo útil – contar o tempo. Então aprendera a fabricar ampulhetas.

Quanto ao seu medo de pessoas – bem, relacionava-se o mínimo possível com elas. Mas agora a pequena casa isolada e solitária que herdara dos pais estava em perigo de ser invadida pelo desenvolvimento e construção. Casas novas surgiam a pouca distância, por isso ele sabia que os seus dias de eremita estavam contados.

Mas ele aprendera a conquistar o seu medo de pessoas fazendo-as ter medo. Impunha o medo não apenas às suas vítimas, mas a milhares de outras pessoas que não faziam ideia onde ou como ele iria atacar outra vez.

Sim, ele era um verdadeiro artista e a sua casa estava repleta de belas peças da sua arte.

Ainda assim, como todas as pessoas criativas, ele desejava atingir uma perfeição impossível de alcançar.

Por exemplo, ele tinha pena que as marés ali naquele rio salobro não fossem suficientemente extremas para afogar a rapariga. Em alguns lugares junto ao mar, uma pessoa presa em areias movediças podia afogar-se na maré alta.

É claro que era um desejo pateta.

Afinal de contas, ele não podia controlar as marés – não podia sincronizá-las para afogar as suas vítimas no momento exato.

Colocava em prática a sua arte da melhor forma possível.

E sim, ele era imprevisível.

Ele planeava que os outros corpos fossem encontrados com ampulhetas junto deles.

Mas ninguém encontraria o corpo da rapariga – ou quaisquer outros corpos que acabasse por enterrar ali.

Ainda assim, o mundo saberia que ela tinha morrido.

Assim que terminasse de a enterrar, colocaria outra ampulheta a funcionar. Levá-la-ia para alguma pequena cidade de manhã cedo quando poucas pessoas circulavam e deixá-la-ia nalgum lugar proeminente – talvez mesmo à frente do tribunal.

E deixaria o telemóvel da rapariga com a ampulheta.

Todos ficariam a saber que ela estava morta e que mais alguém morreria quando a nova ampulheta esgotasse o tempo.

Entretanto, os gritos da rapariga tinham-se transformado numa lamúria. Ele abriu os olhos e viu que ela parecia cansada. Talvez a sua voz se tivesse cansado de gritar.

Ele esperava que ela recuperasse e começasse a gritar novamente em breve.

Seria uma pena se parasse.

Tinha uma voz tão agradável.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Quando Bill estacionou o SUV em frente à casa de tijolo de dois andares de Otis Redlich em Williamsburg, Riley lembrou-se dos jogos maldosos do homem quando ali tinham estado no dia anterior.

Redlich não sabia nada dos homicídios a não ser o que soubera pela imprensa, mas tivera prazer em fazê-los perder tempo. Até os brindara com a possibilidade de ele ser o assassino.

Ele era, como Bill dissera, alguém que só os empatara. E jogava os seus jogos sem razão aparente, só porque estava de mal com a vida.

Riley estava determinada a não o deixar brincar com ela e Bill novamente.

E tinha um truque na manga. Sabia como o contrariar.

Mas ao mesmo tempo, estava apreensiva em visitá-lo novamente. Redlich irritava-a com a sua eloquência amarga e irônica. Ela lembrava-se de como as suas palavras a tinham afetado...

“O tempo ganha sempre a batalha.”

Disse firmemente a si própria...

Não o deixes levar a melhor.

Riley e Bill encaminharam-se para a casa e bateram à porta. Redlich abriu a porta e cumprimentou-os com o seu sorriso reptiliano.

“Bem, que surpresa,” Disse ele. “Não esperava que voltassem. Pensei que não nos tivéssemos dado bem e que não tivessem gostado de mim. É claro que já sabem que apenas faço negócios mediante marcação. Mas no vosso caso, abro uma exceção. Entrem.”

Acompanhou-os até à sala repleta de mobília com qualidade de museu.

“Sentem-se e estejam à vontade,” Disse Redlich, demonstrando mais hospitalidade do que no dia anterior.

Riley e Bill ignoraram a sua oferta e ficaram de pé.

Riley dirigiu-se de imediato à cornija da lareira onde se encontrava a pequena ampulheta. Observou-a atentamente e rapidamente localizou uma pequena bolha no vidro.

Ela e Bill tinham feito bem em regressar.

Ela disse, “Tem orgulho das suas ampulhetas, não tem Sr. Redlich?”

“Tenho.”

“E fá-las do zero?”

Redlich disse, “Não percebo muito bem a sua pergunta,”.

“Bem, o senhor é um excelente carpinteiro. Mas e o vidro? Onde o obtém?”

Redlich sorriu novamente.

“Oh, é da mais elevada qualidade. Não é manufaturado. Garanto-vos que é soprado manualmente.”

Riley olhou para a ampulheta mais atentamente.

Disse, “Sim, parece um trabalho muito bom. Fá-lo o senhor?”

Redlich baixou a cabeça numa expressão de falsa timidez.

“Oh, não me devo gabar,” Disse ele. “A modéstia não mo permite.”

“Não nos vai dizer?” Perguntou Riley.

“Não, não me parece que vá.”

A treta começou, Pensou Riley.

Mais uma vez, Redlich estava determinado a não lhes fornecer respostas diretas só por mero capricho.

Mas Riley não ia permitir que aquilo continuasse. Não desta vez.

Disse, “Se o fez, fico um pouco surpreendida. Ainda deverá estar a aprender a sua arte.”

E apontando para a pequena bolha, acrescentou, “Porque não pude deixar de reparar nesta falha aqui.”

O sorriso de Redlich desapareceu.

Ele disse, “As bolhas são muito normais em vidro soprado. Na verdade, até são desejáveis.”

“São? Não precisa de se colocar à defesa por causa disso. Foi você que o fez?”

Redlich parecia agora desolado. Riley pressentiu que retirara a piada ao seu joguinho mental.

Com um rosnado ligeiro disse, “Prefiro não dizer.”

Riley virou-se para Bill.

“Ele prefere não dizer, Agente Jeffreys. O que pensa disso?”

“A isso chamo obstrução a uma investigação criminal,” Disse Bill.

“Eu também,” Disse Riley. “Sr. Redlich, tem a noção de que a obstrução à justiça é um crime?”

Redlich voltou a exhibir aquele seu sorriso condescendente.

“Oh, eu não o diria. Receio que seja a sua palavra contra a minha.”

Ela não respondeu. Limitou-se a pegar no telemóvel onde se ouviu a gravação que Jenn tinha feito no dia anterior. A voz de Redlich era

nítida...

“Onde é que eu estava na altura em questão? Bem, podia dizer-vos que estava em casa na cama. Mas acreditariam em mim? Não o posso provar.”

Riley desligou a gravação.

O rosto de Redlich era o espelho do desânimo. Agora era óbvio que sabia que tinham a gravação total dos joguinhos do dia anterior. Tinham provas sólidas de que ele interferira na sua investigação e os fizera perder tempo valioso.

Riley disse, “Agora diga-me, Sr. Redlich – onde é que obtém o vidro para as ampulhetas?”

Redlich soltou um riso de resignação.

“Se querem mesmo saber, obtenho os meus vidros a um artesão chamado Kairos.”

“Kairos?” Perguntou Bill. “Isso é um nome Grego?”

Redlich parecia começar a divertir-se novamente.

“É o seu nome profissional. Não sei qual o seu nome verdadeiro. Mas é uma palavra Grega. E penso que considerarão o seu significado muito interessante. Talvez até seja pertinente para o caso em que estão a trabalhar.”

Riley teve a sensação de que Redlich já não estava a jogar jogos. Estava prestes a divulgar alguma informação útil – e exibia os seus conhecimentos.

Disse, “Na Grécia Antiga, existiam duas palavras para tempo. Uma era *chronos* – que significava o tempo cronológico. A outra palavra era *kairos* e é um pouco mais difícil de definir. Mas refere-se a um único momento – um momento oportuno, o momento ideal para concretizar algum tipo de ação.”

Riley sentiu um arrepio profundo.

Kairos, Pensou ela.

A palavra parecia muito significativa. Afinal de contas, eles procuravam um assassino que não estava apenas obcecado com o tempo, mas o momento exato em que a ampulheta se esvaziava e fosse a altura de assassinar outra vítima.

“Fale-nos mais sobre ele,” Disse Riley.

Redlich encolheu os ombros.

“Quem me dera poder. Ele é muito conhecido nesta área pelo seu trabalho, mas também é muito reclusivo. Nunca me encontrei com ele.

Encomendo-lhe o vidro com as especificações exatas e é entregue aqui. Mas acontece que tenho algumas informações que poderão considerar úteis.”

Redlich foi para uma secretária e abriu uma pequena gaveta. Tirou um cartão e entregou-o a Riley. Em grandes letras decorativas dizia simplesmente...

Kairos – artesão

Não havia número de contacto no cartão, mas havia um endereço de e-mail – e também uma morada.

Riley olhou para Redlich, sem saber o que dizer. Ela sabia que lhe devia agradecer, mas em parte a ideia não lhe agradava. No final de contas, ele era um ser humano terrivelmente desagradável e maldoso.

Por fim, cerrando os dentes, ela disse, “Obrigada pela sua ajuda Sr. Redlich. Agora vamos embora.”

Ela e Bill saíram da casa e entraram no SUV. A primeira coisa que fizeram foi localizar a morada. Ficava na estrada junto a Jamestown, a cerca de meia-hora do local onde se encontravam.

Bill perguntou, “Pensas que é o nosso homem?”

Riley ficou a olhar para o cartão.

“Chama-se Kairos – uma palavra Grega para tempo – e fabrica ampolas para ampulhetas. O que é que te parece?”

“Aposta que é quem procuramos.”

Riley reparou numa nota de certeza na voz de Bill.

Bill acrescentou, “Pode ser perigoso. Chamamos uma equipa SWAT?”

Riley pensou durante alguns instantes, depois disse, “Isso leva tempo – e tempo é exatamente o que não temos neste momento.”

Bill riu-se.

“Então parece que sobramos nós os dois,” Disse ele. “Por mim, tudo bem. Nós os dois somos equipa suficiente. Vamos apanhar este tipo.”

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Começava a escurecer quando Riley e Bill chegaram à morada do artesão que se autodenominava Kairos.

A mudança da luz arrepiou Riley.

Ela não se lembrava de rezear o cair da noite. Mas a luz em declíneo era outro alerta para a passagem do tempo – e cada alerta desse tipo deixava-a receosa do que as horas vindouras trariam.

Bill conduziu por um bairro sofisticado e depois por uma área arborizada. Parou o SUV num portão simples e ornamentado.

Riley saiu do SUV e observou o portão. Estava fechado e não havia sinal de ter campainha. Não que se quisessem fazer anunciar ao homem que ali vivia na propriedade. Queriam apanhá-lo de surpresa.

Para lá do portão, um caminho desaparecia entre as árvores. Ela não via sinais de nenhum edifício.

Olhou para Bill e encolheu os ombros.

Ele desligou o SUV, saiu e juntou-se a ela. Saltaram a vedação ao lado do portão e caminharam pelo caminho de terra.

Pouco depois, avistaram uma casa. Era surpreendentemente pequena, tendo em consideração que a propriedade parecia ser grande. O design era moderno, algo pouco habitual naquela região de nostalgia colonial. Para lá da casa, encontrava-se o Rio James, largo e a brilhar sob a luz da tarde.

Havia muitas luzes na casa. Caminharam silenciosamente junto à casa.

De repente, luzes de segurança inundaram a área. Um cão dentro da casa começou a ladrar.

“Lá se foi o elemento surpresa,” Disse Bill.

Ambos sacaram as armas e prosseguiram. Quando estavam a cerca de seis metros da casa, uma porta abriu-se e viram o pastor alemão que ladrava.

“Quem é?” Perguntou uma voz de homem sobrepondo-se ao ladrar do cão.

“FBI,” Disse Riley, segurando o distintivo. “Venha até à luz e coloque as mãos onde as possa ver.”

Houve um momento de hesitação e então a silhueta de um homem apareceu na entrada com mãos erguidas.

“Ok, OK!”

Depois disse ao cão, “Calado Bozo. Senta.”

O cão parou de ladrar imediatamente e sentou-se ao lado do homem.

Bill perguntou, “O seu nome profissional é Kairos?”

“Sim,” Disse o homem com um riso nervoso. “Mas já que me estão a apontar uma arma, digo-vos o meu nome verdadeiro. É Alfred Kriley. Venham aqui. Não se preocupem, não estou armado. Não se preocupem com o Bozo. Ele só ladra. Nunca faria mal a ninguém. Mas o ruído mantém os intrusos afastados.”

O homem parecia grande, mas ainda tinha as mãos no ar e parecia realmente estar desarmado.

Com as armas ainda em riste, Riley e Bill aproximaram-se.

O homem disse, “Porque é que não entram e não me contam o que é que se passa?”

Riley olhou para Bill. Percebeu pela expressão dele que também ele receava que aquilo fosse uma armadilha. O homem ainda era uma sombra contra a luz interior. Riley queria vê-lo melhor antes de entrar.

“Recue alguns passos.”

O homem fê-lo e a luz incidiu sobre ele com maior nitidez.

Era um homem alto, careca e imponente na casa dos quarenta anos. Tinha um rosto amigável, apesar de estar claramente assustado. É claro que Riley tinha todas as razões para crer que o assassino tivesse um aspeto amigável.

Riley estava prestes a perguntar-lhe onde estivera na altura dos crimes quando reparou em algo.

Os seus pés eram anormes, até para um homem grande. Riley lembrava-se das pegadas de ténis em duas das cenas de crime. Os pés do assassino não eram tão grandes.

Riley olhou para Bill e apontou silenciosamente para os sapatos.

Bill olhou e anuiu, compreendendo.

Riley e Bill guardaram as armas.

Riley disse ao homem, “Lamentamos o mal-entendido. Gostaríamos de entrar e fazer-lhe algumas perguntas se não se importar.”

O homem baixou os braços e encolheu os ombros.

“Claro, entrem,” Disse ele.

Quando Riley e Bill entraram, o cão levantou-se e abanou alegremente a cauda. Riley viu que estavam num estúdio bem equipado que se estendia a todo o comprimento da casa.

“Está aqui sozinho?” Perguntou Bill.

“Sim, estou,” Disse o homem. “Sempre.”

Riley olhou à sua volta para o espaço. Era um único compartimento longo onde funcionava uma oficina. Estava repleto de equipamento de soprar o vidro e também algum equipamento de carpintaria. Conseguia discernir aposentos no extremo mais afastado e foi lá verificar. Não havia sinal de estar ali alguém para além do homem e o seu cão, por isso juntou-se novamente a Bill e ao homem.

“FBI, huh?” Brincou o homem nervosamente. “Isto é por causa do espaço de trabalho que declaro na minha declaração de impostos? Porque posso medi-lo se quiserem. Não estou a enganar, a sério. Tenho uma fita métrica se não tiverem.”

Bill disse, “Tem conhecimento de três homicídios muito semelhantes que ocorreram nesta parte do estado nos últimos dias?”

Os olhos do homem dilataram-se.

“Homicídios? Isso é terrível. Estão a dizer que é um assassino em série?”

Riley assentiu.

“Meu Deus! Não, não acompanho as notícias. Fico o mais longe possível. Por isso comprei esta propriedade longe de tudo – há anos quando ainda era barato. É claro que agora vale muito mais. Não que alguma vez a vendesse.”

Com um riso agradável acrescentou, “É perfeito para um velho eremita como eu.”

Bill perguntou, “Então o seu nome verdadeiro é Alfred Kriley?”

“Sim, mas não divulguem. É bom para o negócio um artista ser misterioso. E tenho a certeza que concordam que Kairos é bastante misterioso.”

Riley disse, “Estes crimes parecem ter sido cometidos por um artesão muito dotado.”

O rosto do homem mostrou preocupação mas Riley não viu qualquer sinal de culpa.

Bill perguntou, “Então não sabe nada dos homicídios?”

“Nada.”

Riley desanimou. Ela não acreditava que este homem lhes estivesse a mentir.

Outra viagem desperdiçada, Pensou.

Então, ao olhar novamente para a oficina, uma nova sensação apoderou-se dela – uma intuição.

Não, afinal esta não seria uma viagem em vão.

Ainda não sabia porquê, mas pressentia que estava prestes a obter uma pista importante.

Disse, “Sr. Kriley, trabalha sempre sozinho?”

“Oh, sim,” Disse Kriley com uma risada. “Sou demasiado rabugento para alguém me aturar.”

Riley percebeu que Kriley era boa pessoa. Era apenas modesto e obviamente que prezava muito a sua privacidade.

“E não tem ajudantes?” Perguntou Riley.

“Não. Calculo que tornasse o meu trabalho mais fácil, mas não quero mais ninguém por aqui.”

Riley fez uma pausa. Ainda tinha uma sensação forte de que tinha algo a retirar daqui.

Então perguntou, “Alguma vez teve um ajudante?”

Kriley pensou durante alguns instantes.

“Agora que fala nisso, tive sim. Foi há anos – há uns dez ou quinze anos. Um jovem muito estranho, talvez com vinte anos na altura.”

A intuição de Riley cresceu.

“Fale-nos dele,” Pediu ela.

O homem sentou-se e pensou durante um momento.

“Bem, como disse, era um homem estranho. Muito peculiar. Soube dele pela primeira vez através de uma carta. Ele dizia que gostava do meu nome, Kairos, porque era fascinado pelo tempo e por eu fazer ampolas para ampulhetas. Dizia que queria ser meu ajudante, queria aprender o meu ofício. Bem, fiquei curioso e convidei-o a vir cá.”

Kriley encolheu os ombros.

“Devo dizer que gostei do miúdo. Era simpático e parecia muito honesto e queria mesmo aprender. Então acolhi-o. Ensinei-lhe a soprar o vidro – e carpintaria também porque também me dedico a essa arte.”

Riley estava prestes a explodir.

“Como é que ele se chamava?” Perguntou.

Kriley coçou a cabeça.

“Bem, isso é que era estranho nele, Sempre disse que se chamava Bob. E é tudo, apenas Bob.”

“Sem sobrenome?” Perguntou Bill.

“Não e tinha a sensação que Bob não era o seu nome verdadeiro. Não que fosse muito importante, eu pagava-lhe em dinheiro. E gostava dele o suficiente para não me importar.”

Kriley fez nova pausa e depois disse, “Então um dia não apareceu. Não era dele, sempre fora dependente. Nunca mais ouvi falar dele. O trabalho dele nessa altura era bom por isso calculo que tenha pensado que já aprendera o suficiente. Ainda assim, não posso dizer que não tenha ficado magoado.”

Kriley abanou a cabeça.

“Um rapaz estranho. O que terá sido feito dele?”

Este homem tinha muita sorte que o seu amigável aprendiz nunca mais tenha aparecido. Se a sua intuição estava certa, Alfred Kriley poderia ter sido uma vítima do Sandman.

Ela também queria saber o que era feito do “Bob”.

“Pode descrevê-lo?” Perguntou.

“Bem, tinha cabelo castanho, olhos verdes, uma compleição pálida, um sorriso simpático. Devia ter 1,75, musculado, bastante forte. É claro que não faço ideia de como pode ter mudado ao longo dos anos. Calculo que agora andarás pelos trinta e tal anos.”

“Ele disse onde é que vivia?” Perguntou Riley.

Kriley ergueu as sobrancelhas.

“Por acaso disse. Não uma morada exata. Mas disse que vivia em Abel’s Point, do outro lado Rio York.

Riley mal conseguia conter a excitação. Pensou rapidamente. Que outras perguntas poderia colocar a Kriley?

É tudo o que ele sabe, Apercebeu-se.

Não havia necessidade de perder mais tempo ali.

Ela disse, “Sr. Kriley, muito obrigada pela sua ajuda. E mais uma vez, lamentamos o mal-entendido.”

“Não há problema,” Disse Kriley com um riso. “Trouxe alguma aventura à minha vida aborrecida.” Depois acrescentou, “Pensam que o Bob é a pessoa que procuram?”

“Temos que verificar todas as possibilidades,” Disse-lhe Riley.

Ela e Bill saíram da casa e fizeram o caminho por onde tinham vindo.

Ao caminharem, Bill disse, “Então estás a pensar que este Bob é o nosso assassino?”

“Tu não estás?” Disse Riley.

“Não sei, Riley. Parece-me escasso. E mesmo que seja a mesma pessoa, como o vamos encontrar? A descrição de Kriley é muito básica, sobretudo depois de todos estes anos. E não temos tempo para andar por Abel’s Point a fazer perguntas às pessoas.”

Riley não disse nada. Mas ela lembrava-se da tarefa que dera a Sam Flores – pesquisar vítimas de traumas de infância envolvendo areia naquela área.

Quando entraram no carro, Riley ligou a Flores. Colocou o telemóvel em alta voz para Bill ouvir.

“Flores, como te estás a sair com a pesquisa?” Perguntou.

“Encontrei cinco incidentes até ao momento. Queria estreitar as possibilidades antes de entrar em contacto convosco.”

Riley tinha a certeza que a lista estava prestes a ser estreitada para um.

Perguntou, “Algum desses incidentes ocorreu na zona de Abel’s Point?”

“Na verdade, sim. Encontrei um relatório de polícia. Aconteceu há vinte e sete anos. Um rapaz de oito anos estava a brincar com alguns amigos mais velhos na praia. Estavam a escavar túneis de areia com perto de dois metros de profundidade e suficientemente longos para rastejarem. O miúdo rastejou até um dos túneis que colapsou em cima dele. Os outros miúdos entraram em pânico e correram a pedir ajuda.”

Riley já não conseguia controlar o entusiasmo.

“O que aconteceu depois?” Perguntou.

“O miúdo ficou lá preso durante vinte minutos. É incrível como sobreviveu. Quando o encontraram estava inconsciente. Conseguiram reanimá-lo e recuperou totalmente.”

Imagens e pensamentos vieram à cabeça de Riley, ligados às palavras que Flores acabara de proferir.

Recuperou totalmente.

Talvez fisicamente.

Mas o trauma permanecera, possivelmente reprimido desde essa altura.

Era possível que nunca ninguém lhe tivesse contado o sucedido, nem os pais. Toda a gente pensou, de forma algo ingénua, que era melhor ele não se lembrar. E ainda não se conseguia lembrar, pelo menos conscientemente. Mas o seu medo reprimido tinha vindo à tona – e a fúria também de ter sido abandonado pelos amigos.

E dirigia a sua fúria a pessoas inocentes.

“Agente Paige?” A voz de Flores lembrou-lhe que ainda estava ao telefone. Voltou ao presente.

“Como é que ele se chama?” Perguntou Riley.

“Felix Harrington. E parece que ainda vive na mesma morada em Abel’s POint.”

Flores deu-lhe a morada. Riley agradeceu-lhe e terminou a chamada.

“Então o que é que fazemos agora?” Perguntou Bill.

“O que é que te parece? Apanhemos este tipo.”

Bill abanou a cabeça.

“Riley, espera um minuto. Não tenho a certeza a respeito disto.”

Antes que pudesse responder a Bill, o seu telefone tocou. Era Jenn.

Riley atendeu, “Jenn, o que estás a fazer agora?”

“Nada. Tenho ajudado o Huang com as entrevistas. Mas não vamos a lado nenhum. Não tenho nada para fazer.”

“Onde estás agora?”

“Aqui em Lorneville.”

O entusiasmo de Riley crescia. Tinha que respirar com calma.

Disse, “Acho que localizámos o nosso assassino. Chama-se Felix Harrington. Vive no Rio York ao fundo de Hatchet Road em Abel’s Point. Eu e o Bill vamos para lá agora.”

“Contem comigo,” Disse Jenn num tom urgente.

Riley parou para pensar no tempo e na distância.

Depois disse, “Vamos encontrar-nos na Ponte do Rio York. Eu e o Bill demoramos cerca de quarenta e cinco minutos a lá chegar.”

Riley terminou a chamada e Bill deu à chave do SUV.

“Espero que tenhamos a certeza disto” Disse Bill com uma nota de dúvida na voz.

Riley cerrou os dentes com determinação.

Não tinha qualquer dúvida.

“Não te preocupes,” Disse ela. “Temos a certeza.”

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Jenn ligara a Riley do restaurante Smokehouse em Lorneville onde parara para tomar um café. Quando terminaram a chamada, usou o telemóvel para descobrir o local a que Riley se referira.

“...ao fundo de Hatchet Road em Abel’s Point.”

Ficou alarmada por ver como era próximo – a menos de meia hora de distância. Podia lá chegar antes de Riley e do Agente Jeffreys se partisse de imediato.

As últimas horas de entrevistas intermináveis com os amigos e família de Silas Ostwinkle tinham-na enlouquecido. Nenhum deles sabia o que quer que fosse de útil – mas também não esperava outra coisa.

Todos os que estavam a trabalhar no caso tinham a certeza de que o assassino escolhia as vítimas aleatoriamente. Não havia qualquer razão para esperar que qualquer dos seus conhecidos conhecesse o assassino ou algo sobre ele. Ainda assim, as entrevistas eram um procedimento obrigatório.

Jenn estava aliviada que tivessem terminado.

Mas o que iria fazer agora?

Bem, tinha as instruções de Riley...

“Vamos encontrar-nos na Ponte do Rio York.”

Chegaria muito antes de Riley e Bill. Ficaria lá estacionada à espera deles.

Mas que mais tinha a fazer?

Pagou o café, saiu do restaurante, entrou no carro e pôs-se a caminho.

Ao conduzir, pensou no dia terrível que tivera – e na vergonha e culpa que sentira ao não aparecer para trabalhar como era suposto. Tudo começara no dia anterior quando a Tia Cora entrara em contacto com ela. Desta vez a Tia Cora não pedira a Jenn para a ajudar. Exigira-o.

Fora pura chantagem emocional.

Jenn passara vários anos da sua adolescência na suposta “casa de acolhimento” de Cora, a aprender habilidades criminosas ao mesmo tempo que fazia os trabalhos de casa. Entre vários irmãos e irmãs adotivos, apegara-se a um em particular. O pequeno Linus Quade tinha o instinto para o roubo ou para a violência que a Tia Cora valorizava, mas

convertera-se num inteligente criminoso tecnológico. E continuara a trabalhar na organização de Cora.

Jenn não tinha qualquer contacto com Linus há vários anos, mas lembrava-se dele com carinho.

No dia anterior, Cora dissera-lhe que Linus tinha sido raptado por um dos rivais de Cora. Linus ia ser morto a não ser que Cora pagasse um resgate.

Seria fácil para Cora pagar o resgate. Tudo o que tinha que fazer era transferir o dinheiro através de algumas contas até chegar ao captor de Linus.

Mas Cora dissera que não o faria. Exigira que Jenn seguisse todos os passos e pagasse ela o resgate.

“Ou queres que o teu irmão morra?” Perguntou Cora. *“É contigo.”*

Jenn sabia o que Cora queria. Ela queria Linus de volta, mas também estava disposta a usá-lo para atrair novamente Jenn para a sua órbita criminosa. Era o tipo de manipulação que afastara Jenn do seu lar de acolhimento.

E Cora tinha conseguido, porque Jenn não podia ter a certeza de que Cora deixasse Linus morrer.

A própria Jenn era suficientemente habilidosa para efetuar as transferências a partir do seu computador e sabia como cobrir o seu rasto. Ainda assim, tivera que andar pelas contas ilícitas da Tia Cora e fazer lavagem de dinheiro. Por isso o seu envolvimento era ilegal e a Tia Cora tinha mais uma razão para a ameaçar. Fizera aquilo de manhã.

O trabalho ilícito tinha terminado, mas ela sabia que Cora não tinha terminado com ela. Não fazia ideia do que a mulher lhe podia exigir a seguir ou como reagir.

Jenn estava contente por ter contado a verdade a Riley – e verdadeiramente aliviada por Riley ter sido tão compreensiva.

Mas era isso uma coisa boa ou má?

Agora que Riley sabia o que sabia, não estaria também envolvida naquilo?

Poderia Cora tentar obter dividendos também de Riley?

Era um pensamento horrível. Jenn sabia que tinha que garantir que isso nunca aconteceria.

Entretanto, a vergonha apoderava-se dela. Na verdade, apenas tinha piorado durante as inúmeras entrevistas sem sentido. A sua vergonha

deteriorou-se a cada momento que passava de atividade inútil.

Queria fazer algo de positivo para se redimir, ainda que parcialmente.

Estava ansiosa para parar este assassino que até ao momento os tinha iludido a todos.

Quando Jenn se aproximou da grande ponte de aço – a única travessia pública do Rio York – abrandou e parou o carro num lugar afastado da estrada. Podia estacionar ali e esperar pela chegada de Riley e do Agente Jeffreys.

Desligou o carro e ficou a olhar o amplo rio. As luzes de um barco a aproximar-se chamaram a sua atenção. Ela sabia que aquela ponte se abria a meio. Iria abrir-se para deixar passar o barco?

Caso tal sucedesse, que tipo de atraso causaria?

Jenn entrou na internet e encontrou o site do Departamento de Transporte da Virginia. De acordo com um aviso, a ponte deveria abrir dali a dez minutos. E devia ficar aberta durante meia hora ou até mais tempo.

Riley e o Agente Jeffreys chegariam ali quando a ponte ainda estivesse intransitável.

Entretanto, o assassino estaria a fazer o que lhe apetecesse – talvez a atormentar ou a torturar uma nova vítima.

Jenn sentiu um impulso de impaciência.

Conseguiria esperar mais?

Cerrou os dentes.

Tenho que ir, Pensou.

Mas deveria ligar a Riley e dizer-lhe que se ia adiantar?

Não, Riley ia dizer-lhe para esperar.

E Jenn não conseguia ficar ali sem fazer nada – nem por mais um minuto.

Ligou o carro e atravessou a ponte, parando apenas na portagem.

Do outro lado da ponte, seguiu as direções do serviço de GPS. Seguiu pela autoestrada principal, depois continuou pelo campo até a estrada a conduzir de regresso ao rio. Por fim, viraria para Hatchet Road. Passou por uma zona onde estavam a ser construídas casas novas e depois a estrada estreitou-se, continuando ao longo de uma área arborizada.

Durante um breve trecho não se viram casas. Por fim, viu luzes de uma casa mesmo no fim da estrada. Encostou e saiu do carro. Estava tudo tranquilo com exceção dos grilos e outras criaturas noturnas que chilreavam.

Com a mão perto da arma, Jenn olhou à sua volta, avaliando a situação cuidadosamente.

Tinha à sua frente uma casa antiga de dois andares com algumas luzes ligadas nbo interior e uma única lâmpada na entrada. A casa parecia degradada e a precisar de uma pintura. Uma pickup estava ali estacionada.

Jenn contornou a área iluminada em direção à lateral da casa. Podia ver o rio a fluir à frente de um pequeno quintal. Ficou ali a tentar decidir o que fazer a seguir, tentando evitar entrar pela casa adentro sozinha.

Por muito ansiosa que estivesse para agir de forma positiva, não era louca ou estúpida.

Chegara o momento de entrar em contacto com Riley e dizer-lhe que tinha chegado ao local. Depois disso, não tinha alternativa que não esperar.

Mas assim que Jenn pegou no telemóvel, ouviu um ruído.

Parecia o grito de uma mulher – mas apenas durante um instante. O silêncio voltou, apenas interrompido pelos chilreios noturnos.

Jenn tentou avaliar de onde é que o som tinha vindo.

Teria vindo de dentro da casa?

Ou ela só o tinha imaginado?

Ficou imóvel e pôs-se à escuta.

Então ouviu-o outra vez – o som de um choro desesperado.

E não, não vinha de dentro da casa, mas do quintal junto ao rio.

O choro continuou – mas era emitido numa voz áspera e não muito alta. Jenn calculou que a voz da vítima estivesse exausta de tanto gritar. Este lugar ficava suficientemente distante para que os gritos fossem ouvidos apenas pelo assassino.

Jenn sacou a arma e rondou a casa. Então viu um holofote a curta distância. Estava colocado num poste e virado para baixo.

O seu coração sobressaltou-se. Ela sabia que a luz devia estar apontada à vítima apanhada na armadilha. Conteve-se para não começar a correr.

Entrar na zona iluminada pero da luz, revelaria a sua presença, mas não viu sinal de que o assassino ali estivesse. A mulher começou a chorar novamente e Jenn aproximou-se da luz.

Ela chegou à borda do grande buraco.

Ao lado do buraco estava um carrinho de mão e uma grande pilha de areia.

E dentro do buraco, enterrada até à cintura, estava uma mulher jovem.

Já começou a enterrá-la! Pensou Jenn.

Mas onde estava o assassino? O brilho da luz impedia ver-se bem à volta do buraco.

Jenn gritou, “FBI. Mostre-se com as mãos onde as possa ver.”

Ninguém apareceu e ninguém respondeu.

A mulher soltou uma lamúria de desespero.

Os seus olhos estavam quase fechados e não parecia consciente da chegada de Jenn.

Jenn aproximou-se do buraco e disse-lhe, “Não se preocupe. Vai ficar bem.”

A mulher levantou a cabeça ao ouvir a voz de Jenn. Olhou à volta, aparentemente incapaz de ver Jenn devido à luz.

Murmurou, “Não. Não. Não.”

Jenn sentiu pena da pobre mulher. Parecia estar completamente incoerente devido ao medo, à exaustão e ao choque.

A mulher continuava a dizer, “Não. Não. Não.”

“Não se preocupe,” Disse Jenn. “Estou aqui para ajudar.”

O buraco parecia ter um metro de profundidade. Jenn desceu até ao chão de aspeto sólido.

De repente, o seu corpo guinou e a arma fugiu-lhe das mãos.

O que é que se passa? Interrogou-se Jenn.

Parecia que a areia debaixo dos seus pés ganhara vida e a puxava para baixo.

Areias movediças! Percebeu Jenn.

Os seus pés e tornozelos desapareceram num instante debaixo da areia.

Jenn viu para onde a arma tinha caído. Mais leve do que um corpo humano, permaneceu parcialmente suspensa à superfície. Jenn tentou alcançá-la.

Mas uma pá surgiu vinda de cima, afastando a arma do seu alcance.

Olhou para cima e viu a silhueta de um homem contra a luz.

“Tem um telemóvel,” Disse o homem.

“Não, não tenho,” Mentiu Jenn.

Mas ela sabia que ele não acreditaria nela.

E não acreditou.

“Pensa que sou um idiota? Tem um telemóvel e quero-o.”

Ainda contra a luz, o homem levantou a pá acima da cabeça de Jenn. Ela sabia que um golpe da lâmina da pá significaria a morte da vítima.

Pegou no telemóvel e atirou-o na direção do homem.

Ele esmagou-o com a pá. Depois sentou-se à beira do buraco, com o rosto finalmente visível.

Um sorriso estranho, amigável preencheu-lhe o rosto.

“Bem, bem, bem,” Disse ele. “Isto acabou de ficar interessante!”

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Agora a areia estava à altura das coxas de Jenn e ela sentia estar a afundar-se.

A mulher que já se encontrava no buraco abanava a cabeça e lamuriava-se lastimosamente.

“Não devia,” Dizia ela num tom de voz arrastado. “Eu tentei avisar. Eu tente...”

Então era isso que a mulher lhe tentava dizer ao repetir “não, não, não”.

Queria que a mulher tivesse feito um maior esforço, mas era óbvio que estava debilitada pelas circunstâncias.

Jenn olhou para cima para o rosto do assassino.

Ele olhava para ela com o que parecia ser uma sincera expressão de pena.

Ele disse, “Bem, está num sarilho, não está? Coitada. Como é que se meteu nesta alhada?”

Jenn ficou desarmada pela aparente preocupação do homem.

“Posso fazer alguma coisa para ajudar?” Perguntou o homem.

É claro que Jenn sabia que ele não tinha qualquer intenção de a ajudar. Ainda assim, interrogou-se que raio lhe estaria a passar pela cabeça.

Depois lembrou-se de algo que Riley dissera ao chefe Belt no lugar onde Courtney Wallace tinha sido enterrada...

“O assassino é encantador, amigável. As pessoas confiam nele.”

Os instintos de Riley estavam certos como habitualmente. E agora Jenn sabia em primeira mão que o homem continuava a ser encantador mesmo depois de capturar as suas vítimas. Não parava de as atormentar com sorrisos, brincando com elas como um gato com um rato.

À medida que a sua compreensão da situação aumentava, uma tática começou a formar-se na cabeça de Jenn.

Com certeza que a melhor forma de o fazer baixar a guarda não era enfurecendo-se ou suplicar ou até lutar.

Se havia uma forma de o manipular, ela tinha que a descobrir.

Jenn sabia que conseguia safar-se em jogos mentais tão bem como ele. Afinal de contas, ela fora ensinada pela melhor – ou seja, fora ensinada pela pior.

Fora ensinada pela Tia Cora.

Ainda a afundar-se e com a areia quase pela cintura, Jenn deixou os ombros caírem numa postura de resignação, como se nada de realmente grave estivesse a acontecer – como se tivesse perdido um jogo de cartas ou algo do género.

“Estou lixada,” Disse ela. “Estou tão, tão lixada. Quero dizer, olhem para mim. Como é que eu deixei isto acontecer? Sou muito estúpida. Raios, foi mesmo um dia daqueles.”

O sorriso do homem desvaneceu-se um pouco.

“O que é que quer dizer?” Perguntou ele.

Jenn encolheu os ombros.

“Bem, para começar, os meus parceiros são uns palermas. Quero dizer, imagine – enviarem-me para este lugar sozinha. Já deve ter adivinhado que sou novata. Não me respeitam.”

O homem parecia agora verdadeiramente intrigado.

Está a funcionar, Pensou Jenn.

Jenn deixou a sua imaginação fluir.

Chegara o momento de ser realmente criativa, de contar uma história que mexesse com a cabeça daquele tipo.

E ela sabia de uma história que poderia funcionar.

Era uma partida que os seus irmãos e irmãs adotivos tinham pregado há anos – uma partida de que nem a Tia Cora tinha conhecimento.

Ela disse, “Aposto que os meus parceiros me enviaram aqui para caçar narcejas. É tudo uma piada para eles.”

O homem agora parecia muito sério – quase genuinamente preocupado.

Jenn disse, Nunca ouviu falar numa caça à narceja? É uma espécie de ritual de iniciação. Aconteceu-me uma vez quando era miúda e me queria juntar a um clube e tive que passar por uma iniciação. Os outros miúdos levaram-me para o bosque – para caçar narcejas, disseram. Mostraram-me um buraco no chão e deram-me um saco de serapilheira e disseram-me para ficar ali e esperar que saísse uma narceja para depois apanhá-la com o saco. Disseram que daria muita luta. Eu tinha que ser forte – e tinha que ser paciente. Disseram que podia demorar muito tempo. Depois foram-se embora – também caçar narcejas, disseram.”

A mulher que estava no buraco com Jenn lamuriava-se novamente. Jenn sabia que a mulher se devia estar a interrogar de que raio é que ela devia estar a falar.

O homem franziu o sobrolho com uma expressão curiosa.

Ele disse, “Mas não existem narcejas.”

Jenn anuiu.

“Sim, está a perceber. Que grande maldade, huh?”

Jenn sabia que chegara o momento de se mostrar angustiada.

E não era difícil fingi-lo.

Lembrou-se da traição como se fosse ontem. Também se lembrava de como se recusara a participar na iniciação de Linus quando ele foi viver com Cora.

Ainda assim, Linus teve que passar por aquilo tal como ela.

Agora chorava.

“Fiquei ao lado do buraco o dia todo. Ficou escuro e ninguém apareceu e fiquei sozinha no bosque e era de noite e estava a morrer de medo. Parecia uma eternidade até que finalmente desisti. E então tinha que sair do bosque escuro. Sozinha. Perdi-me, fiquei aterrorizada e só cheguei a casa na manhã seguinte.”

Jenn soluçou.

“E agora está a acontecer outra vez. Os meus parceiros estão algures a beber cerveja e a rirem-se às minhas custas. Bem, talvez não se riam tanto se eu nunca regressar. Ou talvez não se importem. Sim, aposto que nem se vão importar.”

Jenn agora chorava abertamente.

Através das lágrimas, viu a expressão do homem alterar-se em várias emoções, como se alguma memória sombria lhe acudisse ao pensamento.

Ela sabia que estava a agitar qualquer coisa dentro dele – só não fazia ideia do quê.

Mas se o distraísse o suficiente, talvez o conseguisse contrariar de alguma forma. Só tinha que ficar alerta, pronta para a ação.

“Aposto que sabe o que isso é,” Soluçou Jenn. “Ser traído, quero dizer. Ser deixado para trás pelas pessoas em quem confia. Também passou por isso. É horrível. É como...”

Jenn olhou à volta do buraco, depois novamente para o homem.

“É como ser enterrado vivo,” Disse ela.

De repente, os olhos do homem esbugalharam-se e por um momento o seu rosto imobilizou-se numa máscara de terror.

Oh meu Deus, Pensou Jenn. *Ele lembrou-se de alguma coisa.*

Mas o quê?

Começou a ocorrer-lhe que a sua tática estava prestes a correr-lhe mal.

Por fim, o homem atirou a cabeça para trás e libertou um longo uivo de desespero.

Gritou, “Tu... deixaste-me... a morrer!”

Então olhou para Jenn. Numa voz horrível disse, “Tu! Morre! Agora!”

Dirigiu-se ao carrinho de mão que já estava cheio de areia.

Jenn colocou os braços sobre o rosto quando a areia lhe caiu sobre a cabeça.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Enquanto Bill conduzia o SUV rumo ao destino, Riley procurava no telemóvel velhas histórias de jornal sobre o que acontecera a Felix Harrington há tantos anos. Não encontrou nada. Aparentemente, a polícia mantivera o silêncio para proteger os miúdos que tinham enterrado Felix.

Era mais uma razão para Riley acreditar que Felix nunca tinha sabido o que lhe tinha acontecido.

Se quisesse vingança, seria apenas por algum mal que sentira ter sucedido mas de que não se recordava.

Ao aproximarem-se da ponte do Rio York, Riley ouviu Bill a rabujar de desânimo.

“Oh, merda.”

Ela olhou para cima e viu o que o incomodara.

Iluminada na escuridão, a ponte estava aberta, deixando um grande navio passar. O barco já quase tinha passado, mas movia-se demasiado lentamente para o gosto de Riley.

Bill parou na fila de carros que esperavam que a ponte abrisse novamente.

“Sê paciente,” Disse a Bill. “Eu vou procurar a Jenn.”

Saiu do SUV e olhou à sua volta, tentando detetar o carro de Jenn.

Não o via em lado nenhum.

Onde está ela? Interrogou-se Riley.

Pegou no telemóvel e ligou para Jenn. Para sua preocupação, recebeu uma mensagem de fora de serviço. Então digitou uma mensagem...

Onde estás Jenn?

Mas quando a enviou, ficou marcada como não entregue.

Voltou para junto de Bill.

“A Jenn não está aqui,” Disse ela.

“O que é que queres dizer ela não está aqui?” Perguntou Bill. “Disseste-lhe para nos encontrar aqui.”

“Eu sei,” Disse Riley. “Olhei e não vi o carro dela. E também não a consigo apanhar no telemóvel.”

“Isso é uma loucura,” Disse Bill. “Já é a segunda vez hoje que não está onde deve estar. Onde está ela? O que é que está a fazer?”

Riley não sabia o que dizer. Mas tinha um mau pressentimento.

Bill disse, “Conversaste com ela em Lorneville. Sobre o quê?”

Riley conteve um grito de frustração. Odiava ter segredos com Bill.

Mas lembrou-se da promessa que fizera a Jenn...

“Contes-me o que me contares, não o direi a ninguém.”

Até agora, Jenn guardara os segredos de Riley. Chegara a sua vez de guardar os de Jenn.

Depois de esperar por uma resposta, Bill disse, “OK, calculo que seja alguma coisa que não me possas contar. Eu respeito isso. Mas Riley, passa-se alguma coisa de errado com a Jenn há dois dias. E agora não podemos contar com ela. Não quero saber o que pensas sobre isso, mas eu estou farto dela. Vou ter que relatar o seu comportamento ao Meredith. A sua reputação ficará comprometida.”

Riley não podia discutir com Bill. E também não podia desculpar o comportamento de Jenn.

Mas sentia-se confusa.

Sabia que se devia sentir zangada e desiludida.

Mas em vez disso, sentiu um medo inexplicável. Não conseguia explicar aquele medo, por isso manteve-se calada.

O barco movia-se através da abertura e os enormes braços da ponte voltaram ao lugar. A barreira levantou-se e a fila de carros parados começou a movimentar-se outra vez. Bill ligou a sirene e as luzes do SUV, e passou pelos carros e pela ponte em direção à autoestrada do outro lado.

Quando saíram da autoestrada para uma estrada mais pequena, Bill desligou as luzes e a sirene e seguiu as instruções do GPS por estradas secundárias. Por fim, chegaram ao fim da estrada e viram a casa que procuravam. Bill estacionou o SUV e apontou.

“Ei, aquele não é o carro da Jenn?” Disse Bill.

Riley ficou alarmada. Era mesmo o carro de Jenn, por isso era óbvio que tinha vinco sozinha.

Mas onde estava agora e o que estava a fazer?

Estaria em sarilhos?

Riley e Bill saíram do SUV e sacaram as armas. Ao aproximarem-se da casa, Riley esperava bater à porta e anunciar a sua presença. Mas então um som mais distante captou a sua atenção.

Tocou no ombro de Bill.

Ele olhou para ela, depois inclinou a cabeça para ouvir.

Assentiu – também conseguia ouvir.

Era uma voz de homem a pouca distância, gritando...

“Morre! Morre! Morre!”

Seguiram o som até se depararem com uma área iluminada por um holofote que incidia sobre um grande buraco. No lado mais próximo do buraco, um homem estava à sua frente, usando um carrinho de mão para despejar areia no buraco.

Continuava a gritar para o buraco...

“Morre! Morre! Morre!”

Quando Riley e Bill se aproximaram, o homem não reparou neles. Riley pensou que não os visse devido à intensidade da luz. Por fim, Riley viu o que estava no buraco.

Duas mulheres estavam parcialmente enterradas – uma delas pela cintura, a outra pelo pescoço. O buraco era grande e demoraria muito tempo a preenche-lo. Naquele momento, o homem parecia despejar areia apenas numa parte.

Concentrava a sua atenção na mulher que estava mais enterrada, despejando toda a areia nela. Ela contorcia-se e as mãos tentavam afastar a areia. Estava obviamente exausta.

Riley não conseguia ver o rosto da vítima, mas reconheceu o corte de cabelo por detrás.

“É a Jenn!” Sussurrou Riley a Bill.

Ainda não reparando nela e em Bill, o homem atirava mais areia para o carrinho de mão.

Riley mostrou-se à luz a alguma distância dele.

“FBI,” Gritou. “Coloque as mãos onde as possa ver.”

O homem imobilizou-se durante uns instantes.

Então, num movimento rápido, o homem girou e pá saiu das suas mãos, girando no ar. Atingiu Riley no estômago.

Ela debruçou-se sobre si própria e a arma caiu-lhe da mão. Sentiu uma fúria repentina por não ter calculado os seus possíveis movimentos.

Mas antes de recuperar, o homem já estava em cima dela, lutando. Ela ficou alarmada pela sua força. Ela ripostou e rebolaram.

Então Riley sentiu-se a cair e soube que estavam à beira do buraco. As suas costas atingiram a areia no fundo com o peso do homem em cima

dela.

Esperava que o golpe da queda fosse mais rígido. Mas em vez disso, a superfície era estranhamente suave.

Enquanto o homem continuava em cima dela, a areia pareceu ganhar vida, puxando todo o seu corpo para baixo.

E então Riley apercebeu-se...

Areias movediças!

Riley tentou tirar o homem de cima de si.

Em vez disso, rolaram juntos e depois rolaram outra vez.

Riley precisava desesperadamente de ajuda.

Interrogou-se...

Onde está o Bill? O que é que ele está a fazer?

*

Tudo acontecera muito rapidamente para Bill processar.

Num instante, Riley e o seu atacante já estavam a lutar e depois caíram no buraco.

E continuavam a lutar lá em baixo no meio da areia e da água.

Areias movediças, Apercebeu-se.

Riley estava em perigo de se afundar e sufocar.

A arma de Bill ainda estava nas suas mãos.

Ele apontou-a na direção das figuras no buraco, tentando obter pontaria para abater o atacante de Riley.

Mas à medida que a luta continuava, ambas as figuras ficaram cobertas de areia.

Tornou-se difícil para Bill distinguir quem era quem.

Não consigo atirar, Pensou.

Então começou a lutar para manter as memórias afastadas da sua mente...

Memórias de Lucy deitada no chão de um edifício abandonado e um jovem a correr na sua direção e ele a atirar sobre o jovem, não sabendo que apenas tentava ajudar Lucy...

Não penses nisso!

Bill voltou ao momento presente.

Ao olhar para o buraco, os dois corpos pareciam agora quase uma massa única.

Não, era impossível.
Ele não conseguia atirar.

*

Riley acabou por conseguir ficar em cima do homem que a tinha atacado. Empurrou o seu peito e levantou a cabeça para respirar. Debaixo dela, a cabeça do homem e ombros desapareciam na areia.

Então Riley percebeu...

Ele vai sufocar!

Tentou puxá-lo mas a massa espessa e pegajosa parecia mais viva e maliciosa do que antes – e demoniacamente forte. Quanto mais ela lutava para o libertar, mais os dois se afundavam. Ao tentar ajudá-lo, apenas apressou a sua morte.

Ouviu a voz de Bill próxima.

“Deixa-o. Não vale a pena tentar. Toma. Deixa-me ajudar-te.”

Riley olhou para cima e viu que Bill se agachava à beira do buraco. Estendia-lhe a mão.

Mal a conseguia alcançar. Mas Riley conseguiu agarrá-la e Bill tentou puxá-la para si.

Mas o seu próprio peso, o seu corpo, estava sob a influência poderosa da areia.

Era como se não conseguisse fazer o movimento naquela direção.

Como o poderia ajudar a tirá-la dali?

Depois lembrou-se de algo que Flores tinha dito ao telefone sobre o trauma de infância de Felix Harrington e como conseguira sobreviver enterrado vivo durante vinte minutos...

“... contorceu-se muito para ter ar disponível.”

E isso! Pensou. Ela lembrava-se de há muito tempo ter lido as instruções de como sair de areias movediças e agora tudo vinha ao de cima.

Em vez de lutar contra a areia, ela precisava de criar espaço entre a areia e o seu corpo. Espaço para a água se infiltrar e ela se libertar.

Desafiando os seus próprios instintos de luta, deixou o seu corpo amolecer. Depois contorceu-se e mexeu as pernas o mais calmamente possível.

Dali a nada, sentiu a água infiltrar-se entre as suas pernas e a areia.

Continuou a mexer o corpo da mesma forma, sentindo as areias movediças a cederem, até que fosse possível Bill retirá-la do buraco. Exausta, caiu no chão.

O chão sólido nunca lhe parecera tão querido.

Bill levantou-a.

“Vem,” Disse ele. “Temos que ajudar as outras.”

Riley e Bill foram para a outra extremidade do buraco onde as duas mulheres estavam parcialmente enterradas. A primeira vítima ainda estava com areia até à cintura, olhando num choque silencioso para a luta que acabara de decorrer.

Jenn ainda estava coberta até ao pescoço em areia normal que o assassino depejara em cima de si, mas agora conseguira libertar os braços.

Jenn disse a Bill e Riley, “Tirem-na primeiro. Eu posso esperar.”

Bill pegou na pá que o assassino tinha atirado a Riley. Estendeu o cabo na direção da mulher e Riley começou a explicar-lhe como se soltaria das areias movediças.

*

Cerca de vinte minutos mais tarde, tanto Jenn como a mulher estavam fora do buraco. Bill pegou no telemóvel e chamou reforços. Também avisou que havia um corpo para a equipa do médico-legista levar, mas que ainda se encontrava parcialmente submerso num buraco de areias movediças.

Jenn e a mulher estavam agora de pé, apesar da mulher estar trémula e estar encostada a Jenn. Todos se dirigiram à casa do assassino.

Ao caminharem, Bill disse a Riley, “Não consegui atirar.”

Riley viu que a sua expressão estava perturbada.

“Não podias Bill. O assassino e eu estávamos enrolados a lutar. Não podias atirar com certeza de o atingir.”

Bill não respondeu, limitando-se a caminhar a seu lado.

Riley sentiu tristeza. Ela compreendia porque é que Bill estava aborrecido.

Após a sua luta recente com o SPT, aquilo parecia-lhe um contratempo. Riley tinha a certeza de que Bill regressaria ao seu velho Eu. Mas agora Riley sabia que ia levar mais tempo do que ambos esperavam.

A porta daquele lado da casa estava destrancada. Bill sacou a arma outra vez, para o caso de um cúmplice ainda estar escondido lá dentro. Enquanto Jenn reconfortava a mulher perturbada, Bill e Riley entraram na casa.

Entraram no que já parecia ter sido uma ampla e confortável sala de estar com uma grande janela com vista para a praia e para o rio. Havia pouca mobília ali, com exceção de mesas repletas de ampulhetas de vários tamanhos. Numa das mesas no meio da sala estavam quatro grandes ampulhetas, esculpidas com padrões semelhantes a areia no topo.

Riley sentiu um arrepio.

Com certeza que o assassino os usaria para mostrar às autoridades em mortes futuras.

Bill e Riley atravessaram outra porta que conduzia para o que já fora uma cozinha. Os últimos vestígios do seu antigo uso eram um velho frigorífico e um velho lavatório. O resto tinha sido convertido numa oficina cheia de equipamento de carpintaria e vidreiro, incluindo uma fornalha.

“Vou ver lá em cima,” Disse Bill.

Ao subir as escadas, Riley foi à casa de banho e pegou em algumas toalhas.

Dali a nada ouviu a voz de Bill vinda de cima.

“Não está aqui ninguém.”

Riley chamou as mulheres que estavam lá fora, “É seguro. Já podem entrar.”

Jenn trouxe a mulher para dentro da casa e Riley partilhou as toalhas com elas para limparem a areia.

Bill desceu as escadas e disse, “Há um computador no seu quarto. Verifiquei-o. Parece que fazia bom dinheiro comprando e vendendo ações.”

Fazia sentido a Riley. Felix Harrington conseguira ganhar a vida naquela casa, mantendo a sua solidão.

Continuando a esfregar-se, Riley olhou para as grandes ampulhetas postadas na mesa.

Sentiu uma fúria a crescer dentro de si.

Ele não ia parar, Pensou. Ia continuar a matar.

Mas apercebeu-se que a sua fúria não era apenas direccionada ao assassino.

Era a mesma fúria com que lutava desde que começara a trabalhar naquele caso.

Era uma fúria contra o próprio tempo.

Ela e os colegas tinham ganho aquela pequena escaramuça contra o tempo.

Mas ela sabia que a sua vitória não duraria para sempre.

Ninguém jamais derrotara o tempo a longo prazo.

Mais cedo ou mais tarde, todos morreremos.

Riley ouviu o som das sirenes a aproximarem-se na distância.

E o ruído despoletou uma explosão de raiva.

Um a um, Riley pegou nas ampuhetas e atirou-as contra o chão.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Riley acordou lentamente.

O sol brilhava nas janelas do quarto.

E pelo ângulo dos raios ela soube...

Já é tarde!

Como tinham as horas passado?

Faltara ao trabalho?

Depois apercebeu-se – era sábado. Felix Harrington – o homem conhecido pelo público como Sandman – estava morto. Hoje não iria enterrar ninguém vivo. Ou noutro dia qualquer.

Lembrou-se de chegar a casa ainda não era madrugada na sexta-feira e de cair na cama. Mais tarde nessa manhã, acordara só para tirar as roupas cheias de areia e tomar um magnífico banho. Depois voltara a adormecer até ser acordada por uma chamada de Quantico.

Para seu alívio, Meredith permitira que todos os agentes da equipa se reunissem numa videoconferência para efetuarem um relatório inicial de como o caso decorrera. Riley nem precisara de sair do seu quarto.

E agora, só tinha que regressar a Quantico na segunda-feira, mas estava ansiosa por se encontrar com Walder nessa altura. Sempre gostara de o ouvir a dar os parabéns obrigatórios a custo depois dela ter resolvido um caso com sucesso.

No dia anterior, o sono de Riley só fora interrompido por uma sopa e snacks que os miúdos lhe tinham levado a mando de Gabriela. Esta manhã, tinham-na deixado dormir.

Hoje não havia nada na agenda de Riley exceto um almoço com Blaine. Tinha muito tempo para se preparar para isso.

Levantou-se lentamente, usufruindo da satisfação familiar de saber que ela e os colegas tinham cumprido o seu dever e de que o público estava a salvo, pelo menos daquele assassino.

É claro que também se sentia dorida por todo o corpo depois da luta nas areias movediças.

Estremeceu perante a memória, depois afastou-a. Estava determinada a não deixar que nada estragasse o dia agradável que tinha à sua espera.

Vestiu-se lentamente e finalmente desceu as escadas. Jilly ouvira os seus passos e foi ter ao seu encontro no fundo das escadas.

“Mãe, já acordaste! E estás com sorte! Ainda há panquecas!”

Riley ficou surpreendida por perceber que estava com muita fome. Começou a dirigir-se à cozinha, mas Jilly parou-a e deixou-a no sofá da sala.

“Fica sentada,” Disse Jilly. “Eu trago-te tudo.”

“Obrigada,” Disse Riley, sorrindo. “E café também, se faz favor.”

“Vai já a sair!”

Enquanto Riley esperava, Liam e April foram ter com ela.

Riley perguntou, “O que é que vocês os dois têm planeado para fazer hoje?”

Liam disse, “Eu e a April vamos a um clube de xadrez praticar esta tarde.”

“Estivémos a praticar a manhã toda,” Disse April.

“Dei-lhe algumas dicas,” Disse Liam. “Ela está a apanhar o jeito.”

Liam e April sentaram-se na sala com Riley e Jilly voltou com uma chávena quente de café. Pousou-a e voltou para a cozinha. Dali a instantes regressou com um prato e talheres para Riley. Gabriela seguiu-a com um prato cheio de panquecas e uma garrafa de melaço.

Liam disse, “Mmmm. Eu sei que já tomámos o pequeno-almoço, mas não me importava nada de comer mais algumas dessas.”

“Eu faço mais,” Disse Gabriela, saindo em direção à cozinha.

April disse, “Mãe, posso ir para o campo de xadrez este verão?”

“Não vejo porque não,” Disse Riley.

April mostrou-se muito satisfeita.

“Ótimo! O xadrez vai fazer-me mais esperta e eu tenho que ser o mais esperta possível! Tomei uma decisão importante, mãe.”

“O que é?”

“Vou ser agente do FBI!”

Os olhos de Riley dilataram.

“Bem, o que pensas mãe?” Perguntou April.

Riley hesitou, depois disse, “Parece que temos muito que falar.”

Assim que Riley começou a comer um pedaço de panqueca, interrogou-se se queria que a vida de April fosse como a dela? Sempre tinha desejado uma vida mais agradável e normal para a filha.

Não fiques assustada, Pensou Riley.

Afinal de contas, April podia mudar de ideias – e ainda havia muito tempo para pensar nisso. Para se candidatar à academis, precisava de um

grau acadêmico e provavelmente alguma experiência de trabalho.

Muita coisa podia acontecer entretanto.

Jill riu e disse, “Ei, eu também tenho grandes planos! Faltam apenas dezoito dias de escola antes do início das férias de verão. Se sobreviver aos meus exames, vou dormir todo o verão!”

Riley riu-se.

“Bem,” Disse ela, “é bom saber o que as minhas duas meninas vão fazer no futuro.”

*

Algum tempo mais tarde, Riley estava sentada no pátio do Blaine’s Grill. O restaurante estava com muito movimento, como era habitual aos sábados. Riley estava a apreciar o sol, o agradável alvoroço de empregados, as conversas alegres dos clientes à sua volta.

Este era um mundo muito diferente daquele que habiatava grande parte do tempo.

E muito mais agradável, Pensou.

Blaine libertou-se das suas obrigações e juntou-se a Riley na mesa. Beberam vinho e desfrutaram de um bisque de frutos do mar delicioso. Riley esperava que Gabriela compreendesse se não tivesse muito apetite para jantar nessa noite.

É claro que Blaine queria saber coisas do caso. Riley contou-lhe o essencial como habitualmente. Não falou na luta de Bill com o SPT e também não referiu o que soubera sobre Jenn.

Também não mencionou alguns dos detalhes mais sombrios do caso – por exemplo, o grotesco dos corpos enterrados em rigor mortis e a terrível expressão dos seus rostos.

Como sempre, havia sempre algo que a preocupava – a preocupação de que, mais cedo ou mais tarde, aquele homem maravilhoso se assustasse com a vida que ela levava e desaparecesse de vez.

Mas agora parecia não ter ficado assustado com o que ela lhe contara. Quando parou de falar, Blaine parecia pensativo.

“Não sei, Riley,” Disse ele. “Talvez haja algo de errado comigo. Não consigo deixar de ter alguma pena do assassino. Deve ter sido horrível, carregar aquele horror reprimido dentro dele todos aqueles anos. E a

ironia! Tudo ter começado com ele a ser enterrado vivo na areia – e a sua vida terminar da mesma forma.”

Riley considerou o pensamento interessante. E agora que colocara a fúria atrás das costas, não conseguia evitar sentir o mesmo.

Ainda assim, não havia dúvida de que Felix Harrington fora um monstro, ainda que também uma vítima. Ele escolhera começar a matar.

Nem todas as vítimas se transformam em monstros, Pensou.

Não tinha a mínima dúvida de que Harrington merecera o destino que tivera.

Enquanto comia e tentava usufruir da agradável conversa de Blaine, pensamentos sombrios começaram a invadir-lhe a mente.

Em primeiro lugar, havia Jenn.

A parceira mais nova de Riley recebera uma ligeira reprimenda por se adiantar a Bill e Riley rumo ao covil de Felix Harrington. Meredith aceitara a explicação de Jenn de que a ponte prestes a encerrar-se tinha complicado a sua decisão.

Mas Riley agora sabia que a vida de Jenn estava repleta de perigosos segredos.

Também tinha a certeza que não conhecia o poder total que aquela “Tia Cora” podia exercer sobre Jenn.

O que implicava Jenn continuar a trabalhar para a UAC?

E o que significava para Riley?

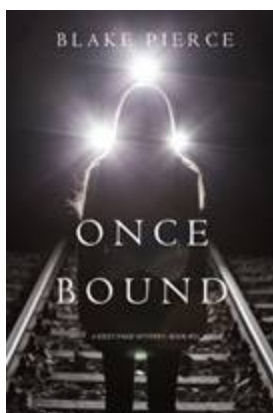
É claro que Riley sabia que não tinha o direito de julgar Jenn por aquilo – não depois do seu próprio envolvimento sombrio com Shane Hatcher.

O poder de Hatcher sobre Riley tinha sido duro e implacável – e forçara-a a examinar partes sombrias da sua própria personalidade.

E agora Riley interrogava-se – é possível estar neste trabalho durante tanto tempo sem nos tornarmos um pouco monstruosos?

E será que queria aquele tipo de vida para April?

JÁ DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!



DESPEDAÇADAS
(Um Mistério de Riley Paige—Livro 12)

“Uma obra-prima de thriller e mistério! O autor fez um trabalho magnífico no desenvolvimento das personagens com um lado psicológico tão bem trabalhado que temos a sensação de estar dentro das suas mentes, sentindo os seus medos e aplaudindo os seus sucessos. A história é muito inteligente e mantém-nos interessados durante todo o livro. Pleno de reviravoltas, este livro obriga-nos a ficar acordados até à última página.”

--Books and Movie Reviews, Roberto Mattos (re Sem Pistas)

ONCE BOUND é o livro #12 da série de mistério de Riley Paige que começou com o bestseller SEM PISTAS (Livro #1) – um livro de pode descarregar gratuitamente com mais de 1000 opiniões de cinco estrelas!

Neste thriller de cortar a respiração, mulheres estão a ser encontradas mortas em linhas de caminho-de-ferro pelo país, obrigando o FBI a entrar numa corrida contra o tempo para apanhar o assassino em série.

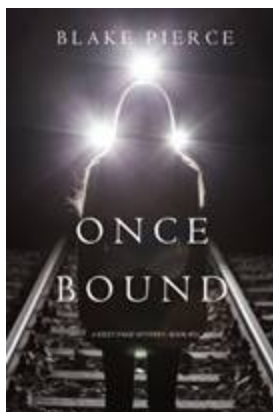
A Agente Especial do FBI Riley Paige pode ter encontrado finalmente alguém ao seu nível: um assassino sádico que ata as vítimas aos carris para serem atropeladas por comboios. Um assassino suficientemente

inteligente para evitar ser capturado em vários estados – e suficientemente encantador para passar despercebido. Riley percebe que necessitará de todas as suas faculdades para entrar na mente doente deste assassino – uma mente que a própria Riley não sabe se quer penetrar.

E tudo com um twist final tão chocante que nem a própria Riley o poderia esperar.

Um thriller psicológico negro com suspense de cortar a respiração, ONCE BOUND é o livro #12 de uma nova série alucinante – com uma inesquecível nova personagem – que o obrigará a não largar o livro até o terminar.

O Livro #13 da série de Riley Paige estará disponível em breve.



[DESPEDAÇADAS](#)
[\(Um Mistério de Riley Paige—Livro 12\)](#)

Sabia que escrevi vários romances no género de mistério? Se ainda não leu todas as minhas séries, clique numa das imagens abaixo para fazer o download do primeiro livro de uma das séries!



Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com doze livros (com outros a caminho). Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por oito livros (com outros a caminho); da série AVERY BLACK, composta por seis livros (com outros a caminho), da série KERI LOCKE, composta por cinco livros (com outros a caminho); da série de enigmas PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta de dois livros (com outros a caminho); e da série de enigmas KATE WISE, composta por dois livros (com outros a caminho).

Como um ávido leitor e fã de longa data do género de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE ENIGMAS KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro n 1)

SE ELA VISSE (Livro n 2)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)

ESPERANDO (Livro #2)

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

PERSEGUIDA (Livro #5)

A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)

COBIÇADAS (Livro #7)

ESQUECIDAS (Livro #8)

ABATIDOS (Livro #9)

PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)

DESPEDAÇADAS (Livro #12)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

ANTES QUE ELE PRECISE (Livro nº5)

ANTES QUE ELE SINTA (Livro nº6)

ANTES QUE ELE PEQUE (Livro nº7)

ANTES QUE ELE CAÇE (Livro nº8)

ANTES QUE ELE ATAQUE (Livro nº9)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

MOTIVO PARA MATAR (Livro nº1)

MOTIVO PARA CORRER (Livro nº2)

MOTIVO PARA SE ESCONDER (Livro nº3)

MOTIVO PARA TEMER (Livro nº4)

MOTIVO PARA SALVAR (Livro nº5)

MOTIVO PARA SE APAVORAR (Livro nº6)

SÉRIE DE ENIGMAS KERI LOCKE

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

UM RASTRO DE HOMICÍDIO (Livro nº2)

UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro nº3)

UM RASTRO DE CRIME (Livro nº4)

UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro nº5)